



Playing in the Rain

Spychang Je
FOR REVIEW ONLY

a novella

JANE HARVEY-BERRICK

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



Playing in the Rain

Spychangel
FOR REVIEW ONLY

JANE HARVEY-BERRICK



Playing in the Rain

Psychang Je
FOR REVIEW ONLY

JANE HARVEY-BERRICK

Playing

in the Rain

Jane Harvey-Berrick

Este livro é dedicado a Sheena Lumsden.

Por tudo.



A razão pela qual eu

estou aqui com o meu cartão de embarque na mão, esperando para voar 11.000

quilômetros para uma aventura em um novo país, é ele.

Ele bateu na minha vida, como uma onda do mar gigante¹. Ele mudou tudo.

Estou segurando meu cartão de embarque como a minha vida, e eu estou engasgada com os nervos pelo que eu estou prestes a fazer.

Mas, então, eu o vejo. Eu acho que eu o vejo. Do outro lado da multidão, girando entre o rio humano, um flash de olhos azuis. Aquele

sorriso, aquele amor de vida, um choque de cabelo preto. Eu o vejo e, em seguida, ele se foi, perdido em algum lugar no mar de rostos.

E eu sorrio.

1 No original millpond, que é reservatório de água usado como energia para mover um moinho, mas coloquialmente para descrever uma quantidade enorme de água.



Capítulo Um

Espessas, pesadas

gotas de chuva sujas, canalizadas no para-brisa, saltando do capô, descendo em torrentes pelo vidro enevoadado.

Eu não conseguia ver do lado de fora. Meu novo Prius, um carro ecológico, não acreditava em limpadores que trabalhavam enquanto o carro estava parado.

O carro podia estar parado, mas eu estava efervescendo com energia raivosa.

Eu bati no volante em pura frustração. Não sou normalmente uma pessoa com raiva no trânsito, eu estava louca para além do entendimento.

Que fiasco total e absoluto. Eu não podia acreditar que *aquilo* acabou de acontecer. Ser estagiária na Wallman & Wallman era meu emprego dos sonhos. Tinha sido o trabalho dos meus sonhos. Mas aquele idiota deixou perfeitamente claro que ele só me dava a posição, se eu *lhe* desse a posição que ele queria, que era eu de joelhos. O que acabava sendo um boquete na sala de reuniões, porque era a sua companhia e ele era o chefe.

Sim, existem leis contra isso, mas quem acreditaria em mim? Ninguém. Absolutamente ninguém. Eu tinha sido tocada pelo jogador final, e eu tinha perdido.

Eu disse a ele onde ele poderia enfiar o emprego, socar ou qualquer outra forma, e era em um lugar onde o sol não brilhava. Despediu-me no local, porque, ao contrário dele e de seu sutil, assédio sozinho, eu disse a ele onde poderia ir à área de recepção principal no trabalho.

Eu disse que ele era um idiota delirante e *ele me* demitiu.

Não só eu estava desempregada agora, como o aluguel do meu novo apartamento não estava em dia e não tinha amigos a quem recorrer em uma cidade onde eu vivia há apenas quatro semanas. E agora eu estava presa em um engarrafamento, com meu tanque de gasolina perigosamente perto do vazio. Presa em uma fila de carros, caixas de metal brilhantes indo precisamente a lugar nenhum. Na chuva. Na chuva torrencial, forte, pesada.

Não era para ter acontecido assim. Nada disso deveria ter acontecido. Este era o sul da Califórnia, pelo amor de Deus. Não era para chover de jeito nenhum. Eu tinha visto a filmes - sol de ponta a ponta.

Mas, oh não. Deus me odiava tanto que minha vida tinha cagado em cima de mim e agora estava chovendo malditamente.

Eu estava tão animada quando me ofereceram essa posição. Todo o meu trabalho duro ao longo de quatro anos, sombrios da faculdade, trabalhando para atingir o objetivo de me tornar uma Certified Public Accountant². Eu esperava começar a pagar meus empréstimos estudantis, logo que eu tivesse a minha licença; planejei um futuro estável, uma vida segura em meus próprios termos e por meu próprio mérito. Finalmente, eu seria capaz de fazer algo para deixar o meu pai orgulhoso. Não era fácil ser a mais nova de uma família de super-2 Certified Public Accountant (CPA) é o título estatutário de contadores qualificados nos Estados Unidos que foram aprovados no Uniform Certified Public Accountant Examination e cumpriram com requerimentos adicionais de formação acadêmica e experiência para a certificação como CPA.

empreendedores, e ele sempre me olhou com um ar abatido de decepção. Isso, junto com baixas expectativas.

O pai tinha sido relutante em me mudar para tão longe de casa, longe da sua influência e das minhas irmãs mais velhas, mas eu tinha ignorado todas as suas preocupações bem fundamentadas. E mesmo

que ele pensasse que era um erro, ele pagou para eu voar para cá; e pelo depósito no apartamento caro, que ele insistiu, com boa segurança, câmara na entrada e porteiro em tempo integral; e pagou pelo meu brilhante carro ecológico. Era para ser um mundo novo e excitante. Era para ser a minha vez. Minha vez.

Eu nunca me senti tão miserável. *E ainda estava chovendo.*

Foi quando eu o vi.

Um borrão de movimento chamou minha atenção enquanto a chuva no meu para-brisa me dava a ilusão de que eu estava debaixo d'água. Ele estava correndo, o que eu acho que é o que as pessoas fazem quando são surpreendidas pela chuva. Um enorme cão peludo estava correndo ao lado dele, combinando com seu tamanho e até mesmo seus passos, ambos encharcados e gotejando, com os pés espirrando nas poças, gotas de chuva escorrendo pelo seu rosto.

Sua camisa branca tinha se tornado transparente e agarrou-se a seu peito musculoso, e eu podia ver a rápida ascensão e queda de cada respiração. Ele ergueu a mão, flexionando os tendões em seu antebraço quando ele empurrou seu cabelo negro escorrendo dos seus olhos. E então ele me passou, deixando um vislumbre do seu bumbum firme em um par de shorts de corrida e longas pernas musculosas a passos largos. Todas essas coisas me chamaram a atenção, mas o que totalmente capturou e a manteve, que fez com que eu não conseguisse desviar o olhar, era o enorme sorriso de prazer em seu rosto.

Ele estava molhado até os ossos e sorrindo tanto, que eu podia ver até mesmo seus dentes brancos, sorrindo como um louco, como se ele estivesse *gostando* da chuva.

— Que idiota. — eu murmurei para mim mesma, trancando as minhas portas, apenas para o caso da loucura ser contagiosa.

O corredor diminuiu a velocidade, virando para a entrada do parque na frente de onde eu estava presa no meu carro. Ele se inclinou para pegar uma bola de tênis da boca do cão e sua camisa se levantou nas suas costas, mostrando sua cintura em bom estado e quadris estreitos. Ele jogou a bola como se estivesse lançando uma bola de beisebol, e o vira-lata latiu e saltou atrás dela, sua cauda grossa balançando loucamente. O cão saltou para trás, latindo com a bola entalada na sua boca, pulando para cima e deixando pegadas de lama sobre a camisa do homem. Ele jogou a cabeça para trás e riu, lutando com a bola revestida de saliva do cão e jogou-a novamente. Ele nem sequer tentou

se abrigar da chuva. Ele estava brincando com o cachorro - brincando na chuva torrencial .

E então sua cabeça se levantou e eu juro que ele olhou para mim, como se tivesse sentido o peso do meu espanto. Eu afundei no meu banco, me recusando a encontrar o seu olhar, olhando friamente para frente, mas não antes de eu perceber que o cara era malditamente bonito. Não simplesmente bonito - mas lindo. Maços do rosto altas, lábios que estavam cheios e rosa do exercício, e olhos azuis impressionantes, emoldurados por longos cílios escuros. Dentes brancos perfeitos de modelo e um corpo construído para... oh Deus, eu estava superaquecendo, porque se alguma vez eu tivesse visto um corpo construído para o pecado, aquele homem tinha. Embora agora eu tivesse visto seu rosto por inteiro, ele era mais jovem do que eu pensava inicialmente; minha idade, talvez.

O tráfego começou a se mover, rasgando meus pensamentos do belo homem que estava de pé na chuva, ainda me observando.

Eu deixei o Prius rastejar poucos metros na estrada. Luzes traseiras vermelhas brilharam na minha frente, em seguida, desapareceram de novo, e eu estava prestes a seguir uma segunda vez, quando alguém bateu na janela do passageiro, fazendo-me gritar de susto.

Era ele, e ele estava sorrindo para mim, fazendo um gesto para eu abaixar a janela.

Olhei também, minha boca aberta em estado de choque, então eu pulei novamente quando o carro de trás buzinou alto.



— Paciência é uma virtude, idiota! — eu gritei para o espelho retrovisor, em seguida, corei quando vi meu lindo perseguidor sorrindo.

Ele apontou novamente para eu abaixar a janela. Apertei o botão para abrir uma fresta, e ele deslizou um pedaço de papel para mim, piscou, então continuou com sua corrida, a bola de pelo feia galopando ao lado dele.

Eu li a escrita manchada, a tinta borrada no papel molhado. Eu esperava um nome e um número de telefone, ou talvez o nome de um bar e um horário, mas tudo o que o papel dizia era:

Você é linda.

Era isso. Nada mais. Apenas três palavras.

O carro atrás de mim buzinou novamente e eu deixei cair a nota, avançando para frente com o tráfego.

Eu não podia estacionar fora do meu prédio. Claro que não. Por que a minha sorte mudaria em um dia de merda? Tive de correr quase dois blocos nos meus Laboutins favoritos - os que eu pretendia pagar com o meu primeiro salário. Ou o meu segundo. Logo, em qualquer caso.

Eu teria que telefonar para o Recursos Humanos para descobrir o que eu tinha direito. Afinal, eu tinha trabalhado no Wallman por um mês - eu devo ter direito a alguma coisa.

Peguei uma toalha limpa, esfregando-a sobre o meu cabelo enquanto eu arrastava pelo apartamento, finalmente caindo sobre uma cadeira para puxar o

jornal encharcado da minha bolsa. Eu me concentrei em tentar virar as páginas úmidas sem rasgá-las, na esperança de que haveria algo na seção de empregos ou mesmo nos classificados. Agora, eu pegaria qualquer coisa, até mesmo outro emprego de garçoneiro, como as dezenas que eu tinha pego na faculdade. Qualquer coisa para que eu não tivesse que ir rastejando para o meu pai por dinheiro. Então eu não tinha que provar o que ele já suspeitava sobre mim.

Conforme virava as páginas com cuidado, um pedaço de papel caiu no chão. Apanhei-o, a nota do estranho, então a amassei em uma bola, para atirá-la no lixo.

Algo me parou. Eu hesitei, lendo as palavras inocentes de novo, e eu desamassei, alisando-a com meus dedos e coloquei em cima do balcão da cozinha para secar.

Eu precisava de uma bebida. Não era algo que eu fazia com frequência, mas eu tinha aprendido os benefícios do álcool insanamente forte na ocasião.

Eu tinha escondido uma garrafa de tequila por trás de um pacote de macarrão, e eu tossi ligeiramente quando o líquido desceu na minha

garganta, mas teve o efeito calmante que eu desejava. Senti minhas bochechas corarem, tanto da bebida como da memória das últimas três horas - as horas em que um enorme buraco apareceu no meu mundo e eu tinha caído diretamente nele. Tinha sido um longo tempo desde que eu tinha perdido a cabeça daquele jeito em público. Eu tinha trabalhado tão duro para controlar isso ao longo dos últimos quatro anos.

Olhei para o pedaço de papel novamente, rancorosa por que o homem misterioso tinha ignorado e corrido sem deixar uma maneira de eu entrar em contato com ele. Por outro lado, quando foi à última vez que alguém tinha feito algo de bom para mim, só por fazer? Quando foi a última vez que *eu* tinha feito algo de bom? Fazia um tempo.

E sem a minha permissão, um sorriso se contorceu em meus lábios.

Foi um gesto doce. Louco, mas doce. E não havia dúvida de que ele era atraente. Talvez fosse melhor assim; eu poderia apenas lembrar disso como um encontro intrigante e perfeito em um dia realmente de merda, ao invés de outro cara aleatório que deu em cima de mim.

Eu sabia que os homens me achavam atraente. Não era minha culpa que eu me encaixasse no estereótipo de loira burra. Sim, eu tinha peitos grandes e longos cabelos loiros. Mas isso não faz de mim uma vagabunda. Minha média de 4,0 provava isso. Eu trabalhei pra caramba na faculdade. Eu *merecia* ter um ótimo trabalho.

Deprimida com o pensamento de que eu não tinha mais, eu tirei a saia lápis preta apertada e a blusa de seda cinza encharcada de chuva, trocando para um moletom confortável e tênis velhos.

Eu tinha planejado pedir comida chinesa, mas sabendo agora que a minha conta bancária definhava perigosamente perto de zero, eu renunciei facilmente, e em vez disso, voltei para o supermercado local, tentando economizar alguns dólares.

Eu carreguei com alimentos saudáveis e recheei com uma barra de chocolate no último momento. Eu realmente queria comprar uma garrafa de vinho, mas decidi que 9,99 dólares era mais do que eu podia pagar no momento.

No caminho de volta, passei por uma mulher idosa que parecia familiar. Quando eu apressei para passar por ela, de cabeça baixa, sem vontade de falar, percebi que ela morava no meu prédio. Ela estava lutando para carregar uma sacola de mantimentos e um guarda-chuva.

Caramba!

Olhei por cima do meu ombro, assistindo-a, impassível em sua luta. Talvez tenha sido o ato aleatório de bondade do meu homem misterioso, mas eu me virei e encontrei-me oferecendo para carregar as compras dela, junto com as minhas. Por que tinha que ser hoje que alguém fez algo de bom para mim?



— Posso te ajudar com isso?

Ela olhou com medo por um momento, e eu senti um impulso de irritação que meu gesto foi mal interpretado.

Mas sua expressão se transformou em surpresa cautelosa.

— Eu moro no seu prédio. — eu disse.

Ela assentiu com a cabeça e arriscou um pequeno sorriso.

— Eu sei querida. Eu vi você. Eu tentei falar com você no dia em que você se mudou.

Eu fiz uma careta. *Sério?* Eu não me lembro disso.

— Você precisa de alguma ajuda com seus mantimentos? — eu perguntei de novo, tentando não gritar com ela quando ela olhou torto para mim.

— Obrigada, querida. — ela disse, por fim.

Ela me entregou a sacola de papel. Maldição, era pesada e difícil de administrar com minhas próprias compras. E, em seguida, começamos a nos mover no ritmo de um caracol com artrite em direção aos apartamentos.

Meu cabelo caía em pedaços molhados e eu estava molhada até os ossos, mais uma vez. Por que fazer uma boa ação era tão difícil?

Mas então ela sorriu e agradeceu-me, e eu gostei da onda de prazer que aqueceu meu interior. *Veja, eu sou uma pessoa legal. Ajudo velhinhas, mesmo que eu esteja desempregada, uma sonhadora irresponsável, assim como meu pai sempre disse.*

No dia seguinte, eu decidi caminhar até o parque, na esperança de ver o meu homem misterioso, mas claro, ele não estava lá. Eu poderia até ter pensado que eu o tinha inventado, se não fosse o pedaço de papel amassado que eu tinha preso na armação do espelho do meu quarto.

Sentei-me em um dos bancos, perdida em pensamentos, sentindo pena de mim mesma.

Hoje o sol estava brilhando, vibrando em uma exibição gloriosa de calor que fazia a grama úmida chiar e evaporar.

Uma mulher com uma criança e um pequeno terrier feliz dirigiu-se para a área de recreação infantil. Eu observei quando ela amarrou o vira-lata pela coleira no suporte dos balanços, o animal olhando melancolicamente para o trecho vazio de grama onde o homem misterioso tinha jogado a bola para seu cachorro.

A criança gritou animadamente enquanto sua mãe a empurrava mais e mais. Seu rostinho estava vermelho de gritar e uma pequena trilha de catarro pulsava de uma narina. Mas ela não se importou e sua mãe não percebeu; eles estavam ocupados demais em ser felizes, o balanço arqueando através do ar.

Ocorreu-me que um dono de cachorro pode conhecer o outro, especialmente se ele vinha a este parque todos os dias. Vale a pena uma tentativa, mesmo correndo o risco de alguma humilhação quando eu tiver que explicar o que - ou quem - eu estava procurando.

Eu sorri para a mulher enquanto ela diminuía a velocidade do balanço, e me abaixei para acariciar seu cão desalinhado. Ele rosnou, mostrando os dentes amarelos e afiados, e me afastei rapidamente. A mulher deu uma risada curta e envergonhada.

— Desculpe por isso. Ludo não é muito amigável. Ele é velho e rabugento. Como o meu sogro. — ela murmurou baixinho.

— Sem problema. — eu disse, olhando de lado para o cachorro enquanto ele cheirava meus tornozelos. — Hum, eu quero saber se você pode me

ajudar? Tem um cara que vem aqui - ele tem cerca de 1,80m ou talvez um pouco mais alto, cabelo preto, olhos azuis e tem um enorme cão castanho escuro, parece um Terra Nova³ ou algo assim. Eu não tenho certeza, mas é enorme e peludo. Eu não suponho que você conheça

ele, hum, eles?

Ela sorriu em reconhecimento.

— Uh-huh, com certeza conheço. É o Cody. — então ela colocou as mãos sobre os ouvidos de seu filho. — Ele é *quente*, se é que me entende.

— Oh, definitivamente te entendo. — eu concordei, com um sorriso cúmplice.

Ela suspirou e abanou as mãos na frente do seu rosto antes que ela começasse a empurrar seu filho novamente, balançando-o mais suave agora. —

Deus, se eu fosse dez anos mais jovem - e não estivesse em um casamento feliz...

— as palavras dela sumiram quando seus olhos assumiram uma expressão sonhadora.

— Então, ele vem aqui quase todos os dias? — eu a instiguei.

— Não todos os dias. Acho que ele acabou de se mudar para a área. — ela sorriu. — Mas eu o tenho visto aqui algumas vezes. Principalmente na parte da tarde. Talvez se você ficar por aqui agora você vai encontrá-lo.

Eu sorri de volta para ela.

— Eu devo fazer isso. Obrigada.

Eu encontrei outro banco para sentar e estiquei as pernas, na esperança de tomar algum sol. Eu estava tão ocupada no último mês que eu mal tive um momento para tirar vantagem de estar na ensolarada San Diego. Eu estava me sentindo pálida e extremamente necessitada de trabalhar no meu bronzeador.

Enquanto eu esperava, eu tirei meu telefone para verificar as minhas mensagens.

3 Raça de cachorro.

Chloe queria saber como o meu trabalho estava indo. Eu apaguei essa. Chega de falar com a minha irmã mais velha. Ela estava sempre na minha cola, querendo saber das minhas coisas.

Eu também excluí o texto de Emily, que questionou por que eu não tinha ido para casa para o desfile de quatro de julho, e se eu estaria em casa para o Dia do Trabalho, Ação de Graças e Natal.

Não, não e não. Que diabos ela estava fazendo me perguntando isso tudo, quando era apenas meados de julho?

Eu apaguei mais três mensagens da minha outra irmã, Julie, e uma do meu pai, todas fazendo as mesmas perguntas: Como estava o trabalho, se eu estava gerenciando, quando eu ia para casa.

Afastei meu telefone, de cara feia para o céu azul sem culpa. Suspirando, eu decidi que eu realmente precisava enviar meu currículo para alguns lugares que podem estar contratando. Não há mais tempo para sentar em parques com a esperança de cobiçar caras quentes.

E então eu o vi.

E ele era ainda mais bonito do que eu me lembrava.



Capítulo Dois

Ele não tinha me visto,

então eu era capaz de observá-lo, sem ele saber.

Sinceramente, eu estava encarando. Ele parecia ainda mais incrível, sem o véu da chuva de ontem. Hoje, seu cabelo estava penteado para

trás por causa do suor e a camisa branca tinha sido substituída por uma azul claro que combinava com seus olhos.

Enquanto continuei a encarar, ele agarrou sua camisa pela parte de trás do pescoço, puxando-a desajeitadamente sobre a sua cabeça e jogando-a sobre a grama.

Seu amigo peludo saltou para cima e para baixo, claramente reconhecendo isso como brincadeira. Vi o homem erguer a bola de tênis da mandíbula da fera, ignorando a baba que a acompanhava e atirou-a a uma distância de dezoito metros.

O homem misterioso era definido. Eu poderia contar em seu abdômen quando ele se inclinou e alongou, e os músculos das suas costas ondulavam cada vez que ele jogava a bola. Sua pele era macia e bronzeada em um marrom dourado profundo, acentuando aqueles olhos azuis pálidos extraordinários contra seu cabelo preto.

Ele era gracioso, também: a cada movimento intencional, com um toque de poder contido.

Depois de alguns minutos, o cão se jogou a seus pés, desgastado pelo calor do seu próprio casaco peludo. O homem misterioso derramou um pouco de água nas mãos em concha e deixou o cão lambê-lo desordenadamente.

O homem - Cody, como já o conhecia - olhou para cima e me viu, parando em surpresa, em seguida, mostrando seu belo sorriso meloso.

Enquanto ele caminhava em minha direção, meu coração deu um pequeno salto de esperança.

— Oi. — ele disse. — Você é a garota do carro.

— Sim. — chiei, irritada que minha voz estava uma oitava mais alta do que o habitual, justamente quando eu queria soar rouca e sexy.

— Você está diferente sem as suas roupas de negócios.

Suas palavras, que poderiam ter sido inocentes, assumiu um tom sensual conforme ele continuava a olhar para mim.

Senti meu rosto esquentar enquanto olhava para ele, protegendo os olhos do sol, tentando descobrir como responder, mas ele me salvou o esforço.

— Posso te pagar um sorvete? Tem um cara em frente ao parque que faz um iogurte congelado incrível.

— Você está dando em cima de mim?

As palavras escaparam em um jorro embaraçoso de som.

Ele sorriu. — Bem, sim, eu acho! Garota bonita, dia lindo, iogurte congelado incrível - definitivamente um dos dias bons. Sou Cody.

Ele estendeu a mão para mim, em seguida, olhou-a com horror.

— Uh, isso não é uma boa ideia. Tenho certeza de que Oscar babou em mim. — ele limpou a mão em sua bermuda, então se virou e chamou por cima do ombro. — Oscar, venha aqui, rapaz! Venha dizer oi.

O monstro relutantemente ergueu-se e caminhou ao longo, respirando seu bafo de cachorro no meu rosto, então sentou-se no meu pé, uma tonelada de peso peludo.

— Ah, ele gosta de você!

— Sim, é, hum, mútuo. Você pode tirá-lo de cima de mim? Eu não consigo sentir meu pé.

Ele pegou um punhado de pele e puxou Oscar um centímetro, permitindo-me libertar a minha sandália.

Ele sorriu, completamente descarado.

— Qual o seu nome, garota bonita?

Eu fiquei um pouco irritada com o seu excesso de confiança, mas decidi que iria dar-lhe o benefício da dúvida. Por enquanto. Mas só porque ele era extremamente atraente, e seu peito nu estava me impedindo de pensar direito.

— Ava.

Ele sorriu de novo, mais suave agora.

— Então, Ava, posso comprar-lhe aquele iogurte congelado?

Eu assenti com a cabeça e levantei desajeitadamente, aliviada, quando ele colocou a camisa. Muita carne masculina desejável estava começando a me assustar. Fazia um tempo.

Oscar deixou escapar um suspiro de frustração, ficando de pé novamente e se arrastando atrás de nós.

— Você não deveria colocá-lo na coleira?

Cody riu alto, e eu descobri-me rindo sem motivo.

— Nah. Ele está com muito calor e cansado para fugir, não é, cara?

Oscar balançou o rabo debilmente, não mostrando nenhuma inclinação para qualquer coisa mais animada.

— Mas eles têm leis de coleira.

— Você vai me denunciar?

Eu fiquei aflita. — Não! Claro que não! Mas outra pessoa pode.

Ele olhou em volta.

— Acho que não. A maioria das pessoas por aqui conhece o Oscar - todos sabem que ele é inofensivo.

— Como você conhece tantas pessoas quando você acabou de se mudar?

Ele ergueu as sobrancelhas. — Quem te disse isso?

Meu rosto corou, me entregando.

— Eu não vi você aqui antes. — disse, elevando o meu queixo.

— Talvez você seja nova. — ele respondeu. — Eu não vi você antes de ontem também, e eu acho que eu teria notado.

— Estou aqui há um mês. — eu defendi.

— Tudo isso?

Ele estava rindo de mim, o que me deixou um pouco brava. Especialmente porque eu nunca ficava perturbada perto de caras. Até agora. O pensamento me deixou na defensiva.

— Eu tenho que ir. — e virei para ir embora.

Ele colocou a mão quente no meu braço, fazendo minha pele formigar agradavelmente.

— Não vá, Ava. Eu só estou brincando com você. Eu serei bom, eu prometo. Oscar também. Veja, eu vou até colocá-lo na coleira.

Ele prendeu uma longa guia vermelha na coleira do Oscar. O animal levantou a cabeça pesada e olhou para Cody, uma expressão ferida no rosto solene, então, prontamente deitou.

— Vamos lá, Oscar! Mexa-se!

Cody puxou a coleira, mas o enorme pedaço de pele não se moveu um centímetro.

— Eu não acho que ele gosta de ficar na coleira. — eu disse, tentando não rir.

Cody sorriu para mim.

— Não. Odeia.

— Será que ele vai se mover se você a deixar nele?

— Provavelmente não...

Eu suspirei, fingindo parecer resignada.

— Então eu acho que é melhor tirá-la.

Ele piscou para mim e soltou a coleira.

Oscar resmungou baixinho então se pôs em pé novamente.

— Você é um farsante, meu amigo. — Cody disse, esfregando a cabeça enorme do cão. A língua de Oscar pendeu para fora da boca, dando a impressão de que ele estava sorrindo.

Caminhamos em silêncio por alguns minutos, e eu me perguntei novamente o que eu estava fazendo aqui.

— Como é que você não está trabalhando hoje? — Cody perguntou, eventualmente.

Eu me irritei instantaneamente. Isso era um assunto *muito* delicado.

— Como é que *você* não *está*?

Ele deu de ombros, mas não olhou para mim.

— Eu não quero trabalhar.

— Isso deve ser bom. — eu disse, irritada.

Ele sorriu, divertido com a minha aspereza.

— Sim, vai ser ótimo. Eu vou fazer uma lista de desejos de todas as coisas que eu sempre quis fazer, e eu vou fazer tudo neste verão.

Eu olhei para ele para ver se ele estava brincando, mas ele parecia sério.

— Que tipo de coisas?

— Bem, eu não escrevi ainda. Mas... eu sempre quis fazer uma tatuagem.

Eu não podia deixar de olhar para a sua pele perfeita, sem defeitos, imaginando como uma tatuagem ficaria.

— Sério? O que você faria?

Ele apontou para o seu ombro esquerdo. — Um símbolo yin e yang.

— Oh, eu pensei que você faria alguma coisa tribal.

— Por que eu faria isso?

Dei de ombros. — Elas são populares, certo?

— Sim, eu acho. Mas eu quero uma que signifique algo para mim.

— Então, o que yin e yang significa para você? Você não parece chinês.

Ele riu novamente, mostrando seus dentes perfeitos para mim. *Deve ser bom ser tão feliz*, pensei.

— Não tanto que você notaria. Nah, trata-se de opostos inter-relacionando, dualidade natural: luz e escuridão, fogo e água, sol e lua, macho e fêmea, a vida e a morte. — ele sorriu de novo. — E vai ficar legal.

Eu suspirei e levantei minhas sobrancelhas.

— Então, você marcaria sua pele permanentemente só para parecer legal?

— Eu não consigo pensar em uma razão melhor. Por que, o que você faria?

— Eu não acho que eu quero uma tatuagem - tenho medo de agulhas.

Ele tentou não sorrir, mas não conseguiu. — Não, você vai ficar bem. Eu vou segurar sua mão.

Eu pisquei e desviei o olhar.

— Vamos, Ava. — ele disse, baixando a voz e aumentando o fator sensualidade dez vezes. — Eu mostrei o meu, então agora você tem que me mostrar o seu. Que tatuagem você faria?

Eu respirei fundo para acalmar meus hormônios em fúria.

— Bem, no cenário extremamente improvável em que eu faria uma, seria o símbolo astrológico de Peixes, porque meu aniversário é em março.

— Você acredita em toda essa merda?

Ele estava me irritando novamente.

— Você pode ter algum símbolo do Extremo Oriente para ‘dualidade’.
— e eu levantei minhas mãos para fazer aspas no ar. — Mas eu não posso ter o meu signo de nascimento?

Ele deu de ombros e sorriu, uma pequena covinha aparecendo em seu rosto. — Tudo bem, você pode fazer a tatuagem que você gostar. Onde você faria? Na sua...? — e ele olhou para minha bunda.

— Não! No meu pulso. Assim eu poderia cobri-la com a pulseira do meu relógio se eu quisesse.

Ele parecia confuso. — Por que você iria fazer uma tatuagem, em seguida, cobri-la.

Porque meu pai ficaria louco, mas eu não estava prestes a contar-lhe isso.

— Porque sim.

Ele ergueu as sobrancelhas e sorriu, mas não forçou.

Depois que ele tinha comprado dois iogurtes congelados - um gelado de laranja para o Oscar - nos sentamos na grama sob a sombra de uma

grande amoreira para comê-los.

— O que mais você tem na sua lista de desejos? — eu perguntei, enquanto lambia meu iogurte congelado (que era delicioso e viciante) e tentava ignorar a expressão esperançosa do Oscar conforme ele implorava pelo meu, também.

Eu peguei os olhos de Cody encarando a minha boca enquanto eu falava, e eu podia jurar que ele corou. *Então, eu não era a única que estava ficando perturbada!* O pensamento me agradou muito. Eu precisava encontrar um novo emprego, não me envolver com alguém que nem se incomoda em procurar trabalho, não importa o quão atraente era.

Ele se ocupou tirando um pequeno caderno da sua pochete e escreveu os números de um a dez verticalmente. No número um, ele escreveu:
1. Fazer uma tatuagem.

— E você? — ele questionou. — Existe alguma coisa que você sempre quis fazer?

Eu pensei muito. Havia uma coisa...

— Não, isso é bobagem.

— Vá em frente. — ele incentivou-me, enquanto eu estava sentada mastigando meu lábio.

— Bem, eu tive essa coisa com golfinhos, desde que eu vi *Flipper*⁴. Eu adoraria ir nadar com eles; na natureza, se possível.

— Na verdade, isso é muito legal. — ele disse e fez uma nota no segundo ponto em sua lista.

2. Nadar com golfinhos.

— Mas esse é o meu desejo, não seu!

— O que? Não podemos compartilhar os mesmos desejos?

— Bem, se você realmente quiser. — eu disse, sorrindo para ele. — Eu lhe dou permissão para compartilhar o meu desejo.

Ele piscou e depois escreveu algo mais em sua lista.

— O que você colocou?

Inclinou o caderno na minha direção.

3. Ficar bêbado e drogado em Tijuana.

4 Filme da década de 60 que virou uma série de TV norte americana.

— Sério? Isso está na sua lista de coisas para fazer no verão? Isso não é muito maduro.

— Claro, porque não? Eu sou um cara: nós gostamos de fazer coisas assim e eu nunca fiz isso. Quer vir comigo?

— Não! — eu disse, imediatamente.

Ele sorriu. — Eu vou te convencer. Você vai dizer que sim, eventualmente.

Eu balancei minha cabeça, mas não me preocupei em discutir.

— Tudo bem. — disse ele. — Sua vez: acrescente algo à lista.

Eu pensei por um momento, depois escrevi:

4. Ter uma estrela com o meu nome.

Ele ergueu as sobrancelhas, parecendo impressionado.

— Isso é realmente um muito bom. O que fez você pensar sobre isso?

Eu não tinha certeza se queria dizer a ele, porque o motivo era pessoal, mas por outro lado, ele compartilhou sua lista de desejos comigo, mesmo que fosse meio boba até agora.

— Minha mãe morreu quando eu tinha sete anos. Eu realmente não entendia o que aquilo significava; eu só sabia que ela tinha ido embora. Papai me disse que ela estava no céu com as estrelas, e quando eu olhasse para cima à noite, eu poderia vê-la brilhando para mim. Eu sei que parece idiota, mas eu acreditei na época.

— Não é idiota de jeito nenhum - é lindo, Ava.

Ele falou com tanta sinceridade que eu fiquei um pouco envergonhada. Entreguei o caderno de volta para ele.

— Ok, sua vez. Faça outro desejo.

— Fácil. — ele disse, escrevendo rapidamente.

5. Passeio através do Monument Valley⁵.

— Sério? Por que você quer fazer isso?

Ele deu de ombros. — É apenas algo que eu sempre imaginei: estar ao ar livre, não estar preso, cercado por muros, em algum lugar realmente incrível. Eu costumava assistir filmes de faroeste com meu pai quando eu era... quando eu era mais jovem. Parecia um lugar interessante para ir.

— Sim. — eu assenti. — Eu posso entender isso. Eu sempre quis ir acampar - dormir sob as estrelas. Minha família nunca fez nada parecido. Eu nem sequer fui para o acampamento de verão.

— Isso é fácil de resolver. — ele disse, em seguida, escreveu na lista:

6. Dormir sob as estrelas.

— Talvez pudéssemos combinar isso com passeio através do Monument Valley? — ele sugeriu.

⁵ Uma região dos Estados Unidos situada na reserva dos índios Navajos em cuja área se encontra um monumento que marca o ponto de divisas de quatro Estados e é denominado "As Quatro Esquinas" que é comum a quatro estados, que são, Utah, Colorado, Novo México e Arizona. Foi muito usada para gravação de filmes de faroeste, particularmente os de John Ford tendo como artista principal o grande John Wayne.

Eu balancei a cabeça e ri.

— Eu acho que não!

— Por que não?

— Porque... porque não faz sentido.

— Eu acho que faz todo o sentido. — ele argumentou, um sorriso enorme no rosto. — Nós dois conseguimos realizar os nossos desejos, e não temos que fazê-lo sozinho. Vai ser divertido!

— Sabe, você é meio louco. Você nem me conhece!

— Bem, você não parece como uma maníaca homicida.

— Isso é o que você pensa; eu poderia ter sido ontem.

— Por quê? O que aconteceu?

Eu fiquei irritada comigo mesma por ter tocado no assunto.

— Nada. Esqueça isso. O que mais você quer fazer?

Ele olhou para mim por um momento, franzindo a testa ligeiramente, em seguida, deixou pra lá.

— Ah, sim, o próximo é um bom.

7. Saltar de um avião.

Li com um estremecimento.

— Você tem que estar brincando! Por que alguém iria saltar de um avião em condições perfeitas?

Ele deu um sorriso tão largo, sua covinha apareceu novamente. Era muito perturbador.

— Se o paraquedas abrir, você sabe que Deus o ama.

— Sim, eu estava certa da primeira vez: você é louco.

Ele cutucou o caderno para mim. — Sua vez.

— Não, eu não vou colocar mais desejos na lista do cara louco.

Ele balançou a cabeça com tristeza fingida. — Bem, eu vou ter que encher todos os espaços sozinho.

— Sinta-se livre. — eu disse, magnânima.

Ele escreveu por um minuto, em seguida, me entregou o caderno.

8. Conhecer um curandeiro indígena.

9. Ajudar em um abrigo.

10. Fazer sexo na praia.

— O que você acha? — ele disse, quando eu não falei nada por meio minuto.

Sinceramente, eu estava começando a me perguntar se ele tinha transtorno de personalidade múltipla.

— Hum, mistura interessante. — falei da forma mais honesta que pude.

Eu poderia dizer que ele estava desapontado com a minha falta de entusiasmo, então eu abrilhantei isso. — Sexo na praia é muito incomum na Califórnia. — e eu revirei os olhos para enfatizar o sarcasmo.

Ele sorriu, mas eu peguei o brilho de desejo em seus olhos quando ele retornou meu olhar.

— Talvez, mas eu não moro aqui há muito tempo.

— Sim, claro! — eu zombei. — Você poderia entrar em qualquer bar que você queira e não ir para casa sozinho!

Ele inclinou a cabeça para um lado. — O que te faz dizer isso?

— Bem, olhe para você! Você é atraente e você tem essa covinha - tenho que dizer, amigo, tudo trabalha a seu favor!

Seu sorriso era surpreendentemente tímido. — Você acha que eu sou atraente?

— Claro que sim!

Ele olhou para a lista como se ele estivesse a estudando.

— Então, você quer? — ele disse, por fim.

— Quer o quê? — eu perguntei, com cautela.

— Você quer fazer a lista comigo? Quer dizer, não a coisa do sexo na

praia, obviamente. A menos que você queira. Merda, isso não saiu direito. Hum...

Suas bochechas ficaram vermelhas brilhantes e foi minha vez de rir.

— Eu não vou saltar de um avião também.

Ele olhou para mim alegremente. — Mas você vai fazer o resto?

— Talvez.

— Isso não é um não.

— Isso é completamente louco! Eu não sei nada sobre você, e você definitivamente não me conhece!

Ele me lançou um olhar de lado. — Você nunca quis só mandar tudo para o inferno? Arriscar de vez em quando?

Deus, sim! Eu estava tão cansada de ser sensata. E onde isso me levou? Demitida da minha primeira chance real de um trabalho.

Eu estendi minha mão e Cody a pegou, seu rosto se iluminou com prazer.

— Mas eu ainda não vou pular de um avião.

Ele riu alegremente.

— Nós vamos trabalhar nisso também.

Capítulo Três

Meu telefone tocou

com uma mensagem de texto, me acordando de um sono profundo e gratificante.

Puxei o aparelho irritante para mim e olhei para ele com um olho.

* Acorde, garota bonita! Número 2 da lista! *

Sentei-me ereta, de repente acordada. Oh Deus! Qual era o número 2? Eu não conseguia lembrar - melhor não ser saltar de um avião, porque eu não faria isso de jeito nenhum.

Meu telefone tocou novamente.

* Você já está de pé? Flipper está esperando! *

Isso chamou a minha atenção. Oh, uau! Número 2 era *nadar com golfinhos!*

* Sério? *

* Sim! Me envie seu endereço. Vou buscá-la *

Enviei uma resposta rápida, em seguida, corri para o chuveiro. No momento em que saí, tinha mais dois textos de Cody.

* Use roupa de nadar. *

* Estou do lado fora. *

Deus, eu esperava que isso não fosse um erro. Eu tinha lhe dado meu endereço, e eu mal conhecia o cara! Isso era um encontro? Nós não discutimos isso, e eu não tinha certeza de como me sentia sobre isso.

Olhei para fora da janela com a toalha enrolada firmemente ao meu redor e vi uma camionete Silverado azul escuro com listras brancas. Eu nunca tinha imaginado Cody com algo assim - era mais o tipo de coisa que os caras da minha cidade natal dirigiam.

Ele me viu e acenou com impaciência.

Eu abaixei, sentindo meu coração bater. *Que diabos eu estava fazendo?* Não, estava cheia de fazer o que deveria e apostar na segurança. Eu faria isso - o que quer que *isso fosse*.

Eu vasculhei minha cômoda, procurando pelo meu maiô, mas tudo o que eu pude encontrar foi o meu biquíni. Quando o ouvi buzinar pela primeira vez, puxei-o, encolhendo-me com a quantidade de peito que estava sobrando no top.

Na segunda buzina, eu passei uma escova pelo meu cabelo molhado e puxei um short curto e blusa de alça.

Na terceira buzina, eu estava correndo pelas escadas e Cody estava encostado na porta da sua camionete sorrindo para mim.

— É falta de educação buzinar assim quando você vai pegar uma menina!

— eu atirei.

— Fez você mover sua bunda, no entanto. — ele riu. — Venha, eu vou te levar para o café da manhã.

Meu rosto caiu. — Eu pensei que nós estávamos indo nadar com golfinhos?

— Nós vamos, mas o SeaWorld não abre até 10:00.

— SeaWorld?

Ele fez uma careta. — Sim, desculpe. Eu não consegui encontrar nenhum lugar na natureza perto o suficiente. Mas isso deve ser legal. Estaremos na piscina com os golfinhos e poderemos alimentá-los e brincar com eles e outras coisas.

Ele parecia tão preocupado que eu me senti culpada, quando ele tinha planejado isso especialmente para mim.

— Parece ótimo. — eu garanti a ele. — Nunca teria feito isso sozinha. Então, onde você vai me levar para o café da manhã? Eu aceitaria um prato de batatas fritas feito em casa espalhadas, abafadas e cobertas.

— Que diabos é isso? — ele riu.

— Ei, não critique! Essa é a melhor comida da Carolina: batatas fritas feitas em casa, abafadas com cebolas e bacon, cobertas de queijo americano e servidas com dois ovos mexidos. Mmmm!

Ele sorriu, parecendo aliviado, e aquela covinha enervante apareceu novamente.

— Bem, eu estava pensando mais no Muffin Heaven. Eles fazem os melhores muffins de mirtilo *do mundo*. Espere até você experimentá-los.

Cody estava certo. Mesmo que a pequena padaria de família fosse apenas quatro quarteirões do meu apartamento, eu nunca estive lá. O cheiro de fermento fresco fez o meu nariz contrair, e Cody parecia que queria lutar pelo seu lugar à frente da pequena fila.

Não pude deixar de sorrir.

— O que? — ele perguntou, olhando por cima do ombro.

— Você tem exatamente o mesmo olhar em seu rosto que Oscar estava ontem, quando estava olhando para o meu iogurte congelado de cereja.

Cody riu. — Sim? Mas com menos baba, espero.

— Hmm, bem, esta amizade é relativamente nova, então eu vou dar uma pequena conferida nisso. A propósito, que tipo de cão é Oscar?

— Ele é um Boiadeiro Vernês, mas não puro. Eu acho que tem um pouco de Terra Nova, também.

— Será que o pai tem o direito de visita?

Cody sorriu. — Eu não acho que ele era do tipo responsável.

— Uh-oh, um desses tipos transa-e-sai-fora. Quantos anos ele tem?

— Eu não tenho certeza. Quatro ou cinco. Progredindo para um grande cara. — o sorriso de Cody murchou.

— Você não tem certeza de quantos anos ele tem?

— Bem, ele não é meu. Pertence a um vizinho. Eu só ando com ele às vezes. É uma boa companhia - você sabe, o tipo forte e silencioso.

— Hmm, é uma mudança do tipo louco, tagarela, que escreve mensagens para estranhos aleatórios.

Ele riu, depois olhou para mim interrogativamente.

— Qual você prefere?

— O tipo forte e silencioso, mas o tipo louco está crescendo em mim, também.

— Bom. — ele disse, lançando um olhar aquecido que me calou.

Quando chegamos à frente da fila, Cody pediu dois cafés e seis muffins de mirtilo.

— Quantas pessoas você está vai alimentar? — eu perguntei, incrédula.

— Estou com fome. — defendeu. — Você pode ter dois.

— E se eu quiser três?

Ele me deu olhos de cachorrinho. — Você comeria meu muffin?

— Só pedindo uma parte igual, senhor.

— Tudo bem. — ele disse, com um sorriso. — Eu vou ver você comer três muffins, então vou ver você vomitar.

— Uau, como você consegue ser tão encantador?

— Prática.

— Aposto que você diz isso para todas as meninas.

— Somente para as bonitas que querem comer todos os meus muffins.

— Só a minha parte!

Sentamos em sua camionete, bebericando café escaldante e comendo as nossas delícias de mirtilo. Consegui dois e meio, mas só porque eu estava determinada a não ser uma garota sobre o assunto.

Cody pegou as migalhas restantes da minha mão e enfiou-as na boca, um olhar de triunfo no rosto que não combinava com as bochechas salientes.

— Meu Deus! Você parece um hamster.

Ele murmurou algo que eu não consegui entender, então engoliu em seco e começou a lamber os dedos manchados de azul para limpar.

Eu estava hipnotizada por sua língua cor-de-rosa enrolando em torno dos seus dedos, querendo saber o que mais ele poderia fazer com ela.

Ele me pegou olhando e ergueu as sobrancelhas.

Eu deveria ter desviado o olhar, mas sua expressão se tornou séria. Por um segundo eu pensei que ele ia me beijar, e eu realmente, realmente queria que ele fizesse isso. Mas, então, ele limpou a garganta várias vezes antes de olhar para longe e dar partida no motor da camionete.

O momento embaraçoso passou, quando ele ligou o rádio e uma canção de John Denver soou.

Cody começou a cantar junto, sua voz forte e surpreendentemente melodiosa, com um tom sexy áspero. Eu podia imaginá-lo à frente de uma banda de rock - ele era certamente sexy o suficientemente.

— Como é que você conhece toda a letra? — eu perguntei, quando a música terminou.

Ele sorriu, completamente relaxado de novo.

— É a favorita da minha mãe. — ele sorriu. — 'Some days Diamonds, some days stone.' Trata-se de aproveitar ao máximo o que você tem na 6 Música de John Denver – em português: Alguns dias diamantes, alguns dias pedras.

vida; você sabe, a vida lhe dá limões, então faça limonada e toda essa merda feliz.

— Muito filosófico.

Ele deu de ombros. — Eu gosto dela.

Nós dirigimos em silêncio o resto do caminho para o SeaWorld, cada um perdido em nossos pensamentos, mas eu o vi olhando para mim algumas vezes, como se quisesse dizer algo, mas não queria ou não podia.

No aquário, fomos levados para uma pequena sala de aula com outras três pessoas - uma mãe e duas crianças - e recebemos uma curta palestra sobre golfinhos, seu comportamento e habitat.

Cody estava tão animado como uma das crianças e ansioso para entrar no tanque com os golfinhos.

— Nós vamos nos encontrar com um golfinho de trinta anos de idade, chamada Mavis. — disse o treinador. — Ela é muito amigável e adora estar perto de pessoas.

— Uau, 30 anos de idade. — disse Cody, suavemente. — Ela é quase um golfinho idoso.

O treinador sorriu.

— Não a deixe ouvir você dizer isso; Mavis é muito ágil!

Fomos apresentados para os vestiários e nos foram dados armários para nossas roupas. Eu me senti constrangida em meu biquíni, mas a mãe que estava comigo suspirou com inveja.

— O que eu daria para ter a sua aparência. Mas ter dois filhos... bem, vamos apenas dizer que a gravidade não é gentil.

Eu sorri e agradeci.

— Seu namorado é um querido. — ela disse. — Meus dois pequenos bagunceiros estão bastante apaixonados.

Eu conhecia o sentimento.

Nós andamos para a área da piscina para recolher as nossas roupas de mergulho.

Cody estava conversando com o treinador, e mesmo que eu já tivesse visto a maioria do seu corpo quando ele usava seus shorts de corrida, eu não poderia deixar de apreciar a paisagem muito agradável.

Sua boca abriu quando me viu, e eu vi seus olhos viajarem por todo o

meu corpo com admiração óbvia. Eu tremi sob o seu olhar, e fiquei ao mesmo tempo aliviada e desapontada quando nos deram as roupas de mergulho.

Nós espirramos a água com as mãos, a nossa saudação à Mavis. Ela nadou em direção a nós e eu prendi a respiração enquanto ela roçava a minha mão. Sua pele era um pouco áspera, um pouco emborrachada, mas seu toque era gentil. Ela nos circulou lentamente, aproximando-se, em seguida, afastando.

— Ela está te verificando. — disse o treinador. — Apenas deixe-a nadar ao seu redor algumas vezes e se acostumar com você.

— Ela está sorrindo para mim! — a menininha riu animadamente.

— Os golfinhos parecem que estão sorrindo, mas é o seu comportamento que lhe diz como eles estão se sentindo. Sim, ela definitivamente gosta de você!

Mavis nadou em direção a nós de novo, então me cutucou com a cabeça, me empurrando para Cody.

— Ela acha que vocês formam um belo casal. — sussurrou a mãe.

Eu senti o meu rosto esquentar, mas Cody riu e colocou a mão no meu ombro, me puxando para mais perto.

Eu estava toda quente: do sol, desta experiência maravilhosa e por causa do homem em pé ao meu lado, sorrindo como se eu fosse a melhor coisa que ele já tinha visto.

Ficamos uma hora com Mavis, brincando com ela, alimentando-a, compartilhando seu ambiente e tirando fotos com ela.

Eu

estava

totalmente

em

êxtase

no

momento

em

que

terminou; profundamente relaxada de uma maneira que eu não entendia, mas que era completamente nova.

Ficamos um tempo, olhando para algumas das outras criaturas do mar, mas isso me deixou triste, ver os animais em cativeiro, mesmo em grandes aquários, bem cuidados como estes. Eles não foram feitos para serem enjaulados; eles deviam estar no oceano, livres, vivendo suas vidas. Não aqui, não importa o quão bem eles eram cuidados.

Eventualmente, fomos para um dos cafés e ficamos conversando sob o sol.

Quando voltamos para a camionete de Cody, ele abriu a porta para mim.

Eu não conseguia me lembrar da última vez que eu me diverti tanto em um primeiro encontro. Isso foi um encontro? Parecia um, mas sem o constrangimento de costume. Talvez nós fôssemos apenas duas pessoas fazendo os nossos desejos se tornarem realidade.

Quando Cody subiu na camionete, inclinei-me e beijei sua bochecha.

— Obrigada. Isso foi incrível. Uma das melhores coisas que eu já fiz na minha vida. Obrigada por me levar.

Ele sorriu e olhou para baixo, onde minha mão estava descansando em seu joelho, e ele enfiou os dedos nos meus.

— Estou feliz que você gostou. — disse, apertando a minha mão suavemente antes de soltar. — Quer riscar mais alguma coisa da lista?

— O que você tem em mente?

— Número um.

Uh-oh.

— Quer dizer...?

— Sim, hora da tatuagem!

— Oh, eu não tenho certeza sobre isso.

— Vai ficar tudo bem, Ava. Eu vou primeiro, assim você verá que está tudo bem. Mas só faça a sua se realmente quiser; ainda podemos riscá-la da lista, se apenas um de nós fizer.

Concordei com relutância, sentindo um enjoo no meu estômago, e eu estava me arrependendo do sanduíche de atum que eu tinha comido no SeaWorld.

Ele dirigiu para uma parte da cidade que eu não conhecia, seguindo as instruções do seu GPS, e, finalmente, estacionou na frente de uma loja que tinha as palavras 'Propaganda Tattoo' pintadas através da grande janela.

Olhei para fora ansiosamente, e Cody teve que me persuadir a sair da sua camionete com uma promessa de sorvete de cookie mais tarde.

Ele segurou a minha mão, esfregando o polegar sobre os nós dos dedos para me acalmar, então nos levou para a loja de tatuagem. Fiquei surpresa com a limpeza, o espaço aberto; esperava algo sujo e bagunçado.

— Posso ajudá-lo gente boa?

Um homem enorme, com tatuagens subindo pelo pescoço e braços grossos, caminhou em nossa direção. Me escondi atrás de Cody enquanto discutiam sua tatuagem de yin e yang.

— Sua namorada pode esperar aqui fora ou vir e assistir. — ele ofereceu.

Cody piscou para mim, mas não corrigiu a suposição do homem.

— Você quer assistir? — Cody perguntou, preocupado quando o sangue drenou do meu rosto.

— Hum... eu não tenho certeza.

— Ele vai ficar bem, querida. Talvez você pudesse segurar a mão dele -

são sempre os caras durões que acabam por ser maricas.

Eu ri com a voz trêmula, mas os segui para dentro da cabine.

Cody sentou-se em algo parecido com uma cadeira de dentista, enquanto o tatuador, que se chamava 'Monk', limpava a parte superior do seu braço com antisséptico e o raspava com cuidado. Em seguida,

ele passou o estêncil e o posicionou em Cody.

— Última chance para mudar de ideia, cara.

Cody sorriu para mim. — Não, eu estou bem.

O zumbido da pistola de tatuagem me deixou fraca. Cody não se mexeu, mas eu vi uma veia pulsar no seu pescoço, e seu maxilar mostrou tensão. Sem pensar, puxei sua mão para a minha e segurei-a com força. Ele piscou, surpreso, depois sorriu para mim.

Quinze minutos depois, estava pronta. A pele de Cody parecia um pouco rosa nas bordas, mas por outro lado não tão áspera como eu esperava.

O projeto yin e yang era puro e afiado, e mais ou menos o diâmetro de uma bola de beisebol. Pareceu muito bom.

Monk colocou um pouco de gel sobre a nova tatuagem de Cody, e cobriu-a com algo que parecia papel filme⁷.

— Você vai fazer uma tatoo, menina? — Monk perguntou, voltando-se para mim.

7 No original: saran wrap, marca de papel filme.

Quando ele sorriu, notei que faltava um dente. Eu não poderia deixar de me perguntar se um cliente insatisfeito lhe deu um soco.

— Você não tem que fazer, Ava. — disse ele, suavemente.

Por que eu era tão molenga? Levantei meu queixo com firmeza.

— Não, eu quero fazer uma também. Eu quero lembrar deste dia.

O sorriso de Cody ficou tão grande, que ele brilhou com felicidade.

— Eu nunca vou esquecer isso. — disse, olhando nos meus olhos.

Eu me inclinei para frente e os olhos dele escureceram, aquecendo a atmosfera entre nós, até que Monk pigarreou.

— Então o que você quer, querida?

Pisquei algumas vezes, constrangida pela forma como estava me comportando, mas nada sobre hoje tinha sido habitual.

— Eu gostaria do símbolo astrológico para Peixes, por favor.

— Não quer um golfinho? — Cody sorriu para mim.

Eu o ignorei e mostrei a Monk onde eu queria a tatuagem.

— Bem aqui.

Eu tirei o meu relógio e mostrei o lugar no interior do meu pulso.

— Claro, querida. Mas só para que você saiba, vai doer um pouco, porque você não tem muita carne e é perto do osso.

Tenho certeza que cada gota de sangue saiu do meu rosto e eu balancei levemente.

— Hum, Ava? Não sei se isso é uma boa ideia. — disse Cody, preocupado.

— Eu vou ficar bem.

Minha voz soou fraca até mesmo para os meus próprios ouvidos.

Monk balançou a cabeça e suspirou, antes de me instalar na cadeira e limpar meu pulso.

Ele estava certo: realmente doeu, e as vibrações da pistola de tatuagem me fez sentir como se meus dentes estivessem chacoalhando. Eu não podia olhar, mas Cody segurou minha mão até acabar.

— Pronto.

Olhei para o meu pulso, um pouco chocada. Parecia como se eu tivesse sido marcada, mas eu também estava bastante satisfeita comigo, e com o pequeno símbolo que estava agora indelevelmente tatuado na minha pele.

Mais uma vez, Cody se recusou a deixar-me pagar, puxando a carteira e entregando um maço de notas.

— Como você pode se dar ao luxo de fazer todas essas coisas quando você não tem um emprego? — eu resmunguei. — Você não tem empréstimos da faculdade para pagar ou algo assim? Ou você é rico?

Talvez a tatuagem tivesse ido direto para o meu cérebro, porque eu sabia que estava sendo rude. Cody não respondeu de imediato, uma expressão estranhamente opaca nublou o seu rosto.

Meus joelhos dobraram quando saí da loja, e eu agarrei o batente da porta conforme uma onda de vertigem se apoderava de mim.

— Whoa! Você está bem?

Antes que eu pudesse responder, Cody pegou-me em seus braços e me levou para a camionete. Minha cabeça parecia que estava girando lentamente; mas ao descansar contra seu peito firme, com foco na batida do coração de Cody, comecei a me recuperar. Tornei-me super consciente do cheiro leve de cloro na sua pele, uma sugestão da colônia que ele tinha usado antes e o aroma sutil que era todo seu.

Eu estava começando a gostar da experiência, quando ele me colocou com cuidado sobre o banco do passageiro.

— Como está se sentindo agora?

Eu ri sem jeito.

— Envergonhada, principalmente.

Um sorriso suave destacou o alívio em seu rosto.

— Talvez eu devesse levá-la a algum lugar e alimentá-la.

— Você está brincando? Você já me comprou um sanduíche de salada e atum e dois muffins. Eu vou ficar do tamanho de um búfalo asiático, se você continuar assim.

— Dois muffins e meio.

— Tanto faz!

— Bem, eu prometi a você um sorvete de cookie.

Eu suspirei. — Sim, você prometeu. Mas eu vou pagar.

— Eu gosto quando você manda em mim. — ele disse, com um sorriso malicioso.

Revirei os olhos, mas não consegui esconder o meu sorriso totalmente.

Fomos até o Moo Time Creamery em Coronado e sentamos ao sol, desfrutando dos nossos cones.

— Você nunca respondeu a minha pergunta. — eu disse, lambendo o os últimos pingos de sorvete dos meus dedos.

— Qual? — Cody riu. — Algumas pessoas ao redor aqui falam sem parar.

Era verdade: estávamos conversando como velhos amigos. Tudo com Cody era fácil. Quase tudo. Eu ainda estava me perguntando por que ele não tentou me beijar.

— Você é rico?

Ele riu com voz rouca.

— Não é assim que você pode ver - rico em experiência, talvez.

— Então, como você pode pagar tudo isso? Quer dizer, é muito legal você...

— Realmente, Ava, não se preocupe com isso. Eu tenho algum dinheiro guardado. Eu estive planejando isso há algum tempo.

— Sim, mas eu não posso te reembolsar. Eu... eu meio que saí do meu emprego, ou talvez eu fui demitida.

Sua voz soou cheia de preocupação.

— Mas... você não tem certeza?

— Bem, eu estava trabalhando como estagiária remunerada nesta empresa de contabilidade - que era para ser o meu grande começo. Mas, então, o meu chefe, que também é o coproprietário da empresa, sugeriu que se eu pudesse 'ajudá-lo', ele poderia 'ajudar-me', se você entende o que estou dizendo.

A expressão de Cody escureceu e seus lábios cheios cerraram em uma linha fina.

— Diga a palavra, Ava, e eu vou bater pra caralho nesse bastardo. Falo sério. Ele não pode sair livre dessa.

Ele parecia tão furioso que eu sabia que ele faria se eu dissesse a palavra.

— O cara é um idiota, mas eu não vou deixá-lo estragar tudo. — eu suspirei, tentando acreditar nas palavras que eu estava dizendo. — Eu realmente gosto de viver na costa oeste. Eu vou encontrar outro emprego. *Eventualmente*.

Mas eu não posso reembolsá-lo ainda, e eu não gosto de ficar devendo.

— Você não está me devendo. — Cody respondeu, quase com raiva. — Eu estou fazendo isso porque eu quero - e eu realmente desfruto da sua companhia.

— ele olhou para mim de lado. — É muito mais divertido fazer essas coisas com alguém.

— Então, você realmente vai ter um verão interminável de gratificação?

Ele sorriu amplamente. — Parece ainda melhor quando você fala assim.

Eu balancei minha cabeça, mesmo que eu estivesse sorrindo para ele.

— E depois? Você vai procurar um emprego após o Dia do Trabalho?

Ele deu de ombros, descartando o assunto. — Eu vou me preocupar com isso quando chegar a hora.

Eu bufei em aborrecimento. — Alguém já te disse que você é muito evasivo quando você quer?

Ele pareceu surpreso, então se mexeu desconfortavelmente. — Hum, não. Não antes de hoje.

— Bem, você é.

Ele não respondeu, e eu não pude deixar de pensar sobre as possíveis razões.

— Você não é casado, né? — perguntei, sem rodeios.

Parecia uma pergunta razoável, especialmente com base na experiência recente com uma grave má interpretação do meu ex-chefe idiota.

As sobrancelhas de Cody ergueram e uma gargalhada irrompeu dele.

— Não! Definitivamente não sou casado.

— Filhos?

Ele balançou a cabeça.

— Puxa, Cody, você não facilita. Você tem uma namorada? Você está saindo com alguém?

Seus olhos encontraram os meus quando fiz uma careta para ele.

— Só você. — disse, em seguida, pegou minha mão e a beijou delicadamente meus dedos. — Ok?

— Ok. — eu disse, alegremente.

Em seguida, mais um pensamento ocorreu.

— Você está em liberdade condicional?

Ele sorriu para mim do outro lado. — Hmm, boa pergunta.

— Você vai responder?

— Não, eu não estou em liberdade condicional.

E então ele resmungou algo baixinho que eu não pude ouvir.



Capítulo Quatro

Tinha sido um fim de
semana perfeito.

Quase perfeito. Por que diabos Cody não tinha me beijado ainda? Eu queria beijá-lo, mas porque ele não tinha tentado, isso me fez pensar que ele só queria ser meu amigo, e isso me conteve de pular em cima dele. Gah! Ele era tão confuso.

Mas agora era segunda-feira, e eu tinha que procurar um emprego.

Tive a sorte de ter sido chamada para uma entrevista em um dos pequenos cafés que eu tinha deixado meu currículo; feliz por terem me oferecido um trabalho, mas menos feliz, porque eles só poderiam me dar dois turnos por semana: às segundas e terças-feiras, começando imediatamente.

Havia uma boa notícia: Wallman concordou em me enviar um cheque de indenização. Isso significava que eu não estava completamente desamparada, embora eu precisasse seriamente pensar em mudar do meu apartamento caro e encontrar um lugar mais barato. Justamente o que eu não precisava; outra reviravolta na minha vida.

Eu não ouvi de Cody durante todo o dia, mas cada vez que meu pulso esfregava contra o meu avental, minha nova tatuagem me lembrava dele. Eu realmente esperava que isso não fosse algo que eu ia acabar me arrependendo.

Perto do final do meu turno, eu estava me sentindo mais triste comigo, eu não tinha passado por quatro longos anos, chatos de faculdade para me tornar uma contadora, só para voltar a servir mesas *novamente*. Eu estava cansada, e todo o meu corpo doía, das solas dos meus pés para cima.

Eu fui retirada da minha infelicidade sombria quando meu telefone tocou no meu bolso. Olhei em volta sorrateiramente para ver se o meu gerente estava me observando, antes que eu verificasse a mensagem.

Era Cody, e ele estava pedindo para me encontrar.

Uma felicidade tonta floresceu dentro de mim, e eu lhe enviei o endereço do café, dizendo que eu estaria fora em meia hora. Então eu corri para o banheiro para examinar os danos causados por um turno de nove horas.

Hmm, não estava tão ruim, considerando isso. Nada que um pente, gloss e uma espirrada rápida de perfume não consertariam. Isso teria que servir. Além disso, Cody tinha me visto em um biquíni desagradável no dia anterior - não estava muito pior do que aquilo.

Servi mais alguns clientes, antes bater o ponto e recolher a minha bolsa da pequena sala de descanso. Quando eu voltei, duas das minhas novas colegas de trabalho, as estudantes universitárias, Shelly e Rachel, estavam olhando através do café e rindo atrás da máquina de café; olhando Cody com cobiça, que estava examinando o local, procurando por mim.

— Aquele cara é bonito!

— Oh, definitivamente sexy. Eu vou falar com ele.

— Vadia, você não vai! Eu o vi primeiro.

— Desculpe, senhoras. — eu disse com um sorriso, enquanto passava.
—

Ele não está disponível.

Decepção distorceu seus rostos, e ambas me lançaram olhares furiosos.

Elas estavam certas, porém: ele realmente estava bonito, e eu me perguntei se ele tinha se arrumado para mim.

Ele estava com jeans de lavagem escura que pendiam de seus quadris e uma camisa de botão branca. O contraste contra a sua pele bronzeada e cabelos negros era impressionante. Ele era tão bonito que poderia ter feito fortuna como modelo. Eu queria capturar a visão dele e então, e mantê-la para sempre.

Mas quando ele me viu, um enorme sorriso iluminou seu rosto, e *aquela* foi a memória que eu fixei na minha mente. Ele caminhou em minha direção, e por um momento eu pensei que ele viria para um abraço, mas então ele deslizou as mãos nos bolsos e balançou em seus pés, ainda sorrindo amplamente.

Jogando a precaução ao vento, eu passei meus braços em volta do pescoço e dei um sonoro beijo na bochecha. Ele parecia tão surpreso, que eu queria dar uma gargalhada. Mas em vez disso, peguei a mão dele e puxei-o para fora do café.

— Só marcando meu território. — disse a ele.

Seu olhar de confusão era adorável.

— Minhas colegas de trabalho estavam tentando decidir qual delas iria dar em cima de você. Eu pensei em salvá-lo delas.

Ele sorriu para mim e apertou minha mão.

— Eu acho que preciso ser salvo mais vezes.

— Tenho certeza que você precisa! — eu ri. — Deus, eu preciso de uma bebida depois do dia que tive. Há um bar do outro lado da rua que ainda tem happy hour. Eu vou comprar uma cerveja com o meu dinheiro das gorjetas. E eu não vou aceitar um não como resposta.

Ele balançou a cabeça, parecendo desconfortável. — Podemos apenas ir para um café?

— Você está falando sério? Eu senti cheiro de café durante todo o dia. Eu estou desejando um copo de cerveja gelada.

— Hum, eu não posso ir a um bar.

— Por que não? Você não bebe? Você pode tomar um refrigerante...

Ele balançou a cabeça novamente. — Não, não é isso...

— Ah Merda! Você está em liberdade condicional, não é!

Meus olhos se arregalaram em pânico.

Ele deu um pequeno sorriso. — Eu não tenho identidade falsa.

— O que?

— Eu não tenho 21, Ava.

— Oh. — fiz uma pausa e olhei para ele, absorvendo sua pele lisa e o fraco traço de barba. — Quantos anos você tem?

Suas bochechas coraram e ele olhou para seus sapatos.

— Tenho 18 anos.

O que?

Eu estava encarando. Eu estava definitivamente encarando. Meus olhos varreram de cima para baixo no seu corpo e foram parar em seu belo rosto.

— Puta merda! Você está brincando comigo! Estou praticamente roubando o berçário! — larguei a mão dele em estado de choque. — Sério? Você tem apenas 18 anos?

Ele sorriu nervosamente. — É por isso que eu quero ir para Tijuana. Você pode beber lá aos 18 anos.

Eu estava atordoada. Eu não podia acreditar que este bom pedaço de homem era quatro anos mais novo que eu. Ele parecia tão maduro; mais maduro do que os caras da faculdade que eu tinha ficado, isso com certeza.

Eu tentei rir do meu choque. — Você deve ser a única pessoa de 18 anos de idade, que não tem carteira de identidade falsa.

— Nunca tive tempo para isso.

Olhamos um para o outro sem jeito, sem saber o que dizer.

— Então, você não foi para a faculdade?

— Não.

— E você vive... você mora em casa?

Ele acenou com a cabeça. — Sim, com a minha mãe.

Visões de rastejar em seu quarto para fazer coisas do mal com ele, em seguida, ser interrompida por sua *mãe*, encheram o meu cérebro.

— Ok, isso é estranho. — disse eu, tentando me acostumar com a ideia.

— Não tem que ser, Ava. Nada mudou.

— Hum, sim mudou! Estou namorando um cara que não tem idade suficiente para entrar em um bar!

Ele me surpreendeu, sorrindo, fazendo aquelas covinhas malditas aparecerem.

— Estamos namorando?

Foi a minha vez de ficar horivelmente envergonhada.

— Oh, merda. Apenas escapou. Não, claro que não estamos namorando; somos amigos.

Seu sorriso vacilou.

— Eu gostaria de levá-la para um encontro de verdade, Ava. Deixe-me

levá-la para jantar, agora.

Torci minha bolsa em minhas mãos, confusa e um pouco irritada.

— Eu ainda sou a mesma pessoa que era há 10 minutos. — ele disse em voz baixa. Quando eu não respondi, ele suspirou. — Ou podemos ser apenas amigos.

Seria *tão* ruim namorar um jovem de 18 anos? Afinal, eu não *era* muito de beber. E não era como se ele não pudesse tomar uma cerveja, se ele viesse para o meu apartamento.

Mas depois eu pensei o que minhas irmãs diriam; e o meu pai. Oh Deus, o que ele *não* diria? Eu era uma medrosa de merda completa e eu precisava de tempo para pensar sobre isso.

— Eu acho que nós somos melhores como amigos. — eu disse, sem rodeios.

Seus ombros caíram um pouco, e me senti terrivelmente culpada por levá-lo, em seguida, recusar o que ia acontecer.

— Nós ainda podemos sair. — eu disse brilhantemente, então encolhi com a forma como eu soei falsa.

— Claro. — ele disse, o sorriso não tocou os olhos.

Se possível, eu me senti ainda pior agora.

— É melhor eu ir. — eu disse, sentindo-me infeliz e sozinha.

Ele estendeu a mão para tocar meu braço, depois pareceu pensar melhor.

— Deixe-me levá-la para jantar, Ava. — suplicou. — Como amigos. Você deve estar com fome depois de fazer um turno durante todo o dia.

— Como amigos? — eu esclareci.

— Sim, tanto faz. Amigos.

Difícilmente isso foi uma boa ideia, subi na sua camionete, respirando o cheiro de poeira, couro velho e colônia de Cody, que já era familiar, e relaxei imediatamente.

— Eu gosto da sua camionete. — eu disse. — Faz-me sentir segura?

— Apenas o que todo cara quer ouvir. — ele disse, balançando a cabeça em tristeza simulada.

Eu bati em seu braço levemente. — Você sabe o que eu quero dizer! Ela parece um tanque, como se você pudesse apenas dirigir por qualquer coisa com isso.

— Eu ainda não vou deixar você ficar atrás desse volante. — ele riu, remoendo a nossa discussão do dia anterior. — Você dirige um Prius. É cerca de um décimo do tamanho da minha camionete.

— Não é!

Eu fingi estar irritada, mas havia algo sobre Cody que não me deixava ficar com raiva dele. Além disso, eu não estava realmente brava. Eu queria estar, porque ele não me contou a sua idade. Honestamente, não me ocorreu que ele pudesse ser tão jovem. Meus amigos, da minha cidade, me importunariam sem piedade, mas isso não seria nada comparado com o que a minha família iria dizer.

Uma pequena voz de rebeldia sussurrou: *Eles não precisam saber.*

Oh Deus, eu estava sendo tão superficial e insegura - realmente me odiava, às vezes.

Nós paramos em frente a uma pizzaria e ele abriu a porta para mim quando entramos. Não pude deixar de notar que a equipe de garçons (incluindo um cara obviamente gay) estava olhando Cody com interesse. Eu não podia culpá-los.

O inferno que eu não podia! Ele estava comigo, amigos ou não.

Fomos apresentados a uma mesa por uma anfitriã *muito* atenciosa, que de repente parecia ter desenvolvido um interesse em camionetes Silverado. contei até vinte, depois a mandei embora para chamar uma garçonete.

Percebi que Cody não tinha ideia de que ela estava dando em cima dele. Mesmo que ele parecesse tão confiante, ele era realmente um pouco tímido com as mulheres. Agora que eu sabia que ele tinha apenas 18 anos, fez um

pouco mais de sentido. Ou talvez não. O que havia de errado com as meninas na sua escola? Eram todas cegas, sem gosto para caras sexy?

E por que ele era tão diferente comigo? Por que ele tinha me dado

aquela nota quando estava brincando com Oscar na chuva?

Enquanto esperávamos pelas nossas pizzas, Cody empurrou um envelope grosso na minha direção.

— O que é isso?

Ele ergueu as sobrancelhas. — Por que as pessoas perguntam isso quando tudo que têm de fazer é abrir o envelope?

— Espertinho. — eu rebati, fazendo-o rir.

O primeiro pedaço de papel que puxei tinha o título, *registro de estrela internacional*.

Meus olhos dispararam para encontrarem os dele.

— Meu Deus! Você fez isso?

— Huh, sim, eu fiz. Você não está com raiva de mim de novo, não é?
— ele perguntou, com cautela.

Meus olhos ficaram um pouco úmidos. — Você realmente nomeou uma estrela para mim?

Seus ombros relaxaram e ele sorriu. — Sim, eu tenho uma para cada um de nós. Elas estão na constelação de Andrômeda, porque, hum, 'Andrômeda'

significa 'princesa'. Eu nomeei uma para a sua mãe, também. Mas eu não sei o nome dela, por isso, sua estrela é 'a mãe de Ava'. Espero que esteja tudo bem. E

nós ficamos vizinhos de estrelas... então você não pode se livrar de mim agora.

Eu não conseguia parar as lágrimas estúpidas vazando dos meus olhos e fazer o meu rímel borrar.

— Oh, olhe para o estado em que estou ficando. — desabafei. — Eu devo estar parecendo um guaxinim.

— Sim, mas um guaxinim realmente fofo.

Ele deu a volta na cabine e me puxou para um abraço.

Não havia nada de menino no jeito que ele me abraçou, ou nos beijos

que ele deu no meu cabelo, enquanto eu continuava a fazer uma mancha úmida em sua camisa. Seus braços eram fortes e quentes, seu corpo firme sob o algodão escovado, os músculos da sua coxa amontoados contra a minha perna.

Eventualmente, eu consegui parar de chorar, e muito agradecida aceitei um punhado de guardanapos de papel dele.

— Deus, eu sinto muito. — funguei. — Estou muito envergonhada.

— Não fique. — ele murmurou, acariciando meus cabelos.

— Tem sido realmente alguns dias estranhos. Mas esta é uma das melhores partes. Muito obrigada por fazer isso, Cody.

Eu me afastei dele um pouco, e ele deixou cair os braços. Eu imediatamente senti falta da sensação do seu corpo contra o meu. Perguntei-me novamente, *seria tão errado namorar Cody?*

A chegada da pizza foi uma boa distração e mergulhei nelas avidamente. Cody parecia preferir me assistir comer, em vez de alimentar-se. Eu estava com muita fome para me importar.

— Bem, você já organizou três itens impressionantes na nossa lista de desejos de verão, eu acho que é a minha vez agora. — eu disse, pensando se poderia ou não comer uma quinta fatia de pizza.

— Será que vamos pular de um avião? — ele brincou.

— Sem chance - não importa o quanto você jogue essa conversa doce para cima de mim. — fiz uma pausa. — Não olhe para mim assim. Você faz com que eu me sinta um puma.

— Você pode afundar as suas garras em mim a qualquer hora.

— Oh, Deus! Essa é uma cantada tão brega!

Ele deu de ombros e sorriu. — Tenho 18 anos. É o que você espera, não é?

— Você não tem que provar isso!

— Por que não?

— Você é tão menino! Eu acho que é verdade que os meninos amadurecem mais lentamente do que as meninas.

— Você gosta disso na verdade. Talvez eu fique com 18 anos para sempre.

— Ninguém pode fazer isso. Você tem que crescer um dia.

— Nah. Acho que vou pular essa fase.

Revirei os olhos, e enfiei uma fatia da sua pizza de pepperoni na minha boca.

Eu imediatamente me arrependi, porque as pupilas de seus olhos azuis dilataram, escurecendo com um olhar que definitivamente não era infantil. Ele lambeu os lábios, em seguida, balançou a cabeça e esfregou as têmporas.

— Dor de cabeça? — eu provoquei.

Ele me lançou um olhar que mostrava que ele não achava engraçado.

— Ok, trégua. Que tal irmos para TJ8 por um dia... se sua mãe deixar.
—

eu brinquei com ele.

Ele sorriu amplamente.

— Sim?

— Eu não estou dizendo que vou ficar alta, porque não uso drogas, mas se você quiser ficar bêbado, eu serei sua companheira de bebida.

8 Tijuana.

— Deus, eu amo v... - eu amo essa ideia! — ele disse, alegremente. —

Quando podemos ir?

— Bem, eu tenho que trabalhar amanhã, mas estou livre o resto da semana. Mas, falando sério, sua mãe não vai achar que é meio estranho, você sair com uma *mulher mais velha*?

Ele sorriu. — Eu acho que ela vai lidar com isso.

— Bem, tudo bem. Tijuana, aqui vamos nós.

Nós levantamos nossos copos de água e bebemos pelo México.



Capítulo Cinco

Nós tínhamos

discutido se devíamos ou não ir de carro até TJ. Se fôssemos de ônibus, a espera na fronteira seria inferior à uma hora; se dirigíssemos, poderia ser de até três horas.

Cody decidiu que ele ia com a sua camionete. Eu decidi que ia de Prius, e por um tempo, pareceu que viajaríamos separadamente. No final, Cody sugeriu que tirássemos na moeda. Eu ganhei, e ele aceitou isso muito bem - para um cara.

Mas, então, decidimos que seria legal tomar uma bebida juntos, e que iríamos pegar o ônibus.

Eu disse que ia buscá-lo para que pudéssemos ir de carro ao terminal juntos, mas ele estava estranhamente relutante em me dar seu endereço, dizendo que ele viria para o meu apartamento e deixaria sua camionete lá fora. Isso parecia tão ridículo que eu apelei com ele.

— E sua mãe, definitivamente, concordou com isso? Eu não vou ser acusada de rapto ou tentar corromper um menor.

Seus olhos brilharam perigosamente e ele inclinou-se para sussurrar no meu ouvido.

— Eu gostaria de ser corrompido por você - e não há nada menor em mim.

Eu não consegui evitar um arrepio de prazer culpado passando pela minha espinha, enquanto eu lutava para levar com calma.

— Sério, sua mãe concordou com isso?

Eu estava apenas meio que provocando, mas Cody parecia divertido.

— Você se preocupa demais. Sim, eu disse a ela que vou. Sim, eu disse com quem vou.

Eu mordi meu lábio, ainda não sabia se estava convencida.

— Além disso. — ele disse. — Ela viu fotos suas, então ela sabe que você é muito fofa e pequena para me desviar do caminho... mesmo que você seja um puma.

— Desculpe-me? — eu engasguei.

Eu não sei como ele conseguiu elogiar e ofender em uma única frase, especialmente de uma maneira que me fez rir e bufar ao mesmo tempo.

Ele sentou-se e sorriu.

— Eu disse tudo sobre você à minha mãe.

— Você disse?

— Claro. Ela queria saber onde eu estava desaparecendo, então eu disse a ela. — sua diversão suavizou. — Ela se preocupa muito comigo.

— Eu vou conhecê-la?

O que diabos eu estava fazendo? O negócio, ‘a coisa de conhecer os pais’, não parecia comigo.

— Um dia. — ele respondeu.

— Que tal amanhã, quando eu te der uma carona?

Ele riu. — Tudo bem, venha à minha casa. Mas ela não vai estar acordada. Ela trabalha no turno da noite.

Pelo menos eu tinha o endereço dele agora. Se ele estava escondendo alguma coisa, provavelmente não tinha a ver com a sua casa afinal de contas. Provavelmente.

— Tudo bem! — eu resolvi. — Eu estarei lá às 7:00.

Nós tínhamos decidido que sair cedo nos daria a melhor chance de não ficarmos presos na fronteira por muito tempo.

Na manhã seguinte, eu parei em frente de uma pequena casa de madeira, em uma rua tranquila. Era uma área agradável, mas ficou claro que Cody e sua mãe não eram ricos. O mistério de como ele poderia pagar por todo esse tempo livre se aprofundou. Perguntei-me inquieta, se toda esta viagem para TJ não era um esquema elaborado para fazer uma corrida de drogas.

Eu queria me chutar por causa desse pensamento maldoso, mas estava lá do mesmo jeito, enterrado à distância. Eu me senti ainda pior quando ele veio pulando para fora de casa, um enorme sorriso no rosto e me pegou em um abraço apertado.

Não pude deixar de abraçá-lo de volta e enfiar o meu rosto no material macio da sua camisa, respirando seu cheiro limpo, picante.

Eu senti o coração de Cody disparar, e nós nos abraçamos apenas um pouco mais do que era estritamente *amizade*. Quando eu o afastei, tenho certeza que minhas bochechas estavam vermelhas e eu podia ver que ele estava afetado também. A ereção muito sólida era visível sob seus jeans.

— Desculpe. — ele disse, encolhendo os ombros e evitando meus olhos. —

Garota bonita de shorts.

Ele se jogou no carro, então conectou seu iPod, e Lifehouse, *Between the Raindrops*, ecoou pelos alto-falantes.

Eu sorri e balancei a cabeça. Estava prestes a subir no assento do motorista quando olhei em direção à sua casa. Eu podia jurar que vi um rosto espiando entre uma abertura nas cortinas. Provavelmente sua mãe verificando-o. Ou eu.

Eu fui para a estação de ônibus, esperando que Cody dissesse alguma coisa, mas ele estava olhando pela janela.

Depois de alguns minutos estranhos sem conversa, não consegui segurar.

— O dia que estava chovendo - por que você me deu aquele bilhete?

Seu sorriso estava um pouco triste quando ele olhou para mim.

— Parecia que você precisava se animar.

Não era a resposta que eu estava esperando.

— É isso? Sua missão é ficar por aí e animar estranhos aleatórios?

— Claro, porque não? Consigo pensar em muitas maneiras piores de gastar o meu tempo. — ele desviou o olhar, o olhar fixo na paisagem de carros e lojas. — E eu falei sério. Mas agora que te conheço, mudei de ideia.

— Você... você não acha que eu sou bonita?

Que decepção.

Ele sorriu e olhou para mim. — Eu sei que o exterior é apenas um reflexo do interior.

Eu ri com voz trêmula. — Eu acho que seus olhos precisam de exame: eu sou miserável, ranzinza e eu dificulto para você, mesmo quando faz coisas boas para mim, então o questiono como um policial.

Ele recostou-se no assento, esticando os braços para cima, tanto quanto era possível no meu carro pequeno e me deu uma visão do seu estômago tonificado e bronzeado, quando sua camisa subiu.

— Nah, você apenas tem alguns dias ruins. Todo mundo fica para baixo, às vezes.

— Você não! Você está sempre feliz. É meio irritante.

Ele riu alto. — Sim, você não odeia isso? Todas aquelas malditas pessoas felizes! O que elas estão pensando?

— Idiota. — murmurei, mesmo que eu estivesse sorrindo.

Sua risada sumiu e ele ficou sério.

— A vida pode ser uma merda. Você sabe disso desde que tinha sete anos. Eu decidi há muito tempo que ser feliz é uma escolha. Quando eu tinha 13

anos, alguém que eu conhecia bem teve câncer - você poderia dizer que foi uma experiência de mudança de vida. Então, sim, você pode chafurdar na sua própria miséria e dizer a todos que merda de sorte você tem, ou você pode enfrentá-la e rir da cara do destino sacana. — ele fez uma pausa. — Não significa que a sua sorte vai mudar, mas você pode optar por não ser infeliz com isso.

— É realmente assim tão fácil?

Cody balançou a cabeça lentamente. — Não, mas é a escolha que eu faço todos os dias.

Eu formulei a minha próxima pergunta com cuidado. — O que fez você decidir... a fazer essa escolha?

Ele fechou os olhos por alguns instantes. — Eu não vou responder isso, porque hoje é sobre se divertir com a minha... com a minha melhor amiga.

Olhei para ele, surpresa.

— Eu sou sua melhor amiga?

— Camionete. — ele gritou, segurando firme em seu assento.

Meus olhos voltaram para a estrada e a camionete que eu tinha quase batido no lado. A buzina estridente soou em meus ouvidos, enquanto corrigia o volante com uma sacudida.

— Responda a pergunta! — eu resmunguei, quando o perigo imediato já havia passado.

Ele respirou fundo, e eu não sabia se era porque eu tinha acabado de assustá-lo pra caramba, ou porque ele estava preparando-se.

— Sim, você é minha melhor amiga.

— Por quê?

A minha pergunta o surpreendeu.

— Por que não?

— Não, é só que... bem, o que acontece com os amigos do colégio?

Ele deu de ombros. — Perdi o contato com eles.

Bem, isso era estranho.

Chegamos ao terminal e subimos no nosso ônibus, escolhendo um lugar atrás. Estava cheio de excursionistas e homens com cortes de cabelos curtos, que eram claramente soldados ou fuzileiros navais, e estavam animados com a perspectiva de se soltarem.

Foi apenas um passeio de meia hora até a fronteira, mas uma vez que chegamos lá, acabamos em uma longa fila de carros e caminhões, todos indo para o sul no inverno, como snowbirds⁹.

— Por que você decidiu ser uma CPA10? — Cody perguntou de repente.

9 Pessoas do Norte dos Estados Unidos que migram para a Flórida para fugir do inverno, entre os meses de outubro a abril.

10 Contadora.

— Bom dinheiro; escolha de carreira estável. — eu respondi automaticamente, repetindo as palavras que eu disse a mim mesma mil vezes antes, ecoando meu pai. — Bem, era para ser...

— Ok. — ele disse lentamente. — Mas...

— Mas o que?

— Eu não consigo imaginar você como contadora.

— Por que não? Você acha que só porque eu sou loira com peitos grandes, não posso ser inteligente, também?

— Whoa! — ele disse, em tom surpreso. — De onde veio isso? Eu já te tratei como burra?

— Desculpe. — eu disse, por fim. — Mas você não seria o primeiro homem a assumir isso.

— Eu sei que você é inteligente - eu só estava me perguntando por que CPA? Parece meio... enfadonho para você.

— Eu vou conseguir ganhar um bom dinheiro e depois gastar o meu

tempo livre fazendo o que me interessa, hobbies e essas coisas.

Cody balançou a cabeça. — Eita! Você tem 22 ou 52? O que há com você que tem tanto medo de viver?

— Não seja maldoso!

— Ava...

Ele colocou o braço em volta dos meus ombros e me abraçou enquanto eu descansava minha cabeça contra ele.

— Se você quer ser uma CPA, então seja. É que você sempre parece um pouco triste quando você fala sobre isso... como se não fosse realmente o que você quer fazer.

Estudei as sandálias rosa com pedrinhas, que escolhi no dia anterior, enquanto pensava sobre a minha resposta.

— Eu sempre quis trabalhar em museus de arte.

Eu não tinha admitido isso para ninguém, desde que eu tinha 16 anos.

— Tudo bem? — ele disse, franzindo a testa como se estivesse estudando uma questão de cálculo. — E você não trabalha por que...?

— Meu pai disse que não havia trabalho muito bom naquele campo, e que ninguém contrataria alguém tão desastrada como eu para trabalhar em um museu de arte. Ele é um CPA, então...

Cody apertou meu ombro suavemente. — Entendo. Você quer agradar seu pai. Mas a vida é sua, Ava. Sua para viver do jeito que quiser.

Eu suspirei. — Você faz isso parecer tão fácil.

— Nada é fácil sobre a vida, mas é muitíssimo mais difícil se você está infeliz, enquanto vive.

Eu dei um pequeno sorriso. — Como você consegue ser tão sábio? Você me faz sentir como se eu fosse a criança.

Senti seus dedos derivarem no meu rosto antes que ele desse um beijo no canto da minha boca. Eu me virei para olhar para ele, inclinando mais perto...

Mas o nosso momento foi interrompido quando o guarda da fronteira nos liberou e o ônibus deu uma guinada para a vida.

Dois minutos depois, estávamos no México, e logo estávamos chacoalhando e batendo ao longo das ruas de Tijuana.

— O que você quer fazer primeiro? — Cody perguntou, com os olhos brilhando, iluminados por dentro com seu próprio estoque de felicidade. —

Praia, cidade ou bar?

— Bar? São apenas 10:30! Se você começar a beber agora você vai ficar muito detonado para fazer qualquer outra coisa.

Ele piscou para mim. — Não vejo um problema com isso.

— Ugh. Eu li online sobre este lugar chamado El Popo. É um mercado onde todos os moradores vão. Poderíamos dar uma olhada ao redor e tomar um refrigerante e algo para comer...

— Comida, sim! Eu definitivamente poderia comer alguns tacos.

— Você está sempre pensando no seu estômago.

— Não é a única coisa que eu estou sempre pensando. — ele disparou de volta, deixando cair o olhar para o meu decote.

— Pare de ser um pervertido! Nós devíamos ser amigos!

— Você sugeriu 'amigos'. Eu sou mais do tipo 'amigos... tanto faz'.

— Você me enganou! — eu acusei, segurando um sorriso por trás da minha careta.

— Sim, então me processe.

— Eu só vou deixar sua bunda no México, quando eu voltar para casa.

—

gritei por cima do meu ombro, quando comecei a ir embora.

Ele balançou a cabeça, sorrindo. — Minha bunda vai seguir a sua onde quer que ela vá.

— Uh-uh. Esta bunda viaja sozinha. — cantei, balançando os quadris um pouco.

Quando ele não respondeu, olhei para trás e vi os olhos de Cody colados na minha bunda. Eu deveria ter me sentido culpada, mas não

senti. Senti-me desejada. A linha entre amizade e algo mais estava se tornando cada vez mais turva, e eu era a única culpada. Cody havia deixado claro desde o início que ele era atraído por mim.

E com certeza eu estava atraída por ele, mas ele estava escondendo alguma coisa. Eu podia sentir, e isso me deixava nervosa. Seria muito fácil me apaixonar por este menino com o grande sorriso e um coração maior.

— Vamos. — eu disse, virando para pegar seu braço. — Vamos alimentá-lo.

Nós compramos alguns tacos deliciosos de um vendedor ambulante, então perambulamos juntos, lado a lado através do mercado, com os olhos saltando com a visão dos doces incríveis. Compramos Sopapilla¹¹, cheesecake e alfajor de coco branco para sobremesa, e Cody comprou abacaxi cristalizado, manga e abóbora Chilacayote para a sua mãe.

Ele queria comprar uma garrafa de tequila, também, mas eu pensei que era muito cedo para começar com o material pesado. E mesmo que ele tivesse 1,87 metros e vinte quilos a mais do que eu, eu ainda me sentia responsável por ele.

À medida que passeávamos pelo mercado, encontrei uma loja que vendia tecidos tingidos locais e fui dar uma olhada ao redor. Cody se recusou a entrar, alegando que ele ainda tinha o seu cartão de homem e saiu, recolhendo olhares de admiração por onde passava.

Quando eu saí, 15 minutos depois, ele estava muito satisfeito consigo mesmo.

— O que você fez? — eu perguntei, desconfiada.

— Eu marquei. — ele disse, com o rosto inexpressivo, mas seus olhos entregando a sua excitação.

— Uau, isso foi rápido. Pobre menina.

Ele arregalou os olhos por um segundo, então riu.

¹¹ Doce muito comum no México. É mais ou menos parecido com uma massa de pastel frita sem recheio, polvilhado com açúcar e canela.

— Não, eu já estou com a garota mais bonita da cidade. — ele piscou para mim, jogando casualmente um braço sobre meu ombro. — Eu tenho algo para, hum, aproveitar mais tarde.

— Estou realmente esperando que você diga uma garrafa de tequila, mas uma vez que não posso ver uma...

Ele deu de ombros levemente. — Só um pouco de erva local.

Eu fiz uma careta.

— Você estava realmente correndo risco - se você tivesse perguntado à pessoa errada ou... provavelmente não é a coisa real de qualquer maneira. Você provavelmente já comprou um saco de ervas.

— Oh, é à base de ervas, tudo bem. — ele riu. — Muito medicinal.

— Hmm...

— Você sabia que alguns médicos receitam para alívio da dor?

— Sim, eu já ouvi isso, mas dificilmente é o caso aqui. Só me prometa que você não vai tentar levar para o outro lado da fronteira.

Ele pareceu surpreso e irritado. — Eu não sou um idiota.

— Parece ser. — murmurei sob a minha respiração.

Cody pegou minha mão e balançou os nossos braços como um casal de crianças.

— Não fique brava - eu só quero riscar mais algumas coisas da nossa lista.

Não, definitivamente não poderia ficar brava com ele.

Paramos em uma loja de bebidas e Cody orgulhosamente comprou dois pacotes de seis cervejas. E embora ele tenha olhado ansiosamente para uma garrafa de tequila de fabricação local, ele não comprou nenhuma.

— Está se divertindo? — eu provoquei, enquanto ele colocava os pacotes debaixo do braço, com um sorriso largo.

Não fazia muito tempo que eu tinha comprado a minha primeira bebida sem o uso de identidade falsa. Lembrei-me de como foi bom, como me senti adulta.

Na maioria das vezes Cody parecia mais velho do que seus anos, mas de vez em quando, o garoto nele aparecia para brincar. Ele tinha essa sede de vida, um jeito de ver o lado bom de cada situação; felicidade apenas derramava dele. Eu realmente nunca conheci alguém como ele. Ele era abençoado.

Encontramos um caminho para um belo parque, não muito longe da rua principal. Palmeiras fundiam em uma copa de folhas mais grossas, preferimos ir para a floresta atrás, como se eu recusasse ir a qualquer lugar que houvesse a menor chance de sermos vistos. Eventualmente, nos instalamos sob a sombra isolada de um eucalipto, sentados de pernas cruzadas na grama longa na base da árvore.

— Eu me sinto muito visível. — eu assobiei.

Cody balançou a cabeça em diversão.

— Sério! — eu gemi. — Se formos apanhados vamos para a prisão.

Ele revirou os olhos em descrença e sorriu para mim.

— Em primeiro lugar, ninguém vai nos ver aqui - na verdade eu estou um pouco preocupado que só vão encontrar um monte de ossos em alguns anos, porque você nos trouxe para a terra que o tempo esqueceu; e segundo, você pode ter cinco gramas para uso pessoal – pesquisei no google.

— Sim? Bem, a sua investigação é uma porcaria, porque eu pesquisei, também, e isso só vale se você for mexicano, e, tanto quanto eu sei, a menos que você tenha mentido pra caramba, você é do Kansas.

— Oh.

— Sim. Oh.

— Bem, se alguém nos encontrar - o que não vai acontecer - nós vamos conseguir ouvi-los chegando, e eu vou deixá-lo cair na grama. Grama na grama: ninguém vai achar.

— Eles podem sentir o cheiro, idiota!

— Apenas abane as suas mãos ao redor. Vamos dizer-lhes que você viu uma enorme barata voadora.

Eu não pude deixar de rir.

— Tudo bem! Apenas faça. Fume sua erva local. Eu vou ficar com a

cerveja.

Nós tiramos os sapatos, apreciando as cócegas macias da grama sob os nossos pés descalços e abrimos a cerveja, Cody suspirando de prazer. Era tão pacífico, os sons do mundo tão distantes. Então ele enfiou a mão no bolso, e eu olhei, fascinada, enquanto ele enrolava o cigarro com dedos ágeis.

— Ei, você já fez isso antes!

Ele olhou para cima e sorriu. — Eu não disse que não tinha.

— Mas... está na sua lista de desejos!

— Eu nunca fiz isso em Tijuana com uma cerveja gelada e minha melhor amiga.

Eu não consegui evitar o brilho de felicidade que se espalhou através de mim quando ele disse isso, apesar da minha desaprovação aparente do que ele estava fazendo.

Acendeu, deu uma longa tragada e expirou vagorosamente, soprando a fumaça doce para mim.

— Vai manter as baratas voadoras afastadas. — ele disse, levantando uma sobrancelha. Então ele se deitou com satisfação, suas longas pernas esticadas, os pés descalços cruzados na altura do tornozelo.

Com os olhos fechados, as mãos descansando em seu estômago, eu aproveitei a oportunidade para admirá-lo.

Seus ombros eram largos e fortes, e eu podia ver a nova tatuagem aparecendo por baixo da manga da sua camiseta branca. Toda vez que ele tragava a erva, seus bíceps inchavam e a camisa levantava em seu estômago definido. Suas bochechas estavam levemente coradas, rosa cobrindo o bronzeado dourado e seus longos cílios se espalhavam em suas pálpebras flutuantes.

— Eu sei que você está olhando para mim. — ele disse. — Eu posso sentir você olhando para mim.

— Não, eu não estou. — menti.

Seus lábios cheios se curvaram em um sorriso preguiçoso, mas seus olhos permaneceram fechados. Ele deu outro trago, então, abriu um olho para olhar de frente para mim.

— Quer experimentar? É uma coisa boa - vai apenas te dar uma boa viagem.

Eu estava prestes a recusar quando hesitei. Eu estava com tanto medo de falhar na faculdade, que eu quase nunca aproveitava a chance de me divertir. Matemática não era o meu forte, então eu tinha que ralar para conseguir boas notas. Estudei e trabalhei: o pior que eu já tinha feito era ficar bêbada em algumas festas de fraternidades e dormir com os caras errados.

Eu nunca teria essa chance de novo; não aqui assim, com Cody.

— Ok. — eu disse, nervosa. — O que eu faço?

Seu sorriso preguiçoso aumentou.

— O que te fizer bem.

Não foi isso que eu quis dizer, então eu ignorei o olhar convidativo no rosto dele e arranquei o baseado dos seus dedos, tragando profundamente do

jeito que ele fez. Só para ter um enorme ataque de tosse, quando a fumaça atingiu a parte de trás da minha garganta.

Cody sentou-se rapidamente, balançando levemente, em seguida, passou-me um pouco de cerveja para acalmar a aspereza na minha garganta. Ele esfregou os meus ombros, o movimento diminuindo para movimentos suaves, quando a preocupação em seus olhos desapareceu.

— Você está bem?

Eu balancei a cabeça lentamente, olhando para ele. Eu tinha parado de tossir, embora meus olhos ainda lacrimejassem, mas o toque das suas mãos tinha acendido outra coisa.

Nós dois sabíamos disso, mas nenhum de nós admitiu.

— Sim, eu estou bem. — e dei outra tragada hesitante para provar isso.

Passei o baseado de volta para ele e deitei na grama, hipnotizada pelos traços de luz solar que refletiam nas folhas. Eu quase podia ver as minhas esperanças e sonhos à deriva, vagando acima de mim, flutuando nas proximidades, mas apenas fora de alcance.

— Minha cabeça está zumbindo. — eu suspirei. — É uma sensação agradável... mais ou menos como se eu estivesse flutuando em um banho quente... ou à deriva como um balão. Eu poderia simplesmente flutuar se alguém cortasse minhas amarras.

Ele deitou-se ao meu lado e virou o rosto para o meu, suas pálpebras pesadas sobre seus belos olhos.

— É por isso que chama viagem, garota bonita.

— As cores são tão incríveis - como uma pintura, mas brilhantes. Nós estamos em nossa própria galeria de arte privada.

Senti seus dedos passarem pelo meu braço, enrolando em volta do meu pulso, até que ele estava segurando minha mão.

— Se você pudesse fazer o que quisesse, o que você faria?

Eu suspirei, sentindo-me satisfeita, mas ainda com uma ponta de tristeza. Por que todas as coisas boas passam tão depressa?

— Eu voaria para Florença. — eu comecei, minha voz sonhadora e suave. — É na Itália. Eu passaria todos os dias na galeria de arte Uffizi. É o lugar mais incrível, um dos mais antigos museus de arte do mundo, e tem pinturas de Botticelli, Giotto e Leonardo da Vinci. Eu comeria massa e aprenderia italiano; andaria de scooter e moraria em um prédio que tivesse centenas de anos de idade, e eu não seria mais a chata e velha Ava Lawton.

Seus dedos apertaram os meus com força, então ele virou o quadril para olhar nos meus olhos.

— Não há nada de chato sobre você, garota bonita.

Eu bufei alto e o som me fez rir.

— Ah, vamos! Ser uma CPA não é exatamente emocionante.

Cody não riu. Ele continuou a me encarar, sua expressão séria demais.

— Se você decidir fazer isso, tudo bem, mas você não deve desistir de seus sonhos, Ava. A vida é muito curta para viver com arrependimentos. Você devia ir para Itália, viver o seu sonho. Você sempre pode voltar e ser uma contadora. Mas suponha que a Itália seja tão boa quanto você acha?

Sentei-me e tomei um longo gole de cerveja, de repente sentindo

muita sede.

— Eu não quero falar sobre isso. — rebati, então lamentei minhas palavras duras. Minha voz suavizou enquanto eu olhava para o meu garoto bonito. — Conte-me sobre Cody Richards. Como ele realmente é aí dentro?

Eu cutuquei seu peito firme, e ele capturou a minha mão, colocando-a sobre seu coração.

— Ele é apenas um cara normal.

— Você brilha. Você é todo brilhante.

Ele riu suavemente. — Acho que isso é conversa de drogados por maconha.

— Não, é você. Você é assim. Você brilha e é todo claro. Todo mundo vê. Você é como a luz do sol - com uma bunda linda.

Oh uau, a erva realmente estava me pegando.

Ele riu alegremente. — Então, basicamente, você está dizendo que o sol brilha na minha bunda?

— Sim. — eu disse, satisfeita por ele ter entendido.

Ele deu uma tragada final, antes de soltar a fumaça, apagar e enfiar a guimba no bolso do seu jeans.

— Eu nunca estive em um avião. — ele disse, sua voz calma.

— Sério? — minha voz estava muito mais alta, e eu tive que me concentrar para ajustar meu volume. — Sério? Você nunca voou para qualquer lugar? Nem mesmo quando você veio para San Diego?

— Não. Contratamos um U-haul¹² para toda a nossa merda, então nós dirigimos de Junction City¹³ na minha camionete.

— Bem, se você nunca esteve em um avião, por que você quer pular de um?

Minha voz soou como se estivesse reclamando, e eu podia ver pela curva da sua bochecha que ele estava sorrindo.

— Eu quero experimentar. Deve ser legal voar acima do solo, de modo que você não está ligado a nada, apenas viajando pelo espaço, como

se estivesse completamente sem peso, como se tivesse asas.

12 Empresa transportadora nos EUA.

13 Cidade no Kansas.

— Não é desse jeito. — insisti. — Viajar de avião significa ser empurrado em um tubo de charuto, com pessoas fedorentas e rezando para que você vá embora sem estar morto no final.

Ele riu.

— De jeito nenhum! É impressionante. Você começa em um lugar e você acaba em outro completamente diferente - em um fuso horário diferente ou um oceano de distância. É como mágica.

— Eu adoro a forma como você vê as coisas. — eu suspirei. — Eu gostaria de poder ser assim.

Eu me aconcheguei mais perto dele, por isso minha cabeça estava descansando em seu ombro e seu braço estava a minha volta.

— Você tem que praticar olhar para esse lado bom, garota bonita.

— É mais fácil com você. — eu admiti.

Houve um longo silêncio, então ele simplesmente disse: — Ótimo.

Ficamos deitados juntos, conversando preguiçosamente, terminando a cerveja, até que eu percebi que a pressão na minha bexiga estava se tornando insuportável.

— Eu tenho que fazer xixi!

— Sim, eu também.

Sentei-me, uma onda de tontura fazendo minha cabeça girar. Rapaz, eu estava bêbada. Isso ia ser interessante.

Cody se levantou, instável, então cambaleou na escuridão, voltando alguns minutos depois, com um olhar de satisfação no rosto.

— Eu não vou fazer *isso!* — assobieei. — Pode haver bichos rastejantes e...

e onças.

Ele abafou uma risada.

— Eu vou vigiar.

— Você não vai ver nada, senhor!

Foi uma decisão difícil, andar em sombras deslizantes da floresta, ou cambalear de lado, com as pernas cruzadas por todo o caminho de volta para a cidade.

— Ok, eu vou fazer... mas você tem que cantar para mim, então eu sei onde você está.

— Você quer que eu faça o que?

— Apenas faça, ok! Já estou assustada o suficiente com isso.

— Tudo bem. O que você quer que eu cante? E só para que saiba, eu não faço trilhas sonoras.

— Pare de me provocar!

— Que tal se eu assobiar?

— Tanto faz.

Quando eu cambaleei para as árvores, ouvi sua voz clara, de tenor cantando a música de Johnny Cash, *Song for the Life*. Parei para ouvir, as notas subindo para o crepúsculo, e algo me tocou profundamente. Uma pequena voz de advertência soou na minha cabeça, *eu poderia me apaixonar por este menino*.

O pensamento era irritante, mas não tão assustador quanto pensei que seria.

Ele ainda estava cantando quando eu voltei, com a voz mais suave agora, quase introspectivo, e eu não sabia se ele estava cantando para mim ou para si mesmo.

— Estou de volta.

Ele virou e sorriu para mim.

— Melhor agora?

Eu balancei minha cabeça lentamente.

— O que há de errado? — ele perguntou, preocupado.

— Eu quero que você me beije.

Seus olhos se arregalaram, e ele suspirou instável e profundamente.

— Eu pensei que você queria ser minha amiga?

Dei um passo para mais perto dele, tão perto que eu podia sentir o calor do seu corpo.

— Eu mudei de ideia.

— Ava, eu não tenho certeza se isso é uma boa ideia...

— Não, não é; é uma *ótima* ideia.

Envolvi meus braços ao redor dele, acariciando o cabelo sedoso na sua nuca, puxando sua cabeça para a minha.

Ele estava hesitante, mas não de má vontade. Vi desejo queimar em seus olhos, e suas mãos grandes agarraram a minha cintura.

Nossos lábios se tocaram, uma pincelada suave, e eu senti seu corpo tremer. Ele me beijou de novo, mais firme desta vez, e um grunhido estrangulado irrompeu da sua garganta. Suas mãos deslizaram para os meus quadris, apertando dolorosamente quando ele puxou meu corpo diretamente contra ele.

— Ava. — ele sussurrou, mas as palavras que ele diria foram silenciadas quando a minha língua tocou seu lábio inferior.

Ele gemeu baixinho, e minha língua entrou em sua boca.

Seu corpo tremia, então ele me beijou de volta, sua língua acariciando a minha, provocando, degustando, sussurrando em meus lábios.

Suas mãos começaram a se mover, uma deslizando para baixo na curva da minha bunda, a outra pela minha espinha, deixando um rastro ardente de desejo.

Desejo, que eu nunca tinha sentido, percorreu meu corpo. Eu também nunca tinha beijado meu melhor amigo antes, mas este era o padrão-ouro de beijos; todo o resto seria comparado com este.

Sua boca beijou ao longo da linha do meu maxilar, sugando suavemente no ponto pulsando no meu pescoço, antes de ir mais

baixo, o fogo frio de seu toque inflamando meu corpo.

Minhas próprias mãos estavam circulando sobre seu corpo, sob a sua camisa, acariciando a pele quente e sedosa, mergulhando até o cóx baixo da calça jeans, meus polegares passando sobre seus quadris.

Seus beijos confiantes falharam, e ele gemeu profundamente.

A ereção que apareceu esta manhã, já estava pressionando em meu estômago, prometendo prazer louco chegando. Até agora, seu corpo tremia incontrolavelmente, e eu poderia dizer que ele estava a segundos de se perder.

Em seguida, ele prendeu os meus pulsos com as suas mãos, interrompendo a jornada curiosa delas.

— Ava, não podemos. — ele respirou. — Eu não tenho nada... eu não pensei que...

— Há outras coisas que podemos fazer. — eu disse, empurrando a sua camisa e dando beijos molhados em seu peito.

— Eu quero, acredite em mim eu quero. — ele suspirou. — Mas não quando você está bêbada, não quando você está drogada.

— Você não é aquele que me disse para aproveitar a oportunidade?

— Sim, mas...

Ouvimos o som de vozes ao mesmo tempo.

Parecia que não éramos as únicas pessoas que tinham procurado o isolamento da parte mais remota do parque público.

Pelo menos quatro homens, todos falando rapidamente em espanhol.

De repente, senti-me nervosa e vulnerável com os sons na floresta.

Cody abaixou os lábios ao meu ouvido e falou baixinho.

— Nós vamos embora calmamente. Vai ficar tudo bem.

Ele pegou minha mão, e nos movemos silenciosamente por entre as árvores, até que o espaço aberto do parque apareceu à nossa frente.

O quase pânico transformou-se em riso sem fôlego e Cody sorriu enquanto me puxava através de um caminho de cascalho em uma

corrida lenta, minhas sandálias me fizeram tropeçar várias vezes.

De volta à Avenida Revolucion, nos sentimos mais seguros, apesar da vida noturna barulhenta que estava começando a emergir.

— Eu definitivamente preciso de uma bebida, depois disso. — falei, um pouco sem fôlego.

— Faça a sua escolha. — disse Cody, estendendo seu braço em direção à rua cheia de bares.

Nós passeamos de mãos dadas, ignorando os lugares que estavam muito cheios ou barulhentos, finalmente parando em um pequeno bar, de aparência moderna, chamado Mandra.

Um garçom estava servindo uma mesa de meninas americanas com cocktails coloridos, cheios de frutas e daqueles guarda-chuvas pequenos bonitos.

O que me deu uma ideia.

Eu empurrei Cody para uma mesa vazia e marchei até o bar, voltando um minuto depois com dois ridículos, coquetéis comédia.

— O que você fez? — ele riu, cutucando um pedaço de abacaxi fresco.

— Não zombe. — eu disse, solenemente. — Eu peguei isso, especialmente para você.

Sua risada suavizou para um belo sorriso.

— Eu tenho certeza que vou amar. — ele disse. — Mas você vai ter que me dizer o que diabos tem nele.

Dei-lhe um sorriso superior.

— Vodka, licor de pêssago, creme de cassis, suco de laranja e cranberry. Chama Sex on the Beach¹⁴.

Cody riu de novo, até que eu coloquei o canudo entre meus lábios e chupei com força. Seu olhar escureceu, e eu vi o pomo de Adão dele subir e descer, quando ele engoliu várias vezes, antes de virar a bebida de uma só vez.

O gosto era forte e muito doce, mas delicioso... e potente, quando eu levantei com as pernas cambaleando para ir ao banheiro uma hora depois.

Quando voltei, eu poderia dizer que Cody conseguiu ficar bêbado também, porque ele passou uma agradável meia hora beijando e chupando meu pescoço, e brincando com meu cabelo. Eu não o parei.

Muito cedo era hora de ir, se quiséssemos pegar o último ônibus de volta para San Diego. Agarrando alguns tacos de um vendedor ambulante, fomos para a estação de ônibus, e de volta para as nossas vidas reais.

Durante a longa espera na fronteira, meu zumbido começou a desaparecer, deixando-me suave e sonolenta. Eu não sabia se devia estar satisfeita ou decepcionada que a nossa noite tinha sido interrompida, mas não havia constrangimento entre nós. Encostei-me no ombro firme de Cody, nossos dedos entrelaçados.

— Você tem folhas em seu cabelo, garota bonita.

14 Sexo na praia.

Eu abri meus olhos para olhar para ele, secretamente amando ele me chamar de bonita.

— E nós riscamos duas coisas da lista.

Seus lábios se moveram, em seguida, transformaram em um sorriso, mas ele não respondeu.

Eu queria pedir que ele voltasse para a minha casa e passasse a noite, mas eu mordi de volta as palavras e disse algo completamente diferente.

— Obrigada por hoje, Cody. Foi mais uma estreia para mim.

Ele sorriu. — Para mim também.

Apenas mais tarde, me perguntei o que ele quis dizer com isso.

Capítulo Seis

Dois dias depois,

Cody me ligou em uma hora inacreditável, ordenando-me para ficar pronta em 20 minutos. Ele não me disse o que íamos fazer, só que eu deveria usar jeans e sapatos confortáveis.

Ele interrompeu um sonho particularmente bom, onde seus lábios estavam fazendo mais do que tinham feito no México, então não fiquei muito feliz. Mas, então, Cody de verdade era melhor do que sonhar com Cody, mesmo que no sonho Cody estivesse tomando liberdades com o meu corpo que o real parecia relutante em explorar.

Droga, isso estava ficando confuso.

Eu desci sonolenta, vacilando nas escadas e saí do apartamento, logo que ouvi sua camionete.

Ele me beijou rapidamente e levantou uma sobrancelha quando eu murmurei algo sobre: — O Cody do sonho beijava melhor.

— Você está realmente acordada, garota bonita? — perguntou.

Eu resmunguei algo e recostei no banco, querendo saber quem tinha colado pesos de chumbo nas minhas pálpebras.

Fiquei surpresa que Cody não parou no Muffin Heaven, em vez disso, foi para uma parte da cidade que eu não estava familiarizada. Ele finalmente parou em frente a um edifício degradado, decorado com um sinal alegre anunciando que tínhamos chegado ao 'The Bridge'.

— Vamos lá. — disse ele, puxando minha mão. — Temos que ajudar a arrumar o café da manhã.

— Que lugar é esse?

— É um abrigo onde sou voluntário. — ele disse indiferente.

Sentei-me, subitamente acordada.

— Sério? Uau! Há quanto tempo você vem aqui?

— Poucas semanas. — disse ele. — Dois dias depois que nós escrevemos a nossa lista de desejos.

— Você não disse nada!

— Eu queria que fosse uma surpresa, mas eu precisava ter certeza de que você estaria segura aqui primeiro. Alguns dos abrigos são apenas de homens, e eu não ia arriscar a minha garota bonita em torno de um monte de caras.

Eu sorri quando ele me chamou de garota bonita *dele*. Eu não me importava com isso de jeito nenhum.

— Mas este lugar. — ele continuou. — Ajuda as famílias que estão em transição. Depois do café da manhã, há uma distribuição de alimentos e roupas

- todas as coisas que foram doadas.

Inclinei-me e beijei-o com firmeza.

— Você é tão *bom*. — eu disse.

Ele sorriu e ergueu as sobrancelhas. — Eu posso ser mau, também.

Deus, eu esperava que isso fosse verdade, mas eu estava muito consciente de que estávamos em público, e recebendo mais do que a nossa

quota de olhares curiosos de uma fila de pessoas esperando lá fora que o café da manhã fosse servido.

— Segure esse pensamento, senhor, temos trabalho a fazer.

Cody me levou para dentro e me apresentou a alguns dos outros voluntários. Pelo menos eu acho que ele fez - a introdução era de um jeito que todos pareceram conhecer o meu nome, e sorriam em reconhecimento.

Não houve tempo para uma pequena conversa, porque fomos levados para a cozinha, e eu fui colocada para trabalhar fazendo uma pilha de panquecas.

Cody era um borrão de atividade: enchendo copos com suco, cortando fatias de melão e grelhando dezenas e dezenas de pedaços de bacon.

As pessoas começaram a se alinhar assim que as portas se abriram às 07:00 em ponto. Cody estava na janela de servir, com um sorriso e uma palavra para todos. Eu o vi com o canto do meu olho, impressionada pela forma como ele parecia à vontade. Então eu comecei a suar quando a minha pilha de panquecas reduziu rapidamente e eu rapidamente misturei um pouco mais de farinha, leite e ovos.

Quando a fila finalmente começou a encolher, os voluntários foram autorizados a levar um prato de comida e sentar-se ao longo dos bancos para comer com o pessoal.

Enchi dois pratos para nós e Cody colocou o suco em copos de plástico, levando-nos a um lugar onde um pai estava sentado com seus dois filhos.

Eles conversaram com Cody antes, mas comigo eles ficaram tímidos. Eventualmente, ele fez as crianças relaxarem com a promessa de jogar uma partida de basquete depois, e então não havia jeito de calá-los. Perguntaram-lhe sobre a vida em Kansas, e por que ele tinha vindo para San Diego, o que ele achava do oceano, e mais uma centena de perguntas que eu tinha estado ansiosa para fazer. Ele respondeu tudo, mas houve momentos em

que ele deliberadamente levou a conversa para longe de temas que se encontrou desconfortável. Para alguém que parecia tão aberto, ele ainda era um enigma.

— Ela é sua namorada? — Kevin perguntou, apontando para mim com a colher.

Cody olhou para mim e piscou.

— Bonita, não é?

Kevin fez uma careta e colocou mais melão na boca.

— As meninas são chatas. — ele murmurou.

Cody se inclinou e cochichou no meu ouvido: — É verdade?

Se o meu rosto ficasse mais vermelho, eles poderiam ter me usado como um semáforo.

Eu soquei seu braço enquanto ele ria.

Eu só percebi mais tarde que ele não tinha respondido à pergunta de Kevin. Acho que isso significava que eu *não era* sua namorada; apenas uma amiga que era uma garota. A garota que ele beijou no México. Quando ele estava drogado. E bêbado.

Eu tinha que lembrar disso, porque vê-lo aqui fez com que me apaixonasse um pouco por ele. Ou muito.

Depois de ajudarmos a limpar as coisas do café da manhã, fui colocada no dever de lavar louça. Cody estava na frente, ajudando na distribuição de alimentos e roupas. Fiquei espantada e humilhada pelo número de pessoas que vem para o antigo edifício para obter ajuda.

Alguns pareciam que eram moradores de rua, mas a maioria apenas parecia comum, a recessão atingindo todos os lugares. Cada um tinha uma história de partir o coração, de empregos perdidos que levaram à dívida, ou más escolhas que levaram a perder suas casas.

Havia também um número de veteranos de guerra, o mais jovem apenas com 24 anos de idade. Seu nome era Jason e ele não tinha sido capaz de se estabelecer, depois que esteve duas vezes no Afeganistão. Seus pais não queriam que ele voltasse também, e ele acabou indo morar em vários abrigos em toda a cidade.

Ele me apresentou a seus amigos, Wayne e Arthur, que eram veteranos grisalhos do Vietnã, e flertaram comigo descaradamente.

Suas histórias eram semelhantes e igualmente tristes: mudaram com o que tinham visto, mudaram com a guerra, incapazes de lidar com suas antigas vidas, casamentos desfeitos, filhos que não querem saber mais deles.

Jason ainda estava otimista de que havia mais lá fora para ele, se pudesse voltar a ter os pés no chão. Wayne e Arthur tinham se resignado com o cansaço, ser sem-teto a longo prazo, vivendo com o tédio de cada dia sendo o mesmo: uma caça por comida e um lugar para dormir, coisas básicas que eu sempre tive de graça.

Eu podia ver por que Cody quis adicionar isso à nossa lista de desejos,

embora eu me perguntasse se era mais para o meu benefício do que o seu; ele já parecia saber que cada dia era precioso, e que cada novo dia era uma estrada a ser conquistada.

Após a distribuição de alimentos, Jason juntou-se a Cody no início de um jogo de basquete casual com as crianças.

Alli, uma das organizadoras veio me trazer uma xícara de café enquanto observávamos os caras correndo e gritando alegremente.

— Foi tão maravilhoso ter Cody aqui; ele é um sopro de ar fresco. Nós todos vamos sentir falta dele quando ele sair no final de agosto.

— Desculpe? Quando ele sair?

Seus olhos se arregalaram e ela gaguejou e balbuciou uma resposta.

— Oh, eu pensei... não vai? Oh, eu provavelmente me equivoquei.

Mas eu não perdi o olhar de pena que ela atirou em mim antes de voltar a falar com outro voluntário.

Talvez Cody estivesse indo embora para a faculdade, ou talvez ele simplesmente não ache que teria tempo para ser voluntário, uma vez que ele voltasse para a escola. Isso faria sentido. Mas eu estava machucada por ele não ter dito nada para mim - ele sempre era irritantemente vago quando eu perguntava sobre seus planos para o outono.

Eu estava quieta quando eu voltei para a camionete uma hora mais tarde. Acho que ele pensou que era porque o abrigo tinha alimentado meu pensamento, porque ele falou sobre como estava grato por ter um teto sobre sua cabeça e sua mãe em sua vida.

O abrigo e as pessoas que eu conheci tinham definitivamente me afetado, mas foi o comentário na despedida de Alli, que estava fazendo o meu cérebro trabalhar hora extra.

Eu pensei que daria a Cody o benefício da dúvida, antes de eu o acusar de nada.

— Jason me pareceu muito legal. — eu comecei.

— Sim, ele é ótimo. Eu estava falando com ele sobre talvez fazer um curso em carpintaria. Ele não quer um trabalho em escritório - posso ver isso.

— E você? Você vai para a aula no outono?

— A vida é uma grande lição. — disse ele com um pequeno sorriso.

— Então, não tem planos firmes?

Ele olhou para mim de lado.

— Não realmente.

— É só que Alli disse que você está indo embora no final do mês de agosto; aquilo soou como um plano bastante firme.

Ele deu de ombros.

— É mais fácil para eles trabalharem com a lista de voluntários se eles sabem quem vai estar por perto. Eu só queria que eles soubessem que dia eu poderia ajudar neste verão.

Eu estava prestes a discutir, quando ele mudou de assunto de novo.

— Ok, então eu tenho algo arrumado para esta tarde, mas você não tem que fazer, se você não quiser.

— Se eu não quiser o que?

Ele me olhou, antes de voltar a olhar para a estrada.

— Saltar de um avião.

O sangue foi drenado do meu rosto, e se eu não tivesse sentada, eu teria desmaiado.

— Você... você não fez isso!

— Hum, sim, eu meio que fiz. Mas ninguém vai te obrigar - pule se você quiser.

— Eu acho que fui muito clara sobre meus pensamentos a respeito da sanidade mental de alguém que faria algo como isso.

Ele sorriu.

— Sério, Cody! Você tem um desejo de morte ou algo assim?

Seus olhos se arregalaram, mas ele balançou a cabeça.

— Vai ser divertido. E você não faz sozinha; é um salto conjunto,

assim você vai atrelada a um instrutor. Você não precisa nem abrir os olhos. Basta ver como você se sente quando chegar lá.

Foi por isso que, meia hora depois, um homem corpulento chamado Cesar estava preso indevidamente perto das minhas costas e eu estava usando óculos de proteção que me fazia parecer como Millhouse dos *Simpsons*.

Cody estava vibrando de emoção, e até mesmo assinar uma renúncia que prometia que não os processaríamos em caso de morte, não o deteve.

Eu estava ofegante quando estávamos sentados desajeitadamente no pequeno avião monomotor. Ele segurou minha mão quando decolamos, esfregando os dedos e me dizendo o quão incrível seria, até que eu queria gritar ou bater nele.

O avião circulou lentamente, subindo constantemente. Eu fechei os olhos, ignorando seu comentário entusiasmado que me contou que podia ver o México.

Cody ia pular primeiro. Ouvi-o implorando seu instrutor, Ralph, para fazer uma cambalhota para fora do avião. Eu achava que havia muita chance de eu vomitar só de ver isso.

Quando finalmente atingimos a altitude para saltar, Cody se embaralhou na saída, movendo-se de lado, com Ralph logo atrás. O piloto interrompeu a hélice, e por um breve momento, o único som era a rajada de vento sobre as asas.

— Três, dois, um, saia! — Ralph gritou e Cody saltou para frente, dando cambalhotas para fora do avião. Eu gritei e Cesar riu.

Olhei para fora, pela janela de plástico arranhado, vendo duas figuras arremessadas abaixo, já pequenas e quase fora de vista.

Uma breve oração vibrou na minha garganta, mas não para mim - para aquele menino louco, caindo através do ar.

O motor voltou, e nós circulamos, subindo novamente. Depois era a minha vez. Eu estava suando, quase chorando, e Cesar teve que pular com o meu corpo flácido pendurado na frente dele.

O avião foi em espiral para longe, ou talvez fôssemos nós em espiral. Cesar bateu no meu ombro para me fazer abrir os olhos, de modo que o fotógrafo que saltou com a gente pudesse tirar uma foto minha. Mas

assim que abri os olhos, a vista e o ar furioso me tiraram o fôlego.

O centro de San Diego estava espalhado abaixo e o Pacífico iluminava e resplandecia, brilhando quando o sol batia nas águas ondulando. Eu podia ver Coronado, Chula Vista e a terra vermelha da fronteira com o México, tão perto que eu sentia como se pudesse estender a mão e tocá-la.

Eu estava caindo pelo céu, em bilhões de quilômetros por hora, o meu cabelo fluindo atrás de mim e minha pele ondulando, no entanto, parecia que eu estava flutuando. Era uma sensação muito estranha.

Esqueci-me de gritar e dei o maior sorriso para a câmera.

Cesar bateu no meu ombro novamente, me dizendo para colocar meus braços ao meu lado e manter meu corpo rígido como tínhamos praticado. De repente, estávamos voando para frente, e se brotassem asas, eu não poderia ter ficado mais surpresa.

Eu estava voando, eu estava livre, e sinceramente, eu nunca estive mais feliz.

Cesar puxou o paraquedas no final, e em vez do chão correndo em nossa direção, flutuamos de volta para a Terra, balançando suavemente sob o dossel colorido.

Cody estava esperando por mim, e logo que eu estava fora do equipamento de segurança, ele correu, me levantando, então meus pés deixaram o chão novamente. O beijo quase brutal que ele me deu foi tão vertiginoso quanto saltar de um avião de uma altura de 4.000 metros. E, assim como no salto de fé, eu senti meu coração batendo no meu peito.

Os outros homens deram uma risada irreverente quando Cody me beijou profundamente, uma e outra vez, até que seus lábios lentamente suavizaram contra os meus.

— Uau. — eu disse, e não sabia se eu estava falando sobre o salto de paraquedas ou o do beijo.

Provavelmente o beijo.



Capítulo Sete

Eu não vi Cody por

quase uma semana depois da nossa visita ao abrigo Bridge e todo o negócio louco de saltar de um avião.

E aquele beijo. Aquele beijo curto, doce e castigado - um beijo que eu não conseguia parar de pensar. Adrenalina, é o que era, merda.

Ofereceram-me turnos extras no café, e eu não pude dizer não para um monte de gorjetas, ou ao salário pequeno, mas regular.

Pior ainda, dada a forma como estava confusa sobre meus sentimentos por Cody e a vida em geral, minha família descobriu que eu tinha perdido meu emprego na Wallman & Wallman. Chloe ligou lá para falar comigo. Foi a minha própria culpa maldita - eu tenho ignorando suas mensagens e chamadas no meu celular, então eu deveria saber que ela não iria deixar pra lá.

Confessei a ela o que James Wallman tinha dito e feito, e devo admitir que dei um grande sorriso com o seu desejo de voar para cá e 'chutar as bolas dele até os dentes'. Mas, então, ela foi e acabou com a minha alegria, afirmando que tinha feito uma reserva para mim no primeiro voo de volta para casa. Bem, voltando para Fayetteville, ou, se você for um pirralho do exército como os

garotos com quem fui para a escola, Fayetteville¹⁵, Carolina do Norte – o lugar que o resto da minha família chamava de casa.

Ela ficou atordoada quando eu me recusei até mesmo a considerar isso, em seguida, irritada, então, incrédula, e, por fim, com raiva de novo. Tinha sido uma conversa desgastante. Ela ameaçou voar para San Diego e arrastar-me para casa. Eu disse a ela que eu não ia. Ela contou para o papai, que ameaçou voar para San Diego e arrastar-me para casa.

Quando isso não funcionou e eu lembrei-lhe que eu era uma adulta, ele me disse para não ser tão criança. Em seguida, ele se recusou a me ajudar a pagar o aluguel do apartamento muito caro que *ele* me obrigou a pegar, porque tinha estacionamento subterrâneo e uma boa segurança.

Bem, tudo bem. Se ele estava me cortando, eu estava cortando-o. Eu terminei a ligação e fiz contato com o agente de aluguel para dar aviso prévio. Eu tinha um mês para encontrar outro lugar para viver. Ah, e conseguir um emprego que paga um salário razoável para que eu pudesse arcar com outro apartamento. Fácil.

Cody esteve ocupado, também. Eu achava que tinha algo a ver com o abrigo, mas ele deu respostas vagas quando lhe perguntei, admitindo apenas que ele tinha 'coisas' a fazer e que ele estava 'trabalhando na lista de desejos'.

Mantivemos contato com textos e telefonemas noturnos, que muitas vezes serpenteavam até a manhã seguinte, mas quando eu disse a ele o que tinha acontecido com o meu pai, ele insistiu em me ver imediatamente.

Nós nos encontramos no parque durante meu horário de almoço, para que ele pudesse jogar uma bola de tênis para Oscar, ao mesmo tempo. Assim que ele me viu, seu sorriso encantado me deu o sentimento que tudo ficaria bem; apenas por um segundo pude acreditar que não tinha problemas.

15 Nome dado à cidade de Fayetteville, nos anos 60, por protestantes em oposição a mandar frotas americanas da base Fort Bragg/ Pope AirForce para a guerra do Vietnam. Geralmente utilizados por militares.

Ele estendeu a mão e me puxou para um abraço apertado, e ficamos ali abraçados, aproveitando o calor que vinha do corpo de outra pessoa, e do simples fato que ele se importava.

Oscar refestelou em mim, empurrando a cabeça pesada contra a minha coxa, à procura da sua cota de afeto. Cocei suas orelhas e enterrei as mãos na sua pele grossa, enquanto ele suspirava satisfeito.

— Eu acho que estou com ciúmes. — disse Cody, rindo levemente.

— Bem, ele é muito bonito, com cabelo maravilhoso. — provoquei.

— Agora eu estou magoado, também.

Sorri e olhei para ele, então franzi a testa ligeiramente.

— Você parece cansado.

Seus olhos desviaram dos meus e ele agarrou a parte de trás do seu pescoço com uma mão.

— Noite longa. Você já ligou para o seu pai de novo?

— Não, e eu não vou. Ainda não. Se ele acha que pode me intimidar para voltar à Fayetteville, ele está muito enganado.

— Essa é a minha garota. — Cody disse, passando o braço em volta do meu ombro e me puxando em direção a ele.

Sou? Pensei. Sou sua garota? Mas eu não disse as palavras.

Conversamos por meia hora e ele comprou outro iogurte congelado para mim, que eu compartilhei com Oscar. Não que a gente se revezasse, ou qualquer coisa nojenta assim, mas quando eu comi cerca de metade, eu joguei o resto para ele, que o sorveu alegremente.

Cody me contou como Kevin e sua família estavam indo no abrigo, e que Jason tinha até se matriculado para os cursos de carpintaria e aprendizagem.

Nós conversamos sobre o meu pai e irmãs, onde eu cresci e sobre a faculdade. Tudo o que eu dizia o fascinava, e eu absorvia cada gota de

atenção que ele tinha para dar.

Também falamos sobre como poderíamos fazer a viagem ao Monument Valley acontecer. Não era algo que nós poderíamos apenas dar asas, por isso precisava ser planejado. Eu estava realmente animada sobre isso, mesmo que eu nunca tivesse montado um cavalo. Cody disse que ele tinha montado uma ou duas vezes quando era criança, mas tinha desistido antes do ensino médio. Pelo menos ele não era um novato completo.

Eu não tinha certeza se poderia pagar a viagem, ou pegar uma folga do trabalho, dada a minha situação financeira precária, mas Cody apenas sorriu e me lembrou que era um dos seus desejos e que queria pagar por isso. Então ele disse: — Faça o que você precisar, Ava, mas não deixe que a vida seja algo que acontece enquanto você está olhando para o outro lado.

Eu ainda estava pensando sobre isso quando ele me deu um beijo no topo da minha cabeça e disse que tinha que levar Oscar para casa.

Eu o assisti ir embora. Parecia que ele estava falando com o Oscar, porque de vez em quando, a cabeça peluda do cão olhava para ele, a língua pendurada para o lado. Cody virou uma vez e pareceu surpreso ao ver-me observá-lo. Ele sorriu e acenou, então, continuou a se afastar.

Eu olhei até que estivessem fora de vista, em seguida, corri de volta para o trabalho sozinha, perguntando por que ele não tinha me beijado como em Tijuana.

Eu tinha repetido nossos beijos mais e mais, dizendo a mim mesma que não poderia ter sido tão incrível como eu me lembrava. Foi *apenas* um beijo; deve ter sido a maconha; deve ter sido a adrenalina de sobreviver depois de saltar de um avião.

Ou talvez tenha sido apenas uma ilusão.

Mas então ele me enviou mensagens uma hora mais tarde, me dizendo para manter a sexta e sábado livres, dizendo que ele ia me pegar às 06:00 da manhã, para me vestir para o deserto e levar um agasalho. Nós realmente vamos fazer isso - íamos andar por Monument Valley e dormir sob as estrelas. Era triste pensar que a lista de desejos de Cody estava quase completa agora. Talvez ele fizesse outra - talvez pudéssemos escrever uma juntos novamente. E talvez desta vez eu colocasse a ‘viagem para a Itália’ na minha lista.

Eu

estava

pensando

sobre

isso

com

mais

frequência

ultimamente. Quando eu tinha 16 anos e ainda acreditava que os sonhos se tornavam realidade, eu passei muito tempo pesquisando o que eu precisava fazer para chegar à Florença. Era surpreendentemente fácil solicitar um visto de estudo e trabalho, e eu me perguntava o quanto as regras podem ter mudado nos últimos oito anos. Definitivamente algo para eu olhar; talvez algo que eu possa fazer mais do que apenas sonhar. Talvez.

Eu tinha trabalhado no turno da noite na véspera da nossa próxima aventura, então eu estava cansada e um pouco mal-humorada. Eu teria adorado a oportunidade de dormir, mas eu estava realmente animada para ver Cody também. Nós iríamos ter um fim de semana inteiro juntos - e iria descobrir como ele realmente se sentia sobre nós, mesmo que isso me matasse.

O barulho da sua camionete me tirou dos meus pensamentos, e eu desci as escadas, meu pequeno saco de dormir batendo contra o meu quadril.

Ele me encontrou na porta, mas seu rosto era tão sério e severo, que eu fiquei um pouco intimidada.

Minha boca abriu para falar, mas as palavras não saíram. Cody estava olhando para mim, seu olhar passando rapidamente entre o meu peito e minha boca.

Cody meu amigo se foi, substituído por um homem cujos olhos exigiam mais. Deu dois passos, depois me prendeu à parede externa do prédio, queimando meus lábios com um beijo que parecia desesperado, como se todos os beijos do mundo estivessem prestes a

acabar.

Foi tão diferente do suave selinho que ele me deu quando nos encontramos pela última vez no parque. Minha cabeça estava girando.

Eu agarrei a frente da camisa dele com as minhas mãos e puxei-o ainda mais perto, pressionando meus lábios contra os dele, tocando-o, saboreando-o e sentindo o peso do seu corpo, enquanto ele se inclinava para mim.

Minhas mãos agarraram sua camisa ainda mais forte e eu senti seus dedos esfregando círculos sobre a pele nua em cima da minha cintura. Eu estava superaquecida, a poucos passos de explodir. E se eu explodisse, o levaria comigo. Ou para dentro de mim. De uma forma ou de outra, eu *não* ia deixar este homem escapar sem uma luta.

Finalmente, ele se afastou um pouco ofegante, suas bochechas coradas e seus olhos escuros de desejo.

— É assim que se diz ‘Bom dia’ no Kansas? — eu perguntei, sem fôlego.

Ele balançou a cabeça, a boca solene, embora seus olhos dançassem com alegria pura.

— Não, isso é uma chamada de despertar em San Diego.

— Isso poderia pegar. — sorri fracamente, todo o meu corpo em chamas.

Ele encarou-me, deixando seus olhos absorverem cada parte do meu corpo, totalmente sem remorso pela primeira vez. Era como ser despida pelo simples poder da sua mente. Corei novamente e estava prestes a levá-lo escada acima.

Mas então ele suspirou e desviou os olhos de mim.

— Sinto muito, eu te ataquei. Eu queria fazer isso há um tempo.

— Eu não sinto muito. Eu queria que você fizesse isso também. Na verdade, eu decidi que, se você não fizesse, eu faria.

A surpresa e prazer em seu rosto me fizeram corar e rir. Deus! Eu odiava isso. Eu *não* era o tipo de rir. Até que eu era. Ah, atire.

Eu bufei baixinho e Cody respirou fundo, antes de me rebocar para a sua camionete.

— Grande dia, garota bonita. Começando com café da manhã.

Deixei que ele me ajudasse a entrar na camionete, em seguida, recostei no banco, aquecida pelo seu toque possessivo, estômago roncando baixinho.

Ele sorriu e deu outro rápido beijo nos meus lábios antes de dar partida na camionete. Só que desta vez ele segurou minha mão, soltando apenas para usar a seta, então imediatamente tomando conta dos meus dedos novamente.

Paramos uma hora depois, fora da cidade para abastecermos com alimentos de café da manhã. Bem, eu fiz; Cody disse que não estava com fome, mas assistiu com divertimento enquanto eu me enchi com bacon, ovos e panquecas.

Seriam 10 horas de carro para Monument Valley, então Cody tinha relutantemente concordado em me deixar fazer a minha parte atrás do volante.

Muito a contra gosto.

Ele não tirava os olhos de cima de mim o tempo todo.

— Eu não vou bater a sua camionete. — disse, irritada. — Eu *realmente* sei dirigir. Eu dirijo há mais tempo que você, Sr. Somente-18.

— Eu não consigo evitar. — ele disse. — É meio sexy vê-la dirigindo minha camionete.

Ele riu quando eu corei novamente. Ele parecia gostar de me deixar toda nervosa. Ele pagaria por isso mais tarde; tinha certeza disso.

Almoçamos em uma parada de caminhões 65 quilômetros ao norte de Phoenix, mas Cody deixou a maior parte de seus burritos, dizendo que eles estavam muito picantes. Eu tentei dar-lhe um pouco do meu sanduíche de atum, mas ele dispensou, falando que gostava de me ver comer. Sim, isso não ia me deixar *autoconsciente* de jeito nenhum.

Eu dormi por algumas horas no período da tarde enquanto íamos constantemente para o norte, e quando eu acordei, estávamos a apenas 80

quilômetros da fronteira com Utah. Bem, isso não é inteiramente verdade. Eu acordei, mas permaneci com os olhos fechados enquanto

tomei um tempo para realmente considerar o que eu estava fazendo aqui, com este incrível menino -

homem - que tinha transformado a minha vida até o ponto onde tudo o que pensei que acreditava, de repente, parecia errado, ou fora do prazo de validade.

Ele viria a significar tanto para mim, mas ele estava se segurando e eu não sabia por quê. Eu não entendia como em um minuto ele me beijava como se precisasse do meu ar para respirar, e no próximo ele me tratava como se eu fosse sua irmã ou algo assim.

Ele queria que eu fizesse parte da sua lista de desejo - inferno, ela ainda tinha alguns dos meus desejos nela, incluindo passar a noite sob as estrelas. E

eu tinha visto os sacos de dormir na parte de trás da sua camionete antes de sairmos San Diego.

O que era outra coisa que não tínhamos discutido. Dormir.

Ou não dormir, o que me incomodava mais.

— Eu sei que você está acordada.

Sua voz me fez sentar, culpada.

— Não, eu não estava.

Seu riso era sedoso e seus belos lábios se curvaram para cima.

— Você ronca quando está dormindo.

— Eu não ronco!

— Você soa como uma marmota ou algo assim, fungando todos estes sons bonitinhos.

— Você é tão mau!

— E a sua boca fica aberta, então você provavelmente baba, também.

— Pare com isso!

— Então, como você não tem feito nenhuma dessas coisas nos últimos

minutos, isso me faz imaginar o que você estava pensando.

Fui pega.

Bom, tudo bem, ele que tocou no assunto.

— Eu estava pensando em você. Eu estava pensando em nós. Existe um

'nós'?

O sorriso dele se afastou, mas ele estendeu a mão para segurar a minha.

— Você é minha melhor amiga.

Sua resposta foi dolorosa. Mas também foi evasiva.

— Eu sei. Você já me disse isso, mas isso é tudo? Porque agora você já me beijou três vezes e aqueles beijos, definitivamente não eram de 'melhor amigo'.

Ele cerrou os dentes e eu pude ver um músculo pulsar em seu maxilar.

— Sinto muito. Eu não deveria ter feito isso.

— Não faça isso! — eu rebati. — Não me diga que está arrependido por me beijar. *Magoa*, Cody.

Ele se encolheu, e eu vi quando ele agarrou o volante com mais força, os nós dos dedos clareando contra seu bronzado.

— Deus, eu sinto muito, Ava. Você é a última pessoa que eu iria querer machucar. Nunca.

Eu podia ouvir a sinceridade em sua voz, mas não era suficiente. Queria saber onde eu estava, de uma vez por todas.

— Quando nos conhecemos, você tentou me pedir para sair. Você ainda quer ficar comigo, Cody?

Sua resposta foi forçada a sair por entre os dentes cerrados.

— Eu quero, mas *não posso*.

— Pare de brincar comigo! — gritei.

Ele bateu o volante em frustração e puxou com tanta força que derrapou na estrada e estávamos saltando ao longo de um terreno acidentado.

Eu fiquei um pouco assustada. Eu tinha visto tantos lados diferentes dele: feliz, triste, sério, brincalhão - mas com raiva, Cody era outra coisa.

Seus olhos brilharam e suas narinas alargaram. Ele olhava para frente, com os punhos cerrados.

Eu soltei o cinto de segurança rapidamente e segurei a maçaneta da porta, pronta para fugir - mesmo que estivéssemos ao lado da estrada, no meio de praticamente lugar nenhum.

Sua cabeça virou-se lentamente e olhou para mim. Seu olhar se suavizou e remorso se estabeleceu através do seu rosto expressivo.

— Ava... — ele limpou a garganta e tentou novamente. — Ava, eu não quero mais nada neste mundo todo do que estar com você, para dizer a todos que eu sou seu e você é minha. Inferno, eu teria tatuado o seu nome em meu coração naquele primeiro dia em que te conheci, mas eu estou... indo embora em breve. E não é justo que comece qualquer coisa.

— Por que é apenas a sua decisão? Não tenho nada a dizer sobre isso? As pessoas vão para a escola o tempo todo e elas ficam em contato. Eu sei que passagens de avião são caras e nós não nos veríamos com muita frequência, mas poderíamos enviar e-mail e escrever, talvez vídeo chat.

Eu ficava cada vez mais desesperada enquanto ele balançava a cabeça para cada sugestão.

— Onde quer que você vá, eu vou esperar por você.

— Não! — ele gritou. — Eu não quero que você espere por mim! Eu não quero que você passe a vida esperando!

— Você é tão hipócrita! — gritei, olhando para ele, a raiva fervendo dentro de mim. — Você quer namorar comigo, então não quer. Você quer me beijar, em seguida não. O que *você* está esperando?

Por um milésimo de segundo, ele congelou em choque, mas depois nós dois estávamos em movimento e os nossos corpos colidiram. Seus braços envolveram-me, esmagando minhas costelas, seus dentes

raspando em meus lábios. Em seguida, sua língua estava na minha boca, quente, dura e exigente, e minhas mãos estavam sob sua camisa, passando pela longa linha da sua espinha. Ele gemeu e as costas arquearam, dando-me espaço para correr meus lábios e língua sobre seu peito, provocando e mordendo seus pequenos mamilos masculinos.

Senti suas mãos deslizarem para baixo da minha cintura, segurando firmemente. Em seguida, a mão esquerda foi subindo, acariciando a pele através das minhas costelas, seu polegar roçando a parte de baixo do meu peito. Um rosnado longo e baixo vibrou em sua garganta quando eu mordi um pouco mais forte do que eu pretendia, e seus dedos capturaram a frente do meu sutiã.

Minhas mãos caíram para seu jeans e eu estava puxando a fivela de seu cinto, sentindo o pulsar de calor ao longo de seu eixo grosso, quando uma buzina soou alta em nossos ouvidos, e a camionete balançou quando um caminhão de dezesseis eixos passou.

Eu caí para trás no meu assento, envergonhada porque eu estava prestes a montar nele em público.

— Merda! — Cody esfregou as mãos sobre o rosto e deixou cair a cabeça para trás.

— Sim. — eu disse, colocando meus quatro anos de vocabulário de faculdade em uso.

Ele deu uma risada seca, sem humor. — Eu nunca consigo um tempo, porra.

— Oh, eu não sei. — brinquei. — Eu acho que a sua sorte pode estar para mudar.

Ele não riu e o olhar triste que ele deu, torceu-me por dentro.

— Eu acho que seria melhor pegar a estrada. — ele suspirou.

Eu balancei a cabeça com firmeza, e ele esperou até que eu tivesse colocado meu cinto de segurança antes de voltar para a estrada.

Ele não falou; em vez disso, ele estendeu a mão para segurar a minha.

Seus dedos eram quentes, ásperos e amorosos ao redor dos meus, então por que sinto vontade de chorar?

— Eu sinto muito. — ele sussurrou.

— Estou cansada de você se desculpar. — eu disse, puxando minha mão da sua.

Nós dirigimos em silêncio, mas quando os quilômetros finais passaram, a beleza do mundo além da janela me tirou dos meus pensamentos de raiva, frustrados.

A terra vermelha e o azul do céu se estendia em vibração aparentemente interminável em direção ao horizonte, poeira grossa revestindo a estrada, e voava em plumas por trás dos nossos pneus. Espirais de antigas formações rochosas cresciam a partir do solo, apontando para o sol que estava se pondo no oeste. Longas sombras de dedos penetravam em nossa direção e um sentimento de paz se estabeleceu dentro de mim.

Eu respirei fundo e olhei para Cody. Suas mãos grandes ainda estavam segurando o volante por sua vida, mas foram as lágrimas não derramadas brilhando em seus olhos que fizeram meu coração apertar.

E fiquei impressionada com uma verdade profunda: não era o seu coração que ele estava tentando proteger, era o meu.

Estendi a mão para tocar seu braço. Seus olhos brilharam ao meu lado antes de concentrar na estrada novamente. Mas agora um pequeno sorriso suavizou as linhas duras do seu maxilar cerrado.

— Vai ser um ótimo fim de semana. — eu disse, calmamente. — Obrigada por me trazer.

Ele balançou a cabeça e engoliu várias vezes, mas não falou. Eu não acho que ele poderia, então eu só descansei minha mão em sua coxa e deixei-o dirigir em silêncio.

Chegamos ao acampamento 50 minutos mais tarde, com fome e cansados, mas sem a frustração irregular que nos havia atingido.

Quando abri a porta, deixando a cabine com ar-condicionado para trás, o calor era quase uma entidade viva, batendo no chão e queimando o ar, cheirava como pergaminho seco.

Cody pegou a minha mão enquanto me levantava da camionete, e nós nos abraçamos vagamente. Decidi viver o momento e aproveitar o simples prazer de ser abraçada, aninhando contra o peito firme de Cody, seus braços ao meu redor. Ele deu beijos suaves no meu cabelo

e desta vez eu me senti amada e querida, em vez de afastada e rejeitada.

Eu fiquei na ponta dos pés para beijá-lo de leve nos lábios e ele deu seu sorriso bonito.

— Acho que seria melhor descobrir onde vamos dormir hoje à noite, garota bonita.

— Desde que seja com você, eu não me importo. — respondi, com ousadia.

Um leve rubor destacou a nitidez das maçãs do rosto e ele abaixou a cabeça.

Rindo baixinho, eu apertei sua cintura.

— Eu não quis dizer isso. — disse, embora talvez eu tenha.

A área de camping tinha uma pequena loja de venda de artefatos dos nativos americanos. Olhei ansiosamente para as esteiras tecidas em uma variedade de padrões geométricos largos e tons de terra. Mas elas estavam além do meu orçamento escasso, então optei por um par de filtro de sonhos, decorado com a imagem de um lobo, a compra era um para mim e um para Cody. Ele disse que o lobo era um símbolo de proteção - gostei disso.

Quando olhei para cima para encontrá-lo, ele estava rindo com a assistente de vendas, enquanto experimentava um monte de chapéus diferentes¹⁶.

Ela estava definitivamente flertando com ele, embora eu não pudesse culpá-la - ele parecia terrivelmente bem na sua camisa azul marinho e calça jeans desbotada.

— Ei, Ava! Você deve ter um desses! — ele sorriu, usando um chapéu grande, preto. — Você ficaria incrível!

A assistente de vendas teve a graça de reter a carranca, que claramente queria liberar, e, educadamente, me deu um chapéu para experimentar.

— Oh, obrigada, mas eu não posso pagar por um. — eu disse, rapidamente.

— Claro que você pode. Por minha conta.

— Não, Cody. Você pagou por todo o resto; não vou deixar você comprar isso, também.

— Por favor. — implorou, seus olhos me pedindo para não lutar contra ele. — Eu nunca comprei um presente para uma garota antes. Deixe-me fazer isso por você.

16 No original Stetsons, marca de roupas, sapatos e chapéus.

Como eu poderia discutir com isso?

Eu tentei pegar um dos mais baratos, chapéus de palha, mas é claro que Cody não quis saber. Acabei com um chapéu cinza muito bonito, que eu adorei instantaneamente. Cody parecia satisfeito consigo mesmo, também, e valeu a pena ceder, só para ver aquele olhar em seu rosto.

Nos abastecemos com garrafas de água e algumas barras de cereais. Eu queria muito doces, mas eu sabia que estariam líquidos em poucos minutos. Embora a temperatura estivesse caindo quanto mais se aproximava do pôr do sol, ainda estava alta, em 32 graus.

No momento em que saímos para conhecer o nosso guia, três outros casais também estavam esperando. Eu fiquei um pouco desapontada que nós estaríamos com outras pessoas, pois significava que as chances de *dormir* com Cody em vez de apenas dormir, eram remotas.

Bem, eu poderia esperar. Não por muito tempo, no entanto.

Nós nos apresentamos e os outros pareciam amigáveis, apesar de serem mais da idade do meu pai do que da nossa. Eu senti uma pontada de aborrecimento quando me lembrei de como meu pai tinha falado comigo. Mas eu reconheci que era também a minha própria culpa, por deixá-lo tratar-me como uma menina por tanto tempo. Meus dedos alcançaram automaticamente a mão de Cody, e ele sorriu para mim, colocando o braço em volta dos meus ombros antes de decidir que estava quente demais para isso, em vez disso, se contentou em brincar com o meu cabelo.

De trás de uma curva na estrada vermelho ferrugem, dois jipes em solavanco e sacudindo estavam vindo em nossa direção, derrapando até parar em uma nuvem de poeira impressionante. O homem que claramente seria o nosso guia saltou para fora. Seu rosto tinha a cor e a textura de uma sela velha, mas seus olhos negros brilhavam com diversão enquanto tossíamos e cuspiamos.

— Olá, pessoal. Eu sou Joe e vou levar todos vocês para Big Hogan para o pôr do sol. Pegaremos os cavalos de manhã. Carreguem suas coisas; sairemos em apenas um minuto.

Cody assumiu o comando dos sacos de dormir e as nossas duas mochilas, enquanto eu carregava a água e as guloseimas que tínhamos comprado.

Então, orgulhosamente vestindo nossos novos chapéus, sentamos no banco de trás de um dos jipes.

Entramos em outra nuvem de poeira, saltando desconfortavelmente nos assentos duros. Agarrei-me a Cody e ele sorriu de volta para mim, a alegria refletindo em seus olhos azuis.

O jipe sacudiu por todo o vale, viajando mais e mais para o passado. Olhei por cima do meu ombro e fiquei chocada ao ver uma nuvem gigante vermelha nos seguindo.

— Tempestade de areia. — Joe gritou, a voz rouca sobre o barulho do motor. — Mas nós vamos perdê-la, então não se preocupem.

Cody enfiou o braço ao meu redor de forma protetora e eu tentei ignorar as gotas grossas de chuva que respingavam nas janelas do jipe enquanto a temperatura caía rapidamente. Eu tremi e Cody me puxou com mais força contra ele, como se só o seu corpo pudesse me proteger de todo o mundo. Talvez ele pudesse.

A borda da tempestade nos tocou brevemente, antes de acelerar para dentro da escuridão crescente do leste. Depois de mais alguns minutos, Joe pisou nos freios e guinchamos em uma parada contra a parede de um dos monumentos imponentes que nomeou o vale. Quando saímos dos jipes, o ar parecia, de repente, parado.

Joe começou a falar, sua voz grave carregando, claramente, o peso das suas palavras.

— Meu povo, o Navajo, chama esta terra de Tsebii'nidziszgai; que significa

‘o vale dentro das rochas’. É sagrada para nós e vivemos aqui muitas centenas de

anos e, antes de nós, a tribo perdida of the Anasazi. Nós não sabemos por que eles deixaram. Os mais velhos dizem que foram convocados para o mundo espiritual. Independentemente do que acreditam, vocês

podem sentir os ossos do mundo sob seus pés e os espíritos acima de vocês, no grande céu. Eu sinto a presença deles; vocês devem decidir.

Eu podia ver que Cody foi cativado pelas palavras, e até mesmo o meu ceticismo normal foi varrido na vasta paisagem, que fazia uma paródia da duração de uma vida humana.

Quando Joe levou-nos adiante, a pé, meus dedos roçaram o monumento, absorvendo as antigas esculturas de animais - búfalos, veados e cavalos. Sempre cavalos. As perguntas rolavam: quem, quando e por quê?

Cody e eu separamos dos outros, andando como se estivéssemos hipnotizados, até que escalamos através de uma abertura nas rochas e nos encontramos em pé dentro de uma enorme caverna, um anfiteatro natural esculpido em arenito. Luz inclinada agrupava-se abaixo, vinda de um orifício na parte superior em forma de um olho enorme, linhas irradiando a partir dele como cílios, mas realmente manchadas pela ação do vento e da chuva.

— Chamamos isso de 'o olho para o céu'. — disse Joe, sorrindo quando ele nos viu saltar com a sua presença repentina.

— É incrível. — Cody respirou, olhando para cima. — Mais ou menos tranquilizador - como... eu não sei. Como se tudo tivesse sido visto, ou é visto.

Joe olhou para ele de forma avaliadora. — Você está à procura de respostas.

Cody ficou surpreso com as suas palavras, mas não discordou. Algo se passou entre eles e assisti, perplexa.

— Você devia conhecer a vovó Yatzi. — disse Joe. — Ela é muito antiga, muito sábia. O curandeirismo é forte dentro dela - ela sabe muitas coisas.

Os olhos de Cody se iluminaram.

— Sério? Uau! Tentei encontrar com um curandeiro, mas eu não conseguia marcar nada para este fim de semana. Então, sim! Com certeza!

Joe assentiu e se afastou tão silenciosamente como chegou.

— Nós vamos terminar a lista amanhã. — eu disse, com tristeza.

Cody não falou, mas nós nos abraçamos com força. Seus lábios macios encontraram os meus e nosso beijo foi apenas um sussurro, uma promessa que a brisa afastou.

A buzina do jipe soou ao mesmo tempo exato que meu estômago roncou.

Cody riu suavemente. — Eu posso pegar uma dica.

Mas havia mais uma parada antes do jantar. Joe dirigiu-se a uma pequena plataforma com uma bravata vermelha atrás de nós.

E lá vimos o pôr do sol.

Fiquei de boca aberta, enquanto uma chama de vermelho e laranja queimava o céu, estabelecendo o planalto em chamas em uma exibição impressionante da natureza, Deus ou alguma divindade mais poderosa, mais velha, mais fascinante do que qualquer coisa que eu tivesse visto.

Acho que fiquei sem fôlego e agarrei o braço de Cody, o nosso silêncio mais significativo do que qualquer palavra. Um silêncio profundo me encheu enquanto eu observava o ciclo do dia para a noite, enquanto a Terra girava. E eu era parte dela; juntos éramos parte dela. Meus problemas pareciam pequenos e ridículos, e eu prometi a mim mesma que este era o lugar onde minha vida começava de novo: neste dia, neste momento, com este homem ao meu lado - se ele me quisesse.

Escuridão floresceu em todo o céu, e milhões de estrelas brilharam sedutoramente. Pensei na minha mãe. Ela teria gostado de Cody. Eu gostaria de poder compartilhar este momento com ela. Talvez eu estivesse.

Capítulo Oito

Joe nos levou de volta

para o local próximo a Big Hogan, o olho gigante, e Cody e eu observamos preguiçosamente enquanto os outros faziam estardalhaço em torno das barracas de camping.

Nosso plano era muito simples: nós dormiríamos na areia grossa, suave na base do monumento, e, no caso improvável de chuva, ou um pouco mais provável caso de uma nova tempestade de areia, dormiríamos no jipe. Seria um aperto, mas ainda assim preferível a uma tenda frágil que bloqueava as estrelas.

Cody escavou um espaço na areia, então teríamos um casulo contra a noite, semelhante ao útero no ventre da Mãe Terra. Ou talvez fosse apenas nos manter privados da brisa fresca.

Um cão vira lata trotou, seu corpo magro em desacordo com sua simpatia passiva. Os outros ficaram desconfiados dele, murmurando para si mesmos sobre os perigos do tratamento de uma mordida de cão por todo o caminho até aqui. Cody sorriu quando o vira lata caiu a seus pés, permitindo que ele acariciasse sua pele empoeirada.

Joe e seus ajudantes trabalharam para ter uma boa fogueira, em seguida, chamou todos nós para jantar - algo que ele descreveu como tacos nativos americanos. Era uma espécie de pão sírio, bem frito, do tamanho de um prato de jantar e preenchido com uma camada de feijão em molho picante, coberto

com tomate em cubos, alface, cebola, queijo ralado e uma grande fatia de bife ao lado. Mergulhei avidamente, mas não pude deixar de notar que Cody alimentou o seu novo melhor amigo com grande parte, que parecia ter uma família inteira de melhores amigos peludos, dedicados a compartilhar a recompensa.

Uma vez que estávamos cheios e sonolentos com o contentamento, o entretenimento começou. Joe apresentou alguns dos ajudantes, que acabou por serem multitarefas eficientes, um tocando uma flauta e outro cantando. Em seguida, a bateria começou, e a alegria no rosto de Cody foi destacada pelas chamas bruxuleantes e totalmente contagiantes, conforme nos levantou para dançar com ele.

A batida primitiva, apaixonada, girava em torno de nós, deixando-me tonta com o barulho, o movimento e a felicidade florescendo dentro de mim.

Então Cody me puxou para os seus braços e beijou-me profundamente,

ignorando os gritos enquanto seu corpo se curvava sobre o meu. Quando ele se levantou, parecia muito satisfeito consigo mesmo. Tudo o que eu podia ver era seu belo rosto e a noite se desdobrando em cima, cheia de um milhão de estrelas, brilhando como diamantes contra o céu preto profundo.

— Perfeito. — ele murmurou, seus lábios sussurrando no meu rosto superaquecido.

Nós dissemos boa noite aos nossos amigos aventureiros e nos dirigimos para os nossos sacos de dormir.

— Nós poderíamos juntá-los. — eu ofereci, hesitante. — Para aquecer.

Cody levantou uma sobrancelha. — Para aquecer?

— Sim.

Ele piscou para mim. — Claro, porque não?

Nós tiramos nossas botas e eu esperava que me lembrasse de sacudi-las na parte da manhã. Nós tínhamos sido avisados que os escorpiões gostavam de rastejar para dentro delas. Ugh.

Eu abri meu jeans, mas deixei o resto, então cobicei abertamente, enquanto Cody soltava suas calças e as deslizava para baixo, pelas suas longas pernas.

Infelizmente, eu não era a única pessoa a apreciar o show. Mesmo que estivéssemos um pouco longe, Joe tinha nos avisado para ficar à vista da fogueira. Ele não disse o porquê, mas o uivo faminto de um coiota garantiu que eu não fizesse nenhuma pergunta idiota.

Eu deslizei em nossos sacos de dormir unidos, tremendo no ar fresco da noite. Cody deslizou ao meu lado, passando automaticamente os braços em volta do meu corpo, para que minha cabeça ficasse apoiada contra seu peito firme.

Mesmo que eu pudesse ver cada estrela no céu, as poderosas sombras faziam truques com os meus olhos, e eu aconcheguei ao seu lado, o calor sólido reconfortante.

Ele suspirou satisfeito.

— Se eu soubesse o quanto isso seria bom, teria colocado este momento na minha lista de desejos. — ele arfou.

— Eu gostaria de poder passar uma vida inteira assim. — eu disse, feliz.

Ele fez uma pausa, antes de falar novamente.

— Talvez possamos fazer uma vida a partir deste momento.

Então eu o senti dando um beijo em meu cabelo.

Acordei várias vezes durante a noite, a areia macia surpreendentemente desconfortável, conforme a temperatura caía ainda mais. Cada vez que Cody mexia sutilmente, seus olhos me encaravam, então me puxava para mais perto, nosso calor compartilhado, mandando embora o frio.

Nós dois acordamos, quando Joe apertou a buzina do jipe, sua versão de alarme, às 05:00 da manhã. Meu coração batendo desagradavelmente, esfreguei o sono dos meus olhos e me virei para ver a expressão calorosa de Cody.

— Dormiu bem, garota bonita?

— Nunca dormi melhor. — menti, esfregando minhas costas para resolver as torções. — E quanto a você?

— Oh sim! Definitivamente o melhor sono de todos - mesmo que eu não tenha dormido muito.

— Por que não?

— Muito ocupado olhando para você.

— Oh.

Isso merecia um beijo, e eu não me importava com hálito matinal ou a pele suave de barba do queixo e bochechas ou o fato de que ainda estávamos em público.

Eventualmente, suas grandes mãos agarraram os topos dos meus braços, e ele me afastou.

— O que está errado?

— Nada. Apenas, hum, ficando um pouco animado. — disse, erguendo as sobrancelhas expressivas.

— Oh. — o que há sobre este homem que me deixou com o

vocabulário de uma criança de dois anos de idade? — Acho que devemos levantar.

— Você primeiro. — ele tossiu um pouco. — Eu preciso de um minuto. —

e então ele murmurou baixinho. — Eu fiquei acordado a noite toda.

Meu corpo inteiro corou escarlate, enquanto estava sentado ali, sorrindo para mim.

— Não se esqueça de sacudir suas botas, garota bonita.

O céu estava mais leve agora, cinza substituindo o preto de seda, e a lua brilhante estava afundando lentamente atrás do Hogan.

Sonolenta, da falta de dormir, eu puxei as minhas calças jeans e botas, sorrindo para mim quando eu vi os olhos de Cody colados às minhas pernas. Não pude deixar de retribuir o favor, sorrindo para mim mesma, conforme ele virou as costas timidamente.

Suas bochechas estavam rosadas quando ele olhou para cima, e sorri para mim mesma enquanto o ajudava a arrumar os nossos sacos de dormir.

Joe guiou-nos para os jipes, e descemos para o vale, o vento fresco chicoteando contra os nossos rostos e pelo meu cabelo enquanto perseguíamos o nascer do sol.

Quando o jipe sacudi em um impasse, saltamos e subimos com esforço uma enorme duna de areia, então ficamos em silêncio, lado a lado, observando o vazamento de cor ao redor do mundo, até que o sol se levantou, um flamejante, vermelho-sangue, pintando o planalto com uma chama de laranja e dourado.

— Isso foi... — eu não conseguia encontrar as palavras.

Cody me abraçou com força.

— Um novo dia. — ele murmurou, para si mesmo.

O calor começou a se reunir conforme o sol subia, lembrando-nos que o deserto no verão não era para desistentes.

Joe tocou a buzina novamente para nos chamar, e nós descemos as dunas como um par de pré-escolares, cuspingo bocados de areia e agitando nosso cabelo. Eu definitivamente fiquei com o pior daquele

negócio, porque Cody apenas passava a mão através do dele, enquanto o meu, esfregão selvagem, não seria domado nem em um chuveiro e um vidro de condicionador.

Joe sorriu para nós, então, apontou por cima do ombro, e vimos uma fila de cavalos andando em nossa direção, liderada por um homem moreno, taciturno, com olhos grandes e profundos.

Cody foi o primeiro a cumprimentar os cavalos, esfregando o nariz deles gentilmente e compartilhando a sua barra de cereais de café da manhã com

eles. Eles relincharam e jogaram suas crinas para cima dele, antes de empurrar suas cabeças desgrenhadas contra seu ombro, tentando conseguir mais comida.

Meu cavalo chamava Nastas, que significava ‘rabo de raposa’ e o cavalo de Cody era Niyol, ou ‘o vento’.

Nastas era atarracado e feio, com um olho cinza. Eu me aproximei dele lentamente enquanto ele me encarava malignamente. Eu meio que esperava ser mordida ou levar um coice, mas Nastas ficou ali placidamente enquanto Cody me ajudou a subir na sela larga, onde eu caí desconfortavelmente como um saco de batatas. Eu invejei sua facilidade graciosa conforme ele balançou uma longa perna sobre Niyol, estabelecendo-se na sela, como se tivesse nascido lá.

— Eu pensei que tinha dito que montou uma ou duas vezes. Algo que queira me contar? — perguntei, intrigada.

— Três anos de rodeio júnior. — admitiu, com um sorriso tímido.

— Então você era bom?

— Não era ruim.

— Por que você desistiu?

Ele deu de ombros e olhou para longe. — A vida aconteceu.

Eu esperei por uma explicação, mas nenhuma chegou, e Cody foi salvo de mais perguntas por Joe sinalizando que estávamos saindo.

Os cavalos se arrastaram em fila indiana através do calor intransigente. O

ar estava muito seco e seus cascos chutavam pequenas nuvens de

poeira, enquanto caminhavam. Poderia ter sido há cem anos ou 500 anos, e apenas as roupas e os cascos de metal dos cavalos haviam mudado.

À medida que a manhã passou em uma névoa de suor e sol, nós exploramos o Big Indian Spire, Castelo Butte e outras paradas ao longo da trilha Mitten, minha irritação com o contínuo silêncio de Cody derretendo com a beleza grandiosa e acidentada da paisagem antiga.

Paramos várias vezes para tirar fotos, posando com o conjunto de morros de arenito, subindo trezentos metros em direção ao céu, deixando nossas vozes ecoarem entre as pedras, e eu me perguntava até que ponto esses sons poderiam viajar. Parecia uma eternidade.

Quando montamos de novo, fizemos nosso caminho lentamente pelas imponentes e silenciosas rochas.

A última parada foi na cabana da vovó Yatzi, feita de madeira e barro.

Uma pequena mulher, cujo rosto estava amassado e forrado como o vale em que vivia, cumprimentou-nos em Navajo, acolhendo-nos à sua casa.

Joe traduziu.

— Vovó Yatzi pode falar Inglês, mas hoje em dia é mais fácil para ela falar sua própria língua. Ela vai dar uma demonstração da arte de fiar tradicional. Se vocês tiverem alguma dúvida enquanto ela trabalha, não hesitem em perguntar.

Houve um murmúrio nervoso, quando nos perguntamos quem iria primeiro. Os olhos da velha senhora, negros como besouros, observou-nos, humor insinuado em seu olhar.

Suas mãos chatas começaram a girar, e Joe manteve uma narrativa das técnicas que ela estava usando, descrevendo de onde as ovelhas e a lã tinham vindo, e como o corante era fixado no fio. Quando vovó Yatzi terminou, ela olhou para cima e apontou um dedo ossudo para mim, os dedos inchados com reumatismo e idade.

Quando ela me chamou para frente, eu lancei um olhar nervoso para Cody.

— Vovó gostaria de trançar seu cabelo. — disse Joe.

Eu me ajoelhei na frente dela e ela penteou o meu cabelo com os

dedos nodosos, rindo com a voz rouca quando ela sacudiu a areia para fora dele. Então ela enrolou o fio recém-fiado em meu cabelo, transformando-o em uma trança longa e colorida pelas minhas costas.

Uma memória de infância encheu meus olhos de lágrimas, e Joe falou com emoção lenta.

— Vovó diz que sua mãe costumava fazer isso para você.

— Sim.

— Mas não por muito tempo.

— Não.

— Vovó diz que sua mãe te olha, e você a verá novamente um dia, mas não em muitos, muitos anos.

Eu não consegui falar. Cody ajoelhou-se ao meu lado e segurou minha mão, apertando os dedos com força.

A velha senhora deu um tapinha no meu ombro, em seguida, colocou a mão no rosto de Cody.

— Ela diz que você vai começar a sua viagem em breve e que você sabe disso. — Joe entouu.

Cody assentiu, seus olhos ainda em mim.

Joe limpou a garganta.

— Vovó falou para te dizer que o amor pode durar muitas vidas.

— Sim. — disse Cody. — Estou descobrindo isso.

Ele virou-se e deu um beijo suave no meu cabelo trançado, fazendo com que as outras mulheres no grupo ficassem em êxtase quietamente.

Um pouco envergonhada, fiquei em pé com a ajuda de Cody e murmurei um tímido ‘obrigada’ à vovó Yatzi.

À medida que nos afastávamos, ela se levantou com dificuldade e levantou a mão em uma despedida silenciosa. Cody sorriu e ambos acenamos.

Chegar ao parque de camping e loja de turismo foi como se de repente deslizássemos em 2014, a partir de um século mais silencioso, mais

lento. Foi um choque.

Nós pegamos um sanduíche rápido para o almoço, despedimos de Joe e os outros, em seguida, voltamos para a camionete de Cody. Com sorte, estaríamos de volta em San Diego, pouco antes da meia-noite. Eu estava ciente de que estávamos deixando algo mágico para trás.

Nós revezamos a condução, trocando a cada duas horas para tentar nos manter acordados. Cody parecia exausto e eu me perguntei o quanto ele havia dormido na noite anterior. Com a barba em seu rosto e as olheiras sob seus olhos, ele parecia mais velho do que seus 18 anos, veja bem, eu não era uma pintura a óleo. Eu estava empoeirada e suja, com areia no meu cabelo e outros lugares inconfessáveis. Eu estava com saudades de um banho quente e minha própria cama.

Cody dirigiu a última etapa, beijando-me para acordar, quando estacionou ao lado de fora do meu apartamento.

— Oh, eu estava dormindo, então. — eu gemi, esticando minhas costas e esfregando os olhos.

— Eu acho que estava, também. — Cody admitiu. — Aconteceu de eu estar dirigindo ao mesmo tempo.

— Você... você quer subir? — eu perguntei, de repente tímida.

Ele ficou pensativo e meu coração afundou.

— Sim. — disse, por fim. — Eu realmente gostaria de subir.

Eu não pude evitar o sorriso que se espalhou pelo meu rosto e ele sorriu de volta para mim. Então eu me inclinei para frente, agarrei a camisa em meus punhos e o beijei pra caramba.

— Eu acho que foi a resposta certa. — ele riu contra os meus lábios, quando ambos viemos à tona para respirar.

— Eu acho que foi. — concordei, meu coração leve.

Saímos da camionete e andamos em direção a minha porta.

Eu pulei quando ouvi uma voz familiar na escuridão.

— Por que você está em casa tão tarde, Ava, e quem é esse menino?

Virei-me, desejando com todo o meu coração que isso não estivesse acontecendo. Mas não: ele era bastante real.

— Pai! O que você está fazendo aqui?

Meu coração começou a martelar, e eu olhei para Cody, cujo rosto tinha uma expressão estranha de seriedade, quando a mão esquerda segurou a minha com força.

— Boa noite, senhor. Meu nome é Cody Richards. Eu sou um amigo da sua filha.

— Eu posso ver isso. — disse meu pai com raiva, ignorando a mão estendida de Cody. — Eu vi você devorá-la nos últimos cinco minutos.

— Papai!

Cody ignorou a grosseria e se virou para mim, segurando meu rosto entre as mãos.

— Você quer que eu vá com você, Ava? Explicar as coisas?

Eu o beijei docemente.

— Não, está tudo bem. Papai e eu precisamos ter uma longa conversa. Mas obrigada.

— Posso... posso te ligar amanhã?

— Eu vou te caçar se você não fizer isso.

Ele riu com tristeza.

— Eu vou cobrar isso de você, garota bonita.

Ele deu um beijo suave nos meus lábios, ignorando o xingamento de desaprovação furioso do meu pai e subiu exausto em sua camionete. Ele sorriu, acenou uma vez e foi embora.

— Nós temos alguma conversa para ter, mocinha. — ameaçou o meu pai.

— Sim, nós temos. — concordei. — Há algumas coisas que eu preciso dizer para você.

Capítulo Nove

Meu pai e eu

conversamos por duas horas. Bem, talvez 'conversar' não seja a palavra certa. Ele gritou, eu gritei. Ele latiu, eu rugi. Quando ele insistiu para que eu voltasse para Fayetteville, eu recusei. Ele ordenou, eu me recusei novamente. Então ele implorou e suplicou, e eu tentei explicar.

— Eu preciso tomar minhas próprias decisões, Pai, boas e ruins. Eu nem sempre vou acertar, mas é assim que vou aprender. Você tem que me deixar fazer essas escolhas.

— Mesmo quando vir para San Diego tem sido nada além de um enorme erro?

— Eu não vejo dessa forma, pai. Estou conseguindo sozinha. Não vou dizer que tem sido fácil, porque não tem.

— E essa nova 'maturidade' que você insiste que tem, sua recusa em voltar para casa, para a sua família, não tem nada a ver com esse menino que você conheceu?

Ah, ele me pegou.

— Em parte. — admiti, finalmente, ignorando o brilho triunfante do meu pai. — Cody se tornou importante para mim. Ele me ensinou que a vida não é

algo para tomar como doação; é um privilégio e eu tenho que tomar as decisões certas para mim.

— Muito profundo. — ele zombou. — E o que ele faz, este menino?

— Como eu disse, o nome dele é Cody, e ele é importante para mim, pai. Por favor, respeite isso.

Papai ficou em silêncio por alguns segundos, em seguida, ele disse em um tom mais conciliador: — O que ele faz?

— Ele é voluntário em um abrigo.

Por um momento, meu pai ficou perplexo. Eu sabia o que ele estava pensando: pontos negativos por não ter um trabalho remunerado; pontos positivos para o trabalho voluntário.

— Isso dificilmente é uma carreira. — ele disse, por fim.

— Nem tudo é sobre dinheiro. Trata-se de dar algo de volta à comunidade. — eu disse com firmeza.

Nossos olhos se encontraram.

— Você vai voltar para casa?

— Minha casa é aqui, pai.

Ele parecia tão chocado e chateado que eu quase desabei, mas sabia que se voltasse com ele, me arrependeria de não tentar ficar sobre meus próprios pés.

— Pai, eu não digo isto para te magoar, mas eu fui sua garotinha por tanto tempo que você não quis ver que eu cresci.

Ele suspirou. — Há alguma verdade nisso.

Eu sorri e peguei sua mão. — Eu conheci uma mulher curandeira Navajo de verdade hoje.

— Você tem tido algumas aventuras ultimamente. — ele sorriu, com tristeza.

— Sim, eu tenho. Vovó Yatzi fez essa trança para mim.

— Está bonita.

— Obrigada. Vovó Yatzi me disse que sabia que a mamãe costumava fazer isso para mim.

Ele respirou subitamente.

— Ela disse isso?

— Sim. Não é incrível?

— Eu me lembro da sua mãe fazendo isso. — disse, em voz baixa. — Ela passava horas mexendo com o seu cabelo.

— E ela disse que a mamãe estava me olhando, das estrelas, assim como você costumava dizer.

Senti sua mão tremer.

— Você é tão parecida com a sua mãe. — falou, sua voz afiada com carinho e tristeza. — Tão cheia de vida. Eu nunca poderia dizer-lhe nada também.

Lágrimas picaram nos meus olhos, mesmo quando compartilhamos nossas risadas.

Eventualmente, o meu pai foi embora; de volta para o hotel e para o voo noturno que ele tomaria sozinho na parte da manhã. Prometi ligar para ele com mais frequência, e ele prometeu fazer o seu melhor para me deixar viver a minha própria vida.

Nós nos abraçamos, e então ele se foi.

Quando acordei na manhã seguinte, o sol estava alto no céu e era quase meio-dia. Resmungando para mim mesma, cambaleei para fora da cama, mas não antes de perceber que os lençóis estavam cheios de areia.

Suspirando, eu tirei-os da cama e arrastei até a lavanderia. Então eu tomei a chuveirada mais longa da história e me fortaleci com café e torradas, antes de arrastar a minha bunda para o trabalho.

O dia passou lentamente, mesmo com um turno da tarde e à noite no café, mas trocar mensagens com Cody manteve um sorriso no meu rosto.

Eu expliquei o que tinha acontecido com o meu pai, e ele disse que estava orgulhoso de mim. Eu estava meio que orgulhosa de mim, também.

Como eu só tinha que trabalhar até a hora do almoço no dia seguinte, ele sugeriu um piquenique na praia.

Isso soou como perfeição para mim.

Cody me pegou no início da tarde. Depois de uma boa noite de sono, para variar, e eu estava me sentindo quase humana novamente.

Pensei que Cody ainda parecia um pouco abatido e eu me perguntei se ele tinha perdido peso, mas ele estava barbeado e cheirava a minha colônia picante favorita. Ele estava vestido com shorts e uma camisa velha que marcavam os músculos de seu peito. Em outras palavras, ele parecia delicioso.

Seu sorriso era tão grande que eu podia ver a covinha bonita aparecendo. Oh, me divertiria um pouco com isso mais tarde. Eu decidi.

Ele me deu um beijo leve na boca, quando eu subi em sua camionete, mas o que ele conseguiu foi um completo choque de lábios, língua- emaranhada, respiração ofegante, mãos apalpando, o 'Olá' de San Diego.

Seu rosto estava corado quando me afastei, seus olhos escuros, e conforme lambeu os lábios, pude ver que meu ataque o tinha deixado um pouco inchado. Senti-me bastante orgulhosa de mim mesma - assim como desconfortavelmente excitada, embora a condição de Cody fosse mais evidente

do que a minha. Não pude deixar de verificar a sua 'condição'; era impressionante.

Agora eu era aquela lambendo meus lábios.

Cody pigarreou.

— Isso foi... uau. Eu acho que é isso que você chama de boa tarde.

Eu sorri para ele. Normalmente, ele era tão composto, mas agora ele parecia completamente confuso.

— Isso é só o começo. — eu disse, colocando o cinto de segurança.

Ele gemeu baixinho e se mexeu desconfortavelmente no assento.

Ficamos em silêncio por um momento.

— Eu pensei que estivéssemos indo para a praia? — eu comentei, enfim.

— Estamos. — disse ele, secamente. — Assim que um pouco do sangue do meu corpo voltar para o meu cérebro.

— Oh. — eu ri. — Sinto muito.

— Não, você não sente. — ele desafiou.

— Não, eu não sinto. Você quer que eu dirija?

Ele balançou a cabeça, respirou fundo e deu partida.

Eu não tinha ido para a praia de La Jolla Shores antes, mas estava feliz que não tivesse, porque isso significava que era outra primeira vez para nós dois.

Estacionamos no topo da colina e Cody colocou nos ombros um grande saco cheio de comida e bebida, enquanto eu carregava um de seus sacos de dormir para usar como um cobertor. A colina íngreme inclinava por uma curta distância, decorada na parte superior por palmeiras e arbustos. Logo, nós

estávamos olhando para baixo para uma crescente pálida de areia, ancorada por um cais em uma extremidade.

Parecia ser um lugar favorecido por banhistas ativos, e eu podia ver pessoas nadando, remando em caiaques, e até mesmo alguns surfistas, embora as ondas estivessem pequenas e suaves hoje.

Cody encontrou um local tranquilo para nós, no oco de uma duna a uma curta caminhada da beirada da água. Eu abri o saco de dormir e desabei nele, sorrindo para Cody.

Seus olhos estavam escondidos atrás de óculos de sol, então eu não poderia dizer o que ele estava pensando, mas parecia que ele queria dizer alguma coisa.

Eu estendi minha mão para ele, e ele deixou cair o saco de comida na areia e se esticou ao meu lado.

Suspirando contente, eu deitei minha cabeça no seu peito e acariciei sua barriga. Cody colocou seu braço ao meu redor, esfregando círculos lentos no meu ombro.

— Estar com você, desse jeito. — Cody começou, com a voz rouca. —

Eu me sinto... eu sinto...

Ele xingou baixinho, frustrado por não conseguir pronunciar as palavras.

— Ei, está tudo bem. — eu disse, inclinando-me para olhar para ele.
— Eu sinto isso também. Você não tem que explicar. Vamos desfrutar de hoje.

— Eu posso fazer isso. — ele disse, sorrindo suavemente.

Mergulhei para beijar seus lábios cheios e, em seguida, ele capturou o meu corpo, me puxando para cima dele.

Eventualmente, nossos beijos ásperos acalmaram, tornando-se gentis e amorosos, em vez de aquecidos e esmagadores.

Sentei-me com um suspiro feliz e comecei a desabotoar a blusa do uniforme. Os olhos de Cody assistiram a progressão dos meus dedos para baixo. Quando eu tirei para revelar meu biquíni por baixo, eu meio que esperei que seus globos oculares estourassem para fora da sua cabeça e fossem rolando na praia. Ele parecia paralisado me olhando, então eu fiz um show ao desabotoar meu short, em seguida, joguei-o em seu rosto, enquanto corria para o mar.

Ouvi seu grito abafado atrás de mim, mas cometi o erro de olhar por cima do ombro conforme ele arrancava sua camiseta e vinha correndo em minha direção.

Eu soltei um grito e tentei fugir, mas ele me pegou pela cintura e nós dois caímos de lado.

Eu gritei enquanto a água fria me envolveu, o som terminando com um gorgolejo quando engoli um bocado de água do mar.

Então eu senti as mãos de Cody ao meu redor, me puxando para a vertical. A água derramou do meu corpo conforme tossia e cuspia. Cody estava rindo, impotente, ele tirou um pedaço de algas do meu cabelo, a pele brilhando enquanto a água escorria pelo seu peito.

Esse momento - era um que eu queria fixar na minha memória de dias especiais. O céu azul brilhante, o sol quente e os olhos de Cody felizes e rindo, e tão cheios de amor. Ele me tirava o fôlego.

— Eu te amo. — eu disse.

Seu sorriso congelou.

— O quê?

— Eu te amo, Cody Richards.

Sua cabeça caiu para o peito e meu coração gaguejou, surpreso com a reação dele.

— Você não deveria me amar. — disse, sua voz estranhamente aflita.

Eu ri nervosamente. — Bem, difícil! Porque eu amo.

Ele não disse nada e não podia sequer olhar para mim.

— Bem, isso é estranho. — eu disse, forçando-me a segurar minhas lágrimas iminentes.

Eu já tinha me afastado e começado a andar, quando ele pegou meu braço.

— Eu sinto muito. — ele suspirou. — Eu sinto muito... eu só...

— Está tudo bem. — eu disse, entorpecida.

— Não! Porra, não! Não está tudo bem. Deus, Ava, eu te amo tanto e eu te daria o mundo se eu pudesse, mas...

Eu capturei as únicas palavras que importavam.

— Você me ama?

Suas palavras estremeceram em um impasse.

— Sim. — ele disse, olhando nos meus olhos. — Tanto. Eu te amo, Ava, muito.

E esse foi mais um momento precioso que eu nunca esqueceria: o momento em que Cody disse que me amava.

Nos abraçamos em silêncio, a água rasa ondulando em torno de nossos joelhos.

Naquele dia, aconteceram tantos momentos especiais depois das nossas palavras murmuradas de amor. Nós nadamos no mar, caminhamos ao longo da praia de mãos dadas, comemos sorvete, cochilamos ao sol, nossos braços e pernas entrelaçadas como dois

filhotes de cachorro. Era como se estivéssemos construindo uma vida inteira de memórias naquele dia.

Quando o sol começou a afundar, reunimos troncos e construímos uma fogueira, protegidos pela duna da brisa suave que surgiu.

E, em seguida, envoltos pela noite recolhida, fizemos amor.

Tudo começou com um toque, o menor toque dos seus dedos contra os meus quando ele me passou um pedaço de madeira para atirar no fogo.

Faíscas atiraram no ar e eu as assisti por um momento antes de virar para ele, descansando a mão sobre a pele quente da sua coxa, logo acima do joelho, e logo abaixo de onde o material da sua bermuda terminava.

— Fica comigo. — eu disse.

Ele fechou os olhos como se estivesse com dor. — Não me peça, Ava, porque eu não vou conseguir dizer não, e eu sei que deveria.

Eu sabia o que ele queria dizer, porque ele estava indo embora e não queria começar nada. Ele estava errado, é claro; já tínhamos começado alguma coisa e eu não queria que acabasse.

— Fica comigo agora. — eu repeti. — Agora é o que importa. Não é isso o que você tem dito para mim? Que cada momento é precioso?

Movi a minha mão mais para cima na coxa, sob o calção e ele gemeu baixinho.

Eu estendi a outra mão, deslizando meus dedos até seu peito nu, ao longo dos sulcos largos dos seus músculos, sentindo suas costelas sob a pele suave, acetinada.

Eu me ajoelhei, as duas mãos alcançando seu pescoço, acariciando os cabelos macios da sua nuca. Eu acariciei sua bochecha, roçando meu nariz em seu queixo, em seguida, lambendo do pescoço para o lóbulo da orelha e mordendo suavemente.

Ele explodiu em movimento, com as mãos em todos os lugares, me puxando em direção a ele - tocando, provando, moldando, apertando, acariciando.

Ele foi duro no começo, sua ânsia deixando-o desajeitado, seus lábios

machucando os meus. Em seguida, suavizou sua boca murmurando meu nome

contra a minha pele aquecida, deixando rastros quentes, beijos molhados em meus seios.

— Tão linda. — ele sussurrou. — Tão suave.

Ele deslizou as alças do meu biquíni dos meus ombros, beijando a pele avermelhada pelo sol, com ternura. Sua mão tremeu quando ele levantou-a para o meu peito, tocando-o suavemente, engolindo meu gemido de prazer quando sua língua lambeu a minha.

Sua mão livre se atrapalhou nas minhas costas, tentando e falhando em desfazer o fecho. Estendi a mão e abri, meus seios ficando livres. Ele arquejou um pouco e, em seguida abaixou a cabeça, fazendo uma pausa, como se pedindo permissão, em seguida, passando a língua em volta do meu mamilo, aquecendo, umedecendo, puxando-os com os dentes.

Desejo construiu dentro de mim, pulsando suavemente, e eu agarrei seus quadris, meus dedos cavando na pele que cobriam o osso. Quando eu empurrei minhas mãos sob o cós da cueca, ele sussurrou com prazer.

Ele chupou meu pescoço e meus seios nus empurraram para seu peito enquanto eu arqueava as costas para seu toque.

Erguendo a cabeça lentamente, ele colocou as mãos em volta do meu rosto.

— Diga-me de novo. — ele implorou. — Diga o que você disse.

Minha mente estava girando com o seu toque e seu gosto, tremendo de desejo. Eu sabia o que eu queria, mas eu também sabia que ele *precisava*.

— Eu te amo. — eu repeti. — Tanto.

Um grito suave escapou dele, e seus lábios estavam nos meus novamente; perguntando, levando, respondendo.

Eu o empurrei para trás suavemente, até que ele estava deitado contra o saco de dormir. Seu peito subia e descia rapidamente, e a lua brilhante destacava as maçãs do rosto e o oco de sombra abaixo.

Eu me inclinei para frente, as minhas mãos apoiadas em ambos os lados do seu corpo e beijei do seu estômago até o peito. Ele tremia a cada toque, respirações ofegantes escaparam dele enquanto suas mãos pairavam sobre as minhas costas, acariciando minha pele com cautela.

Quando levantei do seu corpo, ele pegou meu seio em sua boca, sugando avidamente até que eu estivesse uma bagunça molhada, gemendo espalhada em cima dele.

Ele me rolou suavemente para o meu lado, meu quadril direito cavando na areia, minha coxa esquerda arrastando ao longo da sua cintura.

Ele estava quente e sólido entre as minhas pernas, esfregando suavemente contra mim. Em seguida, as pontas dos dedos dançaram ao longo da minha coluna, deixando calor na superfície onde ele tocava. Ele brincou com o material da parte debaixo do meu biquíni, mais uma vez pedindo permissão.

— Sim, me toque. Toque-me em todos os lugares.

Seus dedos desceram e meu corpo se arqueou de repente quando ele chegou ao calor úmido entre as minhas pernas. Ele esfregou suavemente no início, depois com aumento de velocidade e força conforme meu corpo convulsionava ao redor dele.

Seus olhos estavam arregalados, olhando para o meu rosto enquanto eu gozava.

Eu rolei para trás, ofegando no momento em que Cody recheava meu queixo, bochechas, pescoço, mimando meus seios com beijos lânguidos e longos conforme eu flutuava de volta a Terra.

— Não. — eu disse, em voz baixa.

Seu corpo estava tenso de repente. — Não, o que? — ele perguntou com cautela.

— Não, nós não terminamos. — eu disse, com voz rouca. — Não por um longo tempo.

Eu tirei a parte de baixo do meu biquíni joguei para trás. Então eu estendi a mão para segurar a ereção que levantava seu short. Todo o seu corpo estremeceu e ele fechou os olhos.

Eu pensei que ele fosse discutir, mas no momento que eu coloquei

minha mão dentro da cueca, ele perdeu o poder da fala. Ele era suave e duro, sólido e sedoso, contraindo-se sem descanso contra a palma da minha mão.

Puxei o calção para baixo e ele me ajudou levantando o bumbum do saco de dormir, e livrando-se dele.

Eu explorei seu corpo com as minhas mãos e língua, aprendendo cada mergulho e curva, cada músculo duro e tecidos moles, cada ponto delicado, e os lugares que o faziam gemer e suspirar. E então eu coloquei o seu eixo longo e grosso na minha boca, e quando eu olhei para cima, eu podia ver os tendões em seu pescoço enquanto ele cerrava os dentes.

Uma linha fina de suor irrompeu através do seu corpo, fazendo sua pele brilhar à luz da fogueira laranja.

Ele lutou contra o seu próprio impulso para agarrar-me com força, as mãos cavando o saco de dormir e torcendo-o em seus punhos.

Percebendo que ele estava prestes a gozar, eu abrandei, lambendo uma última vez antes de ajoelhar e escarranchar em seus quadris.

— Eu não... tenho... nada. — ele suspirou, quando sorri para ele.

— Você não precisa de nada. — eu disse, beijando os lábios entreabertos. — Eu cuidei disso.

Eu deslizei em cima dele, ofegando ligeiramente com a plenitude, a conexão, o toque ardente de um homem dentro de mim - de Cody dentro de mim.

Suas grandes mãos agarraram meus quadris e ele dobrou os joelhos, dando-me um melhor apoio. Mexi mais forte e rápido e de forma egoísta, querendo sentir tudo de uma vez. Minha barriga se agitou, um aperto e leveza

piscando ao longo da minha espinha. Estrelas acima e estrelas abaixo, meu corpo mexia-se cegamente, encontrando uma fluidez punitiva quando gozamos juntos. O corpo de Cody agitou-se debaixo de mim e eu gritei. Seu próprio soluço mudo e atônito.

Caí em cima dele, minha respiração quente umedecendo sua pele. Seus braços envolveram-me e ele me abraçou com força.

— Eu te amo. — gaguejei, enquanto seus braços me apertavam com

mais força.

Ficamos deitados juntos, um emaranhado de braços e pernas, relaxados, de corpo e alma. Meus dedos desenharam padrões preguiçosos em seu osso ilíaco e Cody suspirou satisfeito.

— Eu nunca soube. — disse ele, beijando meu pescoço.

— O que você não sabia?

— O tanto que era bom.

Fiz uma pausa no meu afago estúpido feliz.

— Essa foi a sua primeira vez, não foi?

Ele tossiu uma risada. — Foi tão óbvio?

— Não. — eu disse, com sinceridade. — Foi muito bom. Estou surpresa que nenhuma garota te pegou antes.

E embora eu não admitisse, eu estava tonta com o prazer de ser a primeira.

— Mas a noite ainda não acabou. — eu disse. — A menos que você queira.

Ele balançou a cabeça lentamente. — Eu nunca mais quero que esta noite acabe. Nunca. — então ele fez uma pausa. — Vai ser o meu aniversário em poucas horas.

— O que? — fiquei chocada e um pouco magoada por ele não ter mencionado isso antes. — Por que você não me disse!

— Eu não estava pensando em celebrá-lo. — ele falou, simplesmente.

— Mas isso é uma grande coisa! Agora você é apenas três anos mais novo que eu.

Ele riu suavemente. — Eu gosto de ser seu menino brinquedo.

— Bom, porque eu quero fazer isso de novo. — eu disse.

E nós fizemos, dormimos, acordamos, fizemos amor, a noite inteira.

O amanhecer estava se aproximando quando finalmente deixamos a praia, exaustos e saciados.

Cody dirigiu lentamente para o meu apartamento, sentindo a mesma relutância que eu sentia de deixar esta noite perfeita acabar.

Quando ele parou, ele agarrou meus braços e me puxou em direção a ele, beijando-me profundamente e desesperadamente, sem vontade, incapaz de me deixar ir.

Senti as lágrimas em meus olhos, e eu não sabia por quê.

— Eu gostaria... — eu comecei a dizer.

Mas Cody me interrompeu. — Não, não desejo mais nada. Tínhamos
10

desejos e todos os meus se tornaram realidade. Isso é suficiente para mim.

Beijei-o de novo e de novo, e não havia mais nada a dizer.

Saí com cansaço da cabine depois de assolar seus lábios pela última vez.

— Eu te amo. — eu disse.

— Eu te amo até as estrelas e além. — ele respondeu.



Capítulo Dez

Eu não podia esperar

para ver a expressão de Cody quando eu aparecesse com seus muffins de mirtilo favoritos. Eu sei que ele tinha dito repetidamente que não comemorava seu aniversário, mas não havia nenhuma maneira de ele recusar muffins recém-assados. Não quando eram seus favoritos.

Mesmo que tenha chegado em casa depois do amanhecer, eu não tinha conseguido dormir. As lembranças da noite anterior lotaram a minha mente; o jeito que ele me tocou, a maneira que tínhamos tocado um ao outro. Cada beijo, cada carícia, cada riso, cada segundo de uma noite mágica. Nunca tinha sido assim antes.

Eu ainda estava meio surpresa quando ele me disse que era a primeira vez dele. Era algo que não encaixava. Como pode um cara tão sexy como Cody, e tão doce, não ser disputado por meninas com um bastão? Eu estava mais do que feliz que tivesse sido eu com ele ontem à noite - mas por quê?

Não que isso importasse - não quando nos sentimos tão incríveis.

Eu ainda estava sorrindo quando virei na sua rua.

Eu vi o carro da polícia primeiro e me perguntei se alguém tinha sido assaltado. Mas enquanto me aproximava, pude ver que havia uma ambulância, também.

A sensação de frio se arrastou até a minha espinha e eu agarrei o volante com força.

Eu tive que estacionar várias portas para baixo, porque o carro da polícia e da ambulância estavam ambos fora da casa de Cody. Meus joelhos estavam fracos conforme saía do carro e corria em direção a eles.

Uma policial me parou, contendo com seu braço.

— Você não pode entrar, senhorita.

— Mas o meu namorado mora aqui. Cody Richards. Tenho muffins. — eu disse, estupidamente. — É o seu aniversário.

A oficial me deu um olhar de tanta simpatia que eu comecei a me sentir desesperada.

— Um momento.

Ela virou-se e falou no rádio da polícia. Ele chiou e crepitou, então ela acenou para eu seguir em frente.

Uma mulher estava em pé na porta e eu soube imediatamente que esta era a mãe de Cody. Ela tinha o mesmo cabelo preto e olhos azuis marcantes.

— Ava? — ela perguntou.

Eu balancei a cabeça em silêncio, muito sufocada para falar.

— Eu sou Sarah, a mãe de Cody. É melhor você entrar. — ela disse, em voz baixa.

Eu a segui até a sala e fiquei tensa em frente ao sofá surrado.

— O que está acontecendo? Cody está bem? Onde ele está?

Seus ombros começaram a tremer e eu soube, eu soube. Ela tentou falar, mas não conseguiu, e, em seguida, colocou as mãos sobre o rosto e começou a chorar. Puxei-a em meus braços, esta estranha que parecia tanto com o homem que eu amava, e a segurei.

E as lágrimas estavam escorrendo pelo meu rosto também.

Nos abraçamos por um longo tempo antes que qualquer uma de nós tentasse falar.

Ela me passou um lenço de papel e nós duas, meio-rindo, meio-soluçando, enxugamos o rosto manchado.

— Cody... morreu esta manhã. — disse ela, por fim.

Mesmo que eu soubesse o que ela ia dizer, eu não podia, *não podia* acreditar.

— O que aconteceu? — eu perguntei, com voz trêmula.

Ela soltou um longo suspiro, então se virou para mim.

— Sente-se comigo, Ava.

Exausta e ferida, longe, muito longe de gritar, com lágrimas ameaçando a fluir novamente, eu me sentei ao lado dela.

— Cody tinha câncer. Ele estava lutando contra isso desde que ele tinha 13 anos.

*Quando eu tinha 13 anos, alguém que eu conhecia bem teve câncer -
você poderia dizer que foi uma experiência de mudança de vida.*

Oh, Deus! Ele estava falando de si mesmo.

— Ele fez radioterapia e a quimioterapia, parecia tê-lo curado. Ele perdeu todo o cabelo e perdeu um monte de escola, mas nós pensamos que ele estava melhorando. Ele melhorou por um tempo. Mas no ano seguinte voltou. Por isso, foram mais hospitalizações, mais tratamentos - tratamentos dolorosos e invasivos. O pai de Cody não conseguiu aguentar e, eventualmente, nos deixou. Cody se culpava por isso, mas na verdade seu pai simplesmente não tinha forças para ver seu filho sofrer mais. Alguns dias, nem eu. Mas Cody era tão forte, como um lutador.

Eu balancei a cabeça lentamente. — Ele queria viver.

Sarah deu um pequeno sorriso. — Sim, ele queria. Ele queria experimentar a vida... antes de morrer. — ela suspirou. — Ele perdeu a maior parte do ensino médio, porque estava muito doente, mas insistiu que não seria um desistente e ele conseguiu o seu GED17. Qualquer faculdade ficaria feliz em tê-lo. Mas ele sabia que não tinha tempo.

Ele disse isso. Ele tentou dizer-me: *A vida é muito curta para viver com arrependimentos.*

— O câncer voltou.

— Sim. Pela terceira vez. Os médicos queriam dar-lhe mais tratamentos, mais quimioterapia. Mas Cody não queria isso. Ele disse que estava cheio de hospitais, e que passaria seus últimos meses curtindo a vida, não esperando a morte. Quando eu tive a chance de um emprego em San Diego, ele me fez aceitá-lo. Ele disse que seria um novo começo para nós dois, mesmo sabendo que ele não tinha muito tempo de vida. E ele nunca tinha deixado Kansas.

Eu estava chorando de novo, enquanto ela contava sua história.

— Nós realmente não tínhamos nenhum amigo para deixar para trás - muitos anos passados em hospitais, suponho. Cody adorava viver aqui, por causa do oceano. E então ele conheceu você.

Sarah segurou a minha mão com força.

— Você o fez tão feliz, Ava. Eu nunca o tinha visto daquele jeito - como um menino normal, na adolescência, apaixonado pela primeira vez.

Eu fiz um pequeno som, sufocando, e ela me puxou para seus braços.

— Ele era. Ele a amava tanto. Estes últimos dois meses... eu sou tão grata.

17 Teste que mede a proficiência em ciências, matemáticas, estudos sociais, leitura e escrita. Passar no Ged dá aos que não completaram o ensino médio (high school), a oportunidade de conseguir um diploma equivalente, na maioria dos Estados Unidos e Canadá.

— Por que ele não me contou? — solucei.

— Porque você deu a ele uma vida real que não tinha nada a ver com a doença e hospitais. Você o amava por ele mesmo. Você realmente o amou, não é?

Eu assenti com a cabeça, mas não conseguia pronunciar as palavras.

Descansei minha cabeça em seu ombro, enquanto as lágrimas continuavam a cair.

— Ele decidiu há muito tempo que, quando o câncer comesse a ganhar, ele iria... a frase que ele usava era: 'sair do jogo'.

— O quê?

— Cody não queria voltar para o hospital. Nunca. Ele tinha visto o suficiente da morte; ele sabia exatamente o que esperar, e ele não queria isso. Então, ele havia coletado as pílulas que ele precisava para terminar as coisas em seus próprios termos.

— Meu Deus!

— Não, não, não! Ava, ele estava feliz. *Você* o fez feliz. Eu o vi esta manhã, quando chegou em casa - estava brilhando. Ele disse que teve um dia perfeito, e que ter dezenove anos era melhor do que ele esperava. Nós rimos, e eu estava tão feliz de vê-lo assim, porque os médicos lhe disseram que seria um milagre se ele vivesse até 19 anos, mas ele provou que estavam errados, não é? Ele me abraçou e disse que me amava, e eu acho que eu soube na hora, mas eu não quis acreditar. — ela fez uma pausa, enxugando os olhos. — Quando acordei, ele tinha ido embora. Ele fez a escolha dele, Ava. Sua escolha em seus termos. Ele escreveu-lhe uma carta.

Eu não conseguia nem falar. Eu olhei para ela, meus olhos doendo enquanto pegava o envelope, abrindo-o com as mãos trêmulas.

Ei Ava,

Aposto que você está muito brava comigo agora.

Sinto muito. Eu sei que é meio mancada o que eu fiz, mas estou falando sério. Desculpe-me, menti para você. Desculpe-me, por te machucar. Eu estava muito envolvido antes que eu percebesse o que estava acontecendo.

Eu sei como isso é egoísta - não contar, e o que eu fiz. Mas eu só queria ter um verão em que eu fosse normal. Eu não queria que você olhasse para mim do jeito que todo mundo olhava, desde que eu tinha 13 anos. Eu podia ser eu mesmo com você - ou pelo menos a pessoa que eu teria sido sem o Grande C.

Este verão foi o melhor de toda a minha vida. Por causa de você.

Eu tentei muito não me apaixonar por você, mas isso foi impossível.

E ontem a noite! O que posso dizer? Só que eu não sabia que poderia ser assim. Estar com você - fazer amor com você - nunca pensei que pudesse ter isso. Eu nunca pensei que a vida poderia me dar algo tão bom. Foi um dia perfeito e o final perfeito para um dia perfeito. Não adianta tentar superar a perfeição, certo?

E eu tenho 19 anos afinal de contas. Eu nunca pensei que isso iria acontecer.

Deve parecer que estou desistindo de você justo quando as coisas estavam ficando boas. Espero que você me perdoe por isso. Eu sei que a mamãe vai te contar sobre tudo. Ela é muito maravilhosa. Mas o que nós tivemos... o que você me deu... eu não queria que você fosse a pessoa que ficasse por perto assistindo-me morrer, e isso é o que teria acontecido se eu tivesse ficado mais tempo.

Você foi a pessoa que me fez viver. Vou sair daqui com um sorriso no rosto, e isso me faz um vencedor.

Eu nunca quis te magoar e eu sei que eu fiz. É a única coisa que eu lamento, deixar você com essa dor.

Ava, eu sei que eu não tenho o direito de pedir qualquer coisa a você, mas eu vou de qualquer maneira: não fique triste por mim, porque eu estou muito feliz agora. Vou sair com uma nota alta, e nem todo mundo pode dizer isso. Viva para mim, garota bonita, porque você tem tanta vida em você, tanto amor em você. Viva a melhor vida que você puder. Uma boa vida. Faça isso por mim, mas, mais ainda... faça isso por você.

Eu te amo, Ava Lawton. Melhor. Garota. De. Todas.

Cody x

As palavras borraram, enquanto as lágrimas encheram meus olhos novamente, mas então eu vi um segundo pedaço de papel no envelope: nossa lista de desejos de verão.

Todos os itens estavam riscados. Todos aqueles sonhos loucos que passamos, um por um:

1. Fazer uma tatuagem. ✓
2. Nadar com golfinhos. ✓
3. Ficar bêbado e drogado em Tijuana. ✓
4. Ter uma estrela com o meu nome. ✓
5. Passeio através do Monument Valley. ✓
6. Dormir sob as estrelas. ✓
7. Saltar de um avião. ✓
8. Conhecer um curandeiro indígena. ✓
9. Ajudar em um abrigo. ✓



10. Fazer sexo na praia. ✓

Mas então percebi que um outro desejo foi adicionado à lista. Ele havia sido marcado e tinha um grande rosto sorridente desenhado ao

lado dele.

11 Apaixonar-se. ✓✓✓✓✓



Epílogo

Mais de 100 pessoas

compareceram ao funeral de Cody. Mesmo que ele só tenha vivido em San Diego durante alguns meses, ele fez um grande impacto. Isso me fez perceber que não era a quantidade de vida que importa, mas a qualidade e a forma como você vive.

Havia pessoas que passeavam com cão do parque, um grupo de pessoas do abrigo, vizinhos, pessoas que ele tinha conhecido em cafés e na praia. Todos pareciam querer lembrar um pedaço da alegria e do amor que ele tinha compartilhado com eles.

Ele era amado...

É por isso que eu estou aqui com o meu cartão de embarque na mão, esperando para voar 11.000 quilômetros para Florença. Eu vou viver o

meu sonho. Eu estou indo para a Itália, eu vou aprender italiano e estudar a História da Arte em uma das mais belas cidades do mundo. Eu vou fazer todas as coisas que eu tinha medo de fazer antes, porque eu aprendi que a vida é preciosa e cada dia importa. Cada dia, eu vou escolher ser feliz.

Cody bateu em minha vida como uma onda do mar gigante. Ele mudou tudo. E eu sinto falta dele pra caramba.



Mas, então, eu o vejo. Eu acho que o vejo. Do outro lado da multidão, girando entre o rio humano, um flash de olhos azuis. Aquele sorriso, aquele amor de vida, um choque de cabelo preto. Eu o vejo e, em seguida, ele se foi, em algum lugar do mar de rostos. Foi, mas nunca esquecido. Porque a vida é uma jornada, não um destino.

Eu esfrego a pequena tatuagem no meu pulso, e eu sorrio.

Fim

Document Outline

- [Playing](#)